

2 : 4 3 : 5 0

OPERAÇÃO
PORTUGA

CINCO HOMENS
E UM RECORDE
A SER BATTIDO

SÉRGIO XAVIER FILHO



ARQUIPÉLAGO
EDITORIAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SÉRGIO XAVIER FILHO

OPERAÇÃO PORTUGA

CINCO HOMENS E UM RECORDE A SER BATIDO

Porto Alegre – 2011



© Sérgio Xavier Filho, 2010

Capa

Paola Manica

Preparação

Pedro Gonzaga

Revisão

Rodrigo Breunig

Tito Montenegro

Todos os direitos desta edição reservados a

ARQUIPÉLAGO EDITORIAL LTDA.

Avenida Getúlio Vargas, 901/1604

CEP 90150-003

Porto Alegre — RS

Telefone 51 3012-6975

www.arquipelagoeditorial.com.br

Sumário

[Introdução 4](#)

[Peguem o Portuga! 6](#)

[Eu sou a lenda 10](#)

[A maldição da gaiola 22](#)

[Universidade dos atletas 38](#)

[Tempo de treinar 42](#)

[Coração na boca 58](#)

[Atleta Richards 70](#)

[Cavalo de raça 80](#)

[Os sub-3h 86](#)

[Explosão em Trancoso 100](#)

[Berlim, 20 graus 110](#)

[Chicago abaixo de zero 122](#)

[Beau Geste 130](#)

[A história da história 141](#)

[Valeu 151](#)

[Todos os tempos 153](#)

[Os recordes da turma 156](#)

[Caderno de Fotos 157](#)

Introdução

Este livro não é sobre corrida. É sobre gente. Traz histórias de competição, superação e camaradagem. O esporte entra apenas como o pano de fundo para contar os caminhos cruzados de seis sujeitos.

Portuga é Amílcar Lopes Júnior. Filho de portugueses, dono da Água Mineral Petrópolis, precisa da adrenalina da competição para tocar o barco.

Lelo é Marcelo Apovian, um publicitário que se tornou o maior esquiador brasileiro. Um gravíssimo acidente o deixou quase inválido. A corrida o ajudou a voltar a viver.

Tomás Awad é um administrador que opera no mercado financeiro. Tem jeitão de sedentário tímido. Engano. Corre forte, compete com a faca entre os dentes.

Guto é José Augusto Urquiza. Campeão de hipismo, descobriu que ia mais longe sem o cavalo. Engenheiro de finanças, achou na corrida a motivação de que precisava para o seu dia a dia.

Felipe Wright corre menos do que os outros. Mas sua história de vida acaba inspirando os amigos.

Marcos Paulo Reis é MPR, o técnico de todos eles. É na sua assessoria esportiva que tudo acontece.

Em dezembro de 2008, Marcos Paulo Reis criou o “Desafio do Portuga”, uma gigantesca gincana esportiva para bater um tempo de maratona de Amílcar. Poderia ter sido somente uma grande brincadeira. Não foi. Lelo, Tomás e Guto levaram a sério a provocação. E por dez meses incorporaram o espírito dos atletas profissionais.

Peguem o Portuga!

Restava um lugar à mesa, e nada de ele chegar. A comida estava por vir, as garrafinhas de água e as latas de Coca Zero já tinham secado. Tudo combinado e pactuado, ninguém precisava dele. Mas sem sua presença, o almoço ficaria incompleto. Lelo sacou o iPhone e disparou:

— Vamos lá, Portuga, está todo mundo aqui.

Cerca de vinte minutos mais tarde, o empresário Amílcar Lopes Júnior apontou no restaurante Dressing, lugar de fechar negócios, de ver e ser visto pela elite paulistana. Entrou sorridente, seguro. Sabia que eram cinco contra um. Ele era o um. Ele era o homem a ser batido. Mas a confiança em seu feito estava inabalável.

Amílcar, filho de portugueses e por isso Portuga, sentou-se. Aparentava ter menos do que os 45 anos registrados na carteira de identidade. Parecia bem mais alto do que os outros. Em sua cadeira, havia uma almofada especial que o fazia gigante. Dois anos antes, havia cravado 2h43min50 na Maratona de Chicago. Tinha sido o 320º dos 33.659 que concluíram os 42.195 metros da prova. Apesar da idade avançada (43 anos então), conseguiu um tempo de menino. Mesmo administrando a Água Mineral Petrópolis, na zona sul de São Paulo, tinha arranjado tempo para treinar e obtido uma marca quase de profissional. Nos vinte anos da assessoria esportiva MPR, de Marcos Paulo Reis, nenhum dos amadores havia corrido tão rápido uma maratona. Não foram poucas as tentativas. Marcos Paulo terminou o ano de 2009 com mais de 1.400 corredores sob sua orientação. Ao longo do tempo, o técnico já deve ter treinado cerca de oito mil pessoas. Nenhuma tinha feito a maratona abaixo de 2h45.

Portuga não conseguia tirar o sorriso da cara. Estava sentado diante de seus desafiantes. Talvez até sentisse medo de ver seu recorde no chão, mas estava inebriado pela homenagem. Cinco contra um. E ele era o um. Marcos Paulo tinha se cansado das fanfarrônicas do seu aluno mais brilhante, mais teimoso e menos humilde. Resolveu derrubar o tempo alcançado em outubro de 2006 na Maratona de Chicago. Com a ajuda de seu sócio e treinador Fabio Rosa, garimpou entre os seus alunos os três de maior potencial, três corredores com chances reais de fazer uma maratona abaixo de 2h43.

Naquela quinta-feira nublada de dezembro de 2008 estavam todos ali. Sentados no Dressing, além do Portuga, de Marcos Paulo e de Fabio Rosa, os três desafiantes: Lelo, Guto e Tomás. Três corredores na faixa dos 35 anos, idade ainda excelente para maratonistas. O declínio físico de qualquer atleta já começa após os 30 anos, mas a experiência adquirida pode anular o envelhecimento das células.

Por ser uma prova longa, a maratona costuma exigir um preparo mental adquirido somente com o passar dos anos. Os mais experientes aprendem a conhecer seus limites, a suportar a dor por mais tempo. Sabem que a dor do esforço não é necessariamente crescente em uma prova. Ela vai e volta, aumenta e diminui. Esse autoconhecimento aumenta quando corremos muitas vezes por longas distâncias.

Por isso é raro ver grandes maratonistas com menos de 30 anos. O recorde mundial da distância foi alcançado em outubro de 2008 pelo etíope Haile Gebrselassie. O primeiro homem a correr uma maratona abaixo de 2h04 tinha 35 anos. Haile cravou 2h03min59 e não deixou dúvidas de que os maratonistas são como vinho, melhoram com o tempo. Com limites, é claro. São raríssimos os casos de maratonas importantes vencidas por atletas com mais de 40 anos.

Lelo, Guto e Tomás falavam pouco. Pareciam tímidos. Ou desinteressados. Quem monopolizava a conversa eram os dois

falastrões do grupo, Marcos Paulo e Portuga.

— Precisou juntar três moleques para buscar o meu tempo, Marcão? Não se preocupe, vou mandar um fotógrafo com flash para pegar a chegada deles. Já vai ser noite quando cruzarem a linha...

— Chega, Portuga. Agora acabou. Eles vão buscar o seu tempo, pode esperar.

Os desafiantes se limitavam a sorrir diante das provocações. Sabiam o tamanho do Everest que teriam que escalar. Guto tinha feito 2h46min57 em Berlim no ano anterior; Lelo, 2h46min58 em Berlim, em 2004; e Tomás, um 2h48min54 na mesma edição de Chicago em que Portuga tinha estabelecido a marca mágica.

O silêncio dos desafiantes à mesa estava diretamente relacionado à matemática. Os três eram bons de conta. Quem corre sabe da dificuldade de baixar segundos quando os limites do corpo se aproximam. Abaixo das três horas de tempo final em uma maratona, cada minuto equivale a uma eternidade. Reduzir mais de três minutos em relação ao recorde pessoal de cada um era tarefa complicadíssima.

O almoço terminou com a tarde avançada. Cada um pagou sua parte da conta, exceção do Portuga, que chegou apenas para o café. O pacto deixou Amílcar ainda mais confiante. Nenhum daqueles três parecia ter condições reais de quebrar seu recorde. Talvez o publicitário Marcelo Apovian, o Lelo, o mais rápido em distâncias curtas. Lelo tinha sido esquiador profissional, disputara duas Olimpíadas de inverno pelo Brasil. Cabeça de atleta profissional. Mas Portuga achava que Lelo queimaria a largada, sairia rápido demais e perderia fôlego no final. O engenheiro José Augusto Urquiza, o Guto, não o preocupava. Nem o administrador Tomás Awad, um tanto desajeitado, na sua opinião.

Marcos Paulo saiu preocupado do almoço. Havia bolado tudo como uma brincadeira, só que o objetivo era autêntico. Estava realmente cansado da ladainha do Portuga, que, apesar de ser seu atleta, era

um mau exemplo para o resto da tropa. Teimoso, autônomo, Amílcar nunca tinha seguido realmente as suas orientações. Corria do jeito que bem entendia. Saía forte, não se hidratava nas provas, como preconizava a equipe da MPR. Marcos Paulo, apesar da amizade de mais de vinte anos, queria ver o Portuga pelas costas. O problema é que os desafiantes não demonstravam grande entusiasmo. Nenhum dos três exibia “sangue nos olhos” no almoço. Pareciam descompromissados.

Pareciam, apenas pareciam. Embora amadores, Lelo, Guto e Tomás já faziam parte da nata da corrida brasileira. Depois dos profissionais que brigam nas provas pelo pódio (e, sobretudo, pelo prêmio em dinheiro) como por um prato de comida, vinha essa elite “amadora”. Gente bem-sucedida profissionalmente que encontrou na corrida um jeito de exercitar o instinto competitivo. Lelo, Guto e Tomás eram assim. Os três raciocinaram que rebater as provocações do Portuga não levaria a nada. Se não conseguissem bater o recorde, a onda de deboche viraria tsunami. Melhor ficar quieto e treinar. Treinar muito.

O PORTUGA

Eu sou a lenda

Não parecia real. A linha de chegada, o tapete eletrônico que lê o chip do tempo, tudo aquilo logo à frente. Amílcar Lopes Júnior levantou a cabeça e conferiu o relógio: 2h43min50. O Portuga sabia que estava virando lenda naquele instante. Um tempo em maratona que nunca imaginou alcançar: seria o primeiro da turma de corrida em São Paulo.

Cruzou a linha mais perplexo do que propriamente feliz. Foi conduzido para uma sala de massagem e recebeu uma atenção de príncipe. Apenas os profissionais haviam chegado antes, e eles já tinham suas próprias equipes de apoio. A sala de massagem estava quase deserta, Portuga era um dos primeiros. Como se fosse o próprio queniano Robert Cheruiyot, vencedor da Maratona de Chicago, em 2006, o Portuga foi deitado na maca e recebeu massagem de muitas mãos.

Não dava para acreditar. Aquele 22 de outubro começara de uma forma especial: frio, sem chuva, o dia perfeito para uma maratona. Portuga, já na largada, desconfiava que era dia de acelerar. Os primeiros cinco quilômetros foram vencidos em dezoito minutos. Rápido demais para quem tinha como melhor tempo de maratona 2h48, conquistado dois anos antes na mesma Chicago. Nos 10 km, Portuga seguia voando: 37 minutos. Muito rápido. A metade do percurso foi atingida em 1h19min20, o que projetava uma maratona em 2h38min40. Portuga não tinha esse combustível todo no tanque, mas conseguiu administrar mais lentamente a segunda perna da corrida para terminar nas 2h43min50.

* * *

Não era a primeira vez que o biólogo Amílcar Lopes Júnior se sentia uma lenda do esporte. No final dos anos 80, teve a certeza de que, como corredor, estava acima da média. Havia sido um bom jogador de handebol, tinha tentado o salto triplo e descoberto que não passava de um atleta esforçado. Mas quando passou a competir no triatlo, que dava então seus primeiros passos no Brasil, encontrou sua verdadeira vocação esportiva.

Amílcar contava com uma boa velocidade, alguma força, mas acabou se destacando no triatlo por uma outra razão: adorava sofrer. Quanto maior fosse a dor, melhor. Na natação, ciclismo e corrida, não respeitava os sinais que o corpo enviava insistentemente. A dor do esforço nada mais é do que o conta-giros do motor indicando que o limite foi atingido. Desobediente, o Portuga ignorava luzes amarelas e vermelhas. O triatlo premia gente assim.

Em 1988, pegou seu Escort XR3, acomodou no rack uma moderna bicicleta com "roda fechada", privilégio na época reservado apenas aos ciclistas abonados, e partiu para Ribeirão Preto. Os principais nomes do triatlo brasileiro não estavam inscritos na prova e Amílcar sonhava terminar no pelotão da frente. Não fez grande coisa no 1,5 km de natação, a água nunca fora seu forte. Melhorou nos 40 km de bicicleta, o suficiente para encostar no quinto colocado. Ao sair para a corrida, foi jantando adversário por adversário. Já no quinto quilômetro dos dez de corrida, passou o líder e colou no carro-madrinha que carregava o cronômetro. Aquilo parecia estranho demais. Ele estava na frente, primeirão em uma prova de verdade.

Venceu a corrida, ganhou troféu, tênis e roupas. Premiação, literalmente, em praça pública, com o prefeito do município na solenidade. O pacote de prêmios incluía ainda uma estação gigante de musculação. Portuga fez as contas e percebeu que gastaria mais no frete de caminhão para levar o mimo a São Paulo do que o valor do equipamento em si. Declinou da oferta. Mais do que os prêmios,

ganhou confiança. Descobriu que podia ser forte no momento em que a maioria fraquejava.

Na época, estudava Biologia na PUC de Campinas. Morava na cidade do interior paulista e aproveitava o tempo livre para treinar. Antes, em São Paulo, os períodos para fazer exercício eram mais escassos. Na adolescência, havia trabalhado como entregador de bebidas na distribuidora que Amílcar pai tinha no Itaim, um bairro residencial da capital. O pai, que saiu de Portugal nos anos 1930 para fugir das dificuldades do governo Salazar, tinha sido conferente de caminhão na fonte da Água Mineral Petrópolis, na zona sul da capital. Achava que o futuro da família estava na fonte. Vendeu a distribuidora do Itaim e conseguiu comprar a Petrópolis. Amílcar Júnior passou a trabalhar na empresa. A opção pelo curso de Biologia fazia todo o sentido para quem seria o herdeiro de uma empresa que engarrafava água.

De ajudante do pai a responsável pela parte industrial da Petrópolis foi um passo. Amílcar, muito jovem, virava executivo. O esporte era uma forma de suportar a pressão de tanta responsabilidade aos vinte e poucos anos. Estava encantado com o triatlo, ouviu falar de um carioca magricela que poderia ajudá-lo a montar os treinos. Marcos Paulo Reis já orientava alguns triatletas profissionais. Portuga seria um dos primeiros clientes da MPR, que então estava começando.

As informações técnicas em um mundo pré-internet chegavam a conta-gotas. Segundo a filosofia geral da época, performance se adquiria com volumes enormes de treino. Amílcar não reclamava, pelo contrário, gostava. Acordava às cinco horas da manhã para pedalar na estrada. No almoço, nadava uma hora perto do trabalho, mais uma hora de corrida depois do expediente. Era a rotina de quase todos os dias. O total semanal batia em cerca de 500 km de pedal, mais de 100 km de corrida, fora a natação.

Nos campeonatos de triatlo e biatlo (5 km de corrida, 20 km de

bicicleta e 5 km finais de corrida), Portuga começava a se destacar. Em uma dessas competições de biatlo, em Boiçucanga, litoral de São Paulo, Amílcar terminou em segundo lugar. Na hora do pódio, Amílcar não foi chamado. Foi ver o que tinha acontecido e escutou do diretor da prova que tinha sido desclassificado porque aproveitara o vácuo do carro de apoio no trecho de bicicleta. Portuga enlouqueceu. Subiu no palanque, deu um bico no troféu e calou a caixa de som com uma "voadora".

Em um tribunal improvisado pela incipiente federação numa academia de natação, Portuga tomou um gancho e não pôde disputar a última etapa do campeonato em Itapira (SP). Teve a chance de vencer o campeonato de 1995, mas terminou em segundo, atrás de Alexandre Ribeiro, que, no milênio seguinte, se notabilizaria por vencer quatro vezes o Ultraman do Havaí (10 km de natação, 421 km de bicicleta e 84 km de corrida em três dias seguidos).

* * *

Portuga nunca fugia das encrencas. Nos anos 90, triatletas não tinham relações propriamente civilizadas com os ciclistas. As duas tribos paulistanas acabavam se encontrando nos mesmos locais de treino. Enquanto os ciclistas mantinham ritmos mais regulares, os triatletas trabalhavam variação de velocidade nos treinos de bicicleta. Nesses encontros de pelotão, com mais de vinte bicicletas envolvidas, saía faísca. Em uma manhã de treino, o grupo dos triatletas passou provocando os ciclistas. Um deles colocou o dedo na orelha do Portuga. Ato reflexo, Amílcar, sem parar de pedalar, puxou a bomba de bicicleta e a enfiou na cara do rival. O treino terminou em pancadaria na avenida. A pedalada virara *telecatch* generalizado.

Um dia a brincadeira toda perdeu a graça. Em 1996, o triatleta Patrick da Cruz foi atropelado por um caminhão na Marginal

Pinheiros, na altura da Ponte Cidade Jardim. Ele era um dos principais companheiros de treino do Portuga, que foi logo para o local. O corpo ficou ao lado da sarjeta por três horas até que a polícia autorizasse a remoção. Na semana seguinte, um outro triatleta perdeu a vida em um treino de bicicleta. Amílcar, que estava casado e já era pai, começou a repensar o esporte. Aquilo tudo ficava sem sentido. Por que treinar tanto para terminar embaixo de um caminhão?

Nessa época, Amílcar decidiu canalizar parte de sua energia para outra esfera. Na adolescência, tivera algumas experiências no kart. Estimulado pelos amigos, resolveu "brincar de piloto". Fórmula Fiat, Corsa, Stock Light e até duas edições das Mil Milhas de Interlagos. Amílcar Lopes Júnior podia não ser o mais rápido da classe, mas dava trabalho. Terminava em posições intermediárias, mas chegou a fazer alguns pódios. Costumava ser mais veloz na parte final da prova, quando o desgaste físico, agravado por temperaturas próximas aos 50 graus dentro do *cockpit*, derrubava o rendimento dos pilotos.

Portuga tinha parado de se arriscar na rua, mas continuava sendo um corredor e um ciclista. A diferença é que agora pedalava nos autódromos. Em viagens para outros estados, dava um jeito de enfiar sua bicicleta nos caminhões que levavam os carros de corrida. Depois dos treinos de classificação, trocava de capacete e pedalava forte no circuito. Ao contrário da maioria dos pilotos sedentários da época, Portuga seguia sendo atleta. E tirava partido disso nas provas. O gênio também seguia inalterado. Em uma sessão conjunta de treinos em Interlagos, onde se misturavam carros de duas categorias, se envolveu em um entrevero. Na mesma pista, o espaço era dividido entre os bólidos da Stock Car e as tartarugas da Fórmula Palio para as tomadas de tempo. Na altura do Laranjinha, Wilsinho Fittipaldi veio com tudo para ultrapassar Portuga. Wilsinho achou que Portuga demorou tempo demais para abrir e deixar o

Stock passar. Segundo Amílcar, Wilsinho o ultrapassou xingando e ainda o jogou para a grama. Foi só o tempo de voltar aos boxes para Amílcar subir na torre de controle e pedir uma punição para a atitude de Fittipaldi. Ao não ter o “requerimento deferido”, resolveu fazer justiça com os próprios pés. Entrou no boxe de Wilsinho chutando tudo e empurrando todos. Os mecânicos fizeram menção de atacar Portuga, que, já armado com uma chave de roda, ameaçou:

— Podem vir, mas decidam antes quem será o primeiro a levar essa chave de roda na cabeça. Porque vocês podem me pegar, mas alguém vai sentir isso aqui...

A turma do deixa disso arrefeceu os ânimos. E Portuga deixou o boxe do rival da categoria de cima. Mais tarde, Amadeu Rodrigues, que cuidava do carro de Amílcar, voltou ao boxe de Fittipaldi:

— Olha, cuidado com o Amílcar. Ele dá facada, tiro, melhor ir embora antes. Cheio de cautela, Wilsinho pediu para falar com Portuga e terminou resolvendo rapidinho a pendenga na base da conversa.

Um outro dia, essa brincadeira também perdeu a graça. Portuga já tinha capotado uma vez em Interlagos, seus amigos andavam se acidentando, começou a achar aquilo um tanto perigoso. Em 1998, Portuga resolveu tirar o pé do acelerador. Estava trocando a sapatilha de piloto definitivamente pelos tênis de corrida.

* * *

Era a hora de experimentar as maratonas. A primeira internacional foi em 1999. Acabou se decidindo pela difícil Nova York, com suas subidas e pontes. Marcos Paulo Reis recomendou um ritmo para terminar a prova em 3h10. Portuga queria mais. No dia, desprezou as ordens do treinador e estabeleceu seu ritmo. No final, o relógio falou português: 2h54min24.

Obediência, aliás, nunca foi o forte do Portuga. A orientação-

padrão dos técnicos de corrida de sair em um ritmo mais controlado para acelerar no decorrer da prova entrava por um ouvido e saía pelo outro.

— Não acredito em *split* negativo (segunda metade da corrida mais rápida que a primeira). Acredito em começar forte para depois administrar o tempo e a dor.

O tema hidratação é outro que recebe uma visão particular do Portuga. Ele defende que a água “pesa”, prejudica o rendimento do corredor. Quanto menos, melhor.

— Quando bebo demais, a água chacoalha lá dentro. Só vou beber o primeiro copinho lá adiante, depois da metade da prova. Gel é importante, mas o primeiro só tomo no quilômetro 28. E só levo dois sachês de gel em uma maratona...

O técnico Marcos Paulo Reis costuma recomendar o treinamento por zonas de frequência cardíaca. Com um monitor no peito e um frequencímetro no pulso, o corredor sabe se aquele determinado esforço é adequado ou não para o tipo do treino. Com o Portuga, Marcos Paulo sempre pregou no deserto:

— Nunca usei isso. Nunca usei GPS. Só uso um relógio que marca meu tempo. Não preciso de mais nada, conheço bem meu corpo.

A autossuficiência é apenas uma das características do Portuga. Outra, não menos marcante, é a ausência de humildade. Amílcar sabe que é um atleta amador muito acima da média e nunca fez o menor esforço para disfarçar isso. Talvez tenha até exagerado no personagem. O Portuga, alimentado pelo bom humor do próprio Amílcar, virou um super-herói da elite corredora de São Paulo.

Com o tempo de Nova York, Amílcar se tornava o mais rápido dos amadores da MPR. Em 2000, faria ainda melhor. Ele seguiu treinando forte e, em Chicago, anotou 2h48min13. Pobre Marcos Paulo, desde aquele momento já era a principal vítima das gozações do Portuga:

— Cadê sua garotada, Marcos Paulo, não tem ninguém melhor?

A lenda ficaria ainda maior em 2002. Portuga, que já era o rei da corrida, decidiu treinar para valer para o Ironman de Florianópolis. Seria referência também no triatlo. A competição, que prevê 3,8 km de natação, 180 km de ciclismo e 42 km de corrida, está no calendário mundial do triatlo. O Portuga estaria medindo forças não só com os principais triatletas do Brasil, mas também com gente forte de todo o planeta. Portuga nunca foi um campeão na natação, mas compensava a deficiência com uma boa pedalada e uma corrida excepcional. Nesse Ironman, correu a maratona em impressionantes 3h06, um tempo de atleta profissional. No total, 9h53min38. Com o resultado, Amílcar voltou de Florianópolis com mais do que uma medalha de participação; levou ainda um troféu. Terminou em quarto lugar na categoria 35 a 39 anos, resultado surpreendente para um amador que precisava cavoucar horários para os treinos em sua rotina de trabalho.

Mais do que lenda, Portuga era fonte de inspiração em um ambiente ultracompetitivo. O próximo passo era o Ironman do Havaí, privilégio para poucos eleitos. Apenas os 50 melhores de Florianópolis iriam para o Ironman original. Portuga era um deles. Tinha a vaga, o treino estava em dia, vontade não lhe faltava. O problema é que enquanto o "Portuga atleta" estava em sua melhor forma, o "Amílcar marido" enfrentava problemas. Com o casamento fazendo água, Amílcar abdicou do Ironman e armou uma viagem SOS. Iria com a mulher percorrer de moto o Sul da Europa. Meses depois, Amílcar estava em uma audiência na vara de família...

— Não adiantou nada a viagem. Não salvei o casamento e ainda perdi o Ironman. Fiz uma grande sacanagem comigo mesmo.

* * *

Portuga voltou à rotina de treinos, sem grandes objetivos até 2005. Nessa época, recebeu o telefonema de um amigo. Que tal participar do Le Tour Direct? Não sabia do que se tratava, mas logo

descobriu que o convite era uma tentação: empresários europeus começavam a organizar uma prova de endurance ciclístico, uma mistura de Race Across America (a tradicional prova de 4.800 km que atravessa os Estados Unidos de costa a costa) com o Tour de France. Seria praticamente o mesmo trajeto francês, só que percorrido dez dias após o Tour. A diferença era o "non-stop". A largada aconteceria na Holanda e equipes de seis ciclistas percorreriam 4.000 km, quase todos em terras francesas, passando por 500 cidades. Tudo sem parar para dormir.

Além da tentação do próprio desafio, os custos da aventura fizeram os olhos avaros do Portuga brilharem. Era tudo patrocinado. Cada equipe receberia isenção da inscrição, dois *motorhomes*, uma van de apoio, passagens aéreas, tudo sem custo. Duas equipes brasileiras estavam sendo montadas, uma de Santos (Brasil 1) e outra basicamente de São Paulo. Os ciclistas mais fortes da MPR entraram na Brasil 2. Além do Portuga, estavam na equipe Eduardo Sarham e Giovane Caldas.

Grupo fechado, muito treino. Era preciso. O trajeto do Tour de France é um dos mais exigentes do ciclismo mundial, com montanhas em que as subidas parecem não terminar. Portuga aproveitou as férias e ficou vinte dias em sua casa de Campos do Jordão. A mais de 1.700 metros acima do nível do mar, Campos é a cidade escolhida por Marílson dos Santos quando treina para suas maratonas. A preparação em altitudes elevadas é estratégia de atletas profissionais para melhorar a performance. Portuga chegava a percorrer 60 km diários, praticamente só de subidas.

Valeu a pena o sacrifício. A equipe Brasil 2 terminou em um honroso quarto lugar no Tour Direct. Gastou cinco dias, 21 horas e 50 segundos para percorrer os 4.000 km em revezamento. Ficou apenas cinco minutos atrás da terceira colocada, a Brasil 1, por mais que Portuga ainda hoje insista que terminou na frente dos rivais de Santos...

A experiência em 2005 talvez tenha servido de base para o grande resultado na Maratona de Chicago no ano seguinte. Portuga, ao contrário do que sempre fez e pregou, treinou moderadamente em 2006. Não exagerou na rodagem semanal. Ao rever recentemente suas anotações de 2006, espantou-se com o próprio comedimento. Foram apenas dois meses e meio de treinos específicos para Chicago. Eram de quatro a cinco treinos semanais, uma média de 60 km por semana. Pode parecer muito para quem se prepara para uma prova de 10 km, mas é pouco quando o objetivo é fazer uma maratona abaixo de 2h48. Era esse o plano de Amílcar. Queria, antes de mais nada, bater seu recorde pessoal. As 2h43min50 foram uma surpresa completa até mesmo para ele.

Depois do resultado de Chicago, ficou ainda mais fanfarrão. A partir dali, precisou reduzir drasticamente o volume de treino. Antigas dores receberam do médico nome e sobrenome: hérnia de disco. A localização do problema lembrava um jogo de batalha naval, entre a L5 e a S1. Amílcar precisava dormir no chão do quarto para amenizar o sofrimento. Para aliviar as fortes dores nas costas, começou a fazer Pilates, alongamento, teve que praticamente parar de treinar. Sem participar de provas, Amílcar mudou de esporte. Passou a atazanar Marcos Paulo e seus sub-3h sem dó. Não perdia uma chance de lembrar quem era o melhor tempo daquela turma. O super-herói se tornou assim o anti-herói no grupo da MPR. O Portuga alimentava a rivalidade, o desafio começava a se espalhar no boca a boca da corrida. Todos, não apenas os três desafiados, queriam ver seu tempo de Chicago na lata do lixo.

A maldição da gaiola

Crack! O ruído foi o de um galho se quebrando. Não havia árvores por perto, Lelo estava no chão, assustado com o inacreditável tombo. Ao descer a montanha na estação de esqui argentina de Las Leñas a mais de 50 km/h, ele saltou na neve, mas não aterrissou na pista. Entrou em um buraco que não fora aplainado pelas máquinas da estação na noite anterior e perdeu o controle dos esquis. Foram várias piruetas e cambalhotas. Em uma fração de segundos, ouviu apenas o som da neve sendo arranhada. E aquele barulho de galho se partindo. Depois, um imenso silêncio. Não havia ninguém por ali, eram as primeiras esquiadas de um dia ensolarado após uma semana inteira de nevascas e pistas fechadas.

Com o silêncio, o medo. Lelo executou o *checklist* que os grandes esportistas costumam fazer após um acidente mais sério. O primeiro item a conferir era a cabeça. No tombo, havia batido o capacete várias vezes na neve endurecida da manhã. Tudo certo. O bastão tinha se partido de uma forma nunca vista antes. Que acidente! Queria se levantar logo para ter certeza de que não havia lesionado a coluna na queda. Tentativa em vão. Quando olhou para as pernas, viu que havia se tornado um curupira. O pé esquerdo tinha virado 180 graus para trás, parecia ter vida independente do restante do corpo. Agora Lelo sabia a origem daquele “crack” que escutara antes. O barulho era de osso partido.

Tentou se acalmar. Mas quem apareceu primeiro em sua mente foi o iatista Lars Grael. Por alguma razão, o que mais tinha marcado Lelo no relato do acidente em Angra dos Reis, em setembro de 1998, era o fato de Lars não ter sentido dor nos momentos seguintes à amputação de sua perna pela hélice da lancha. Lelo

também não percebia qualquer sinal de dor. Mau sinal.

A ausência de dor fazia sentido. Em traumas sérios, a glândula suprarrenal libera doses cavalares de adrenalina, hormônio associado ao instinto de sobrevivência que é a primeira resposta do organismo em situações de choque. É ela que estimula a preservação da circulação em órgãos vitais como o coração, o cérebro e o fígado, ao mesmo tempo em que contribui para a contração das artérias pelo restante do corpo. Minutos depois a suprarrenal volta a agir, dessa vez injetando cortisona para defender o organismo do processo inflamatório que já está deflagrado. A combinação disso tudo é a redução drástica da percepção da dor nos minutos seguintes a um grande trauma. Lelo intuía que quanto mais grave fosse o acidente, menor seria a dor nos instantes iniciais. Tinha sido assim com Lars Grael, que teve a perna decepada e não sentiu nada, estava sendo assim com ele naquele dia ensolarado de Las Leñas. Não era hora, porém, de entrar em pânico. Em poucos minutos, chegava a turma do esqui ao local do acidente. A amiga Marjory Misasi foi a primeira a ver a cena. E ficou naturalmente chocada. Lelo resolveu organizar o próprio resgate. Pediu que a amiga nutricionista Helô Guarita chamasse os paramédicos da estação, que viriam com maca e *jetski* para fazer a remoção rápida ao hospital de Las Leñas.

Marjory ficou impressionada com aquela perna destruída e a ausência de sofrimento. Lembrou que tinha na mochila um Voltaren, que tomava para dores nas costas. Mesmo sem sentir a dor que a adrenalina do acidente mascarava, Lelo imaginou que em algum momento ela viria. Tomou na hora o comprimido. Seu rival de competição e presidente da Confederação Brasileira de Desportos na Neve, Stefano Arnhold, veio logo depois e tentou acalmá-lo.

O resgate chegou e a gravidade do acidente ficou ainda mais nítida quando os paramédicos colocaram a mão na perna esquerda. Lelo ouviu o ruído de um osso batendo no outro. Mais tarde

descobriria que era a tibia raspando na fíbula. As fraturas haviam ocorrido na altura da canela. Fraturas gravíssimas. Ele teve o que os médicos chamam de esmagamento ósseo na tibia e fratura dupla na fíbula. Quando chegou ao hospital da própria estação, minutos depois, ainda tentou salvar a sofisticada bota de esqui Rossignol.

— Por favor, não corte a bota, foi feita sob medida na fábrica, perdi um dia inteiro fazendo o molde do pé.

Depois, o pedido soaria patético. Lelo ainda se via como o esquiador profissional que enfrentava um pequeno contratempo. Ele não sabia, mas estava mais para um futuro aleijado do que para um esportista vitorioso. Marcelo Apovian andava mais para passado do que para futuro. O dia 10 de setembro de 1999 fraturou sua vida em dois pedaços. No primeiro, Lelo tinha estrelado as páginas de um conto de fadas esportivo. No segundo, seria protagonista de um dramalhão médico com direito a sofrimento e lágrimas.

* * *

A primeira parte da história começa com um menino talentoso que, aos nove anos, colocava um par de esquis pela primeira vez nas geladas férias da família na Itália. Todos os anos, os Apovian voavam para alguma estação de esqui e Lelo já começava a se destacar no esporte. Sem grandes orientações técnicas, foi três vezes campeão brasileiro de esqui, além de obter um vice no snowboard. A família o incentivou e bancou um circuito europeu de esqui. Lelo justificou o investimento. Disputou três mundiais e duas Olimpíadas de Inverno, na França e no Japão.

Um brasileiro na elite do esqui é mais ou menos como um canadense jogando futebol, um etíope tentando a sorte no rúgbi. A falta de tradição do país no esporte tem seu preço. No caso de Lelo, natural de um país tropical e não abençoado pela natureza gelada, ficava tudo mais complicado. Ao encarar a elite do esqui internacional, já entrava em desvantagem por não ter a neve no

quintal de casa. Pela falta de mais brasileiros para esquiarem pelo país nas grandes competições de inverno, Lelo acabava disputando todas as modalidades possíveis. Mandava ver no slalom, downhill, superslalom e slalom gigante, sempre representando o Brasil. Era quase como um jogador de futebol tentando disputar profissionalmente campeonatos de campo, futsal, futebol de areia e futevôlei. Tudo ao mesmo tempo, no mesmo campeonato. Olhando de fora, parecia tudo igual. Um esqui em cada pé, uma montanha, quem chegar mais rápido lá embaixo é o vencedor. Não era bem assim. No slalom, o esquiador precisa contornar bandeiras que ficam próximas umas das outras. É necessária mais técnica do que coragem. São curvas e mais curvas, haja joelho para inclinar o corpo e encontrar o ângulo mais favorável para driblar cada curva. No outro extremo, o downhill.

Em 1993, Lelo sofria seu primeiro grande acidente justamente no downhill. Acontecia o Mundial de Esqui do Japão e ele disputava a prova na modalidade que poderia ser traduzida sem exagero como "montanha abaixo". É nela que costumam ocorrer os acidentes mais feios. Trata-se de velocidade pura. Uma descida tão vertiginosa que, em alguns momentos, o esquiador chega a decolar do chão. Aos vinte anos, a ousadia costuma superar a prudência. Em um desses saltos, Lelo perdeu o controle na aterrissagem e sofreu uma queda com velocidade aferida de 130 km/h. Naquele instante, teve a impressão de ter quebrado o fêmur e que este estivesse encavalado na bacia. O diagnóstico foi bem menos apavorante: "apenas" um rompimento do ligamento cruzado anterior e uma lesão no menisco do joelho esquerdo. Cirurgia e vida que segue. Exatamente três meses mais tarde, estava de novo competindo na Argentina e conseguindo um vice-campeonato brasileiro de esqui.

Em 1996, durante um treinamento para o Mundial da Espanha, mais um percalço. Lelo, nas montanhas de Courchevel, na França, teve a noção do que era um nocaute de boxe. Seu esqui soltou do

pé e o acertou em cheio no nariz. Foram quase dez minutos de filme pastelão. Com a pancada, veio a tontura. A cada tentativa de levantar, uma nova queda. Foi para o hospital e ganhou um nariz quebrado e um dia de folga. Seu treinador suíço não gostava de moleza. O curioso é que o acidente que mudou a vida de Lelo tenha acontecido quando ele já tinha “pendurado os esquis” profissionalmente. Os jogos de Nagano, em 1998, foram sua despedida das competições. Lelo estava de volta ao Brasil em 1999, encaminhando sua carreira de publicitário e de vendedor. Andava em Las Leñas naqueles primeiros dias de setembro apenas para uma semana divertida de esqui com os amigos. E, de repente, se via em uma enfermaria de hospital com a perna esquerda destruída.

As primeiras conversas com os médicos argentinos foram desanimadoras. Um deles falou sobre uma eventual amputação. O plano era enviá-lo a Buenos Aires. Lelo bateu o pé que lhe restara para voltar ao Brasil. Foi levado a São Paulo e, cinco dias depois, estava na mesa de cirurgia. Recebeu uma haste intramedular e um diagnóstico assustador: seis meses de uma lenta e dolorosa recuperação. Seria um mês sem levantar, três meses de muleta e mais dois com andador e bengala. Achou muitíssimo. Mais tarde, no entanto, perceberia que seis meses não eram nada no seu caso.

Nos primeiros 30 dias, experimentou uma sensação desconhecida para um campeão da vida. Além das dores, a limitação e o medo de não voltar a ser o que era:

— Lembro quando o médico da família, Antranik Manissadjian, me visitou no hospital. Perguntei quando poderia voltar a esquiar, a resposta foi dura e seca: eu deveria torcer para voltar a andar normalmente. O médico que me operou disse que se a fratura tivesse ocorrido no início dos anos 40, devido à falta de tecnologia, a amputação seria mesmo o mais indicado.

O tempo passava e Lelo ia percebendo o tamanho do buraco em que tinha se enfiado. A recuperação teimava em ir na direção

contrária da esperada. Ele tinha perdido, do joelho para baixo, três centímetros de perna, além de outros três por uma deformidade lateral, consequência do tipo de fratura. Somando tudo, eram seis centímetros de diferença entre uma perna e outra. Se Lelo apoiasse apenas o pé direito no chão, era um homem de 1,76 metro. Se a referência fosse o apoio do pé esquerdo, passava a ser um baixinho de 1,70 metro. O garotão que driblava bandeiras na neve com a habilidade de um Garrincha alpino não existia mais. Lelo mancava. De muletas e depois de bengala, ele se locomovia com a lerdeza dos idosos. E só tinha 26 anos. No restaurante Rodeio, que frequentava com os pais desde a infância, o *maître*, velho conhecido da família, afastava os olhos. Lelo percebia a compaixão do gesto. Na época, ele trabalhava na revista Trip como contato publicitário. A lembrança de seus antigos chefes daqueles tempos é do “pobre rapaz” que viu a vida desmoronar em uma montanha gelada. Era fácil traduzir todas aquelas frases não ditas pelos amigos e conhecidos. Coitado, coitado, coitado.

* * *

A recuperação andava de lado. Nos primeiros dias, Lelo vibrava com cada pequena conquista. Nunca se esqueceu da primeira vez em que conseguiu fazer xixi em pé após o acidente. Foram 30 dias de comadres no hospital. A perna não colaborava, os ossos insistiam em não se consolidar. O médico recomendava uma “estimulação” do osso com ginástica e caminhadas. A prescrição era para fazer o estímulo pedalando em uma bicicleta ergométrica. Sempre vivendo no limite, resolveu subverter a recomendação e ia com sua bicicleta de competição de casa para a USP, com gesso e tudo. Três quilômetros se arriscando no meio dos carros com uma perna engessada. Era uma forma de se lembrar que estava vivo.

Lelo fazia fisioterapia e estimulava a consolidação do osso. Em seis meses, deveria ter tido alta. Um ano e meio tinha se passado e nada

de o osso colar. Sucessivos raios X mostravam que a perna não melhorava, havia a dor, muita dor. O desespero bateu quando o médico sugeriu que Lelo deveria se acostumar com a situação. Talvez ficasse manco pelo resto da vida.

Em 2001, um encontro mudou o rumo das coisas. Lelo tinha marcado um almoço com o técnico Marcos Paulo Reis, que havia conhecido no início de 1997. Para se preparar para os Jogos de Nagano, Lelo foi buscar ajuda de uma das poucas assessorias esportivas da época, a MPR. E teve as primeiras lições de triatlo com Marcos Paulo. No almoço, o treinador insistiu para que ele procurasse o seu médico pessoal, Marcelo Filardi. Sem saber mais o que fazer, Lelo topou. Filardi desfiou um rosário de problemas. Além da diferença de seis centímetros entre uma perna e outra, havia uma importante deformidade lateral, uma falha óssea que podia desencadear outra fratura, e uma pseudoartrose, a deficiência para consolidar o osso. Mais importante do que a lista de problemas, o médico soltou uma frase que soou como música:

— Tem jeito.

O raciocínio do médico era que um tratamento desses só teria chance de sucesso se três pontos funcionassem: boa vontade do atleta, fisioterapia competente e técnica cirúrgica correta. Filardi sentiu que os três fatores estavam atendidos. Lelo já não tinha mais dúvidas de que o primeiro médico tinha errado na condução do caso. Não queria errar de novo e, antes de embarcar em uma nova aventura com Filardi, pesquisou tudo sobre pseudoartrose na internet. As palavras de seu novo médico pareciam fazer sentido. O tratamento indicado era uma nova cirurgia. A perna esquerda receberia uma "gaiola". O método flertava com torturas medievais. O osso a ser alongado era furado em vários pontos que se ligavam através de ferrinhos conectados a uma haste metálica maior colocada em paralelo ao osso. E lentamente os "parafusos" iam sendo apertados para alongar o osso encurtado. A invenção servia

para que anões crescessem até 40 centímetros.

Nos anos 50, um médico russo chamado Ilizarov desenvolveu o método e passou a utilizá-lo para pseudoartroses. Curiosa foi a forma como o método ficou conhecido no Ocidente. Era o final da Guerra Fria e da Cortina de Ferro. O que acontecia na União Soviética, Polônia, Tchecoslováquia e outros países do leste europeu não chegava aos ouvidos ocidentais. Em uma cobertura jornalística, um repórter italiano conheceu um colega russo e se queixou de uma fratura que não consolidava. O jornalista russo estranhou o desconhecimento do método de Ilizarov pelo italiano. O método revolucionário passou a ser usado também em quem tinha perdas ósseas por fraturas. O pacote médico de Lelo incluía ainda enxerto de osso. Era necessário retirar fragmentos da bacia para colocar na perna. O objetivo de usar esta armadura de ferro era também alongar os seis centímetros perdidos e corrigir todas as deformidades deixadas pelo tamanho da fratura.

Era final de 2001 e Lelo tinha pressa. Já estava há dois anos aleijado e disposto a encarar qualquer sofrimento em busca da recuperação. Filardi explicou que não executava a técnica e recomendou um colega seu de Jundiaí.

Jundiaí?, pensou Lelo. Com tanto médico bom em São Paulo e seu salvador estava em uma cidade pequena, a 60 km da capital?

Resolveu pesquisar e descobrir quem era o tal médico. Não demorou para constatar que José Carlos Bongiovanni era do primeiro time. Um dos maiores especialistas do mundo em Ilizarov. Poucos dias antes do Natal, Lelo foi submetido à cirurgia com Bongiovanni, o rei da "gaiola". O Ano Novo foi passado em São Paulo com Juliana Barretto, a namorada que depois se tornaria sua mulher e, em 2008, ex-mulher. Após dois anos de desilusões médicas, Lelo estava eufórico. A recuperação agora era questão de tempo.

Os dias de gaiola, no entanto, iam arrefecendo a euforia. As dores eram respeitáveis, o cansaço psicológico começava a bater. No início

de janeiro, doze dias após a cirurgia, Lelo estava jantando no Ritz, um badalado restaurante do Itaim. Conversando com Juliana e fazendo uma retrospectiva do que havia passado, ele desabou. Em mais de dois anos de calvário, foi a primeira vez que reclamou da injustiça que Deus estava cometendo. No meio do jantar, chorou.

No dia seguinte, na casa de sua mãe, começou a sentir dores no corpo, estava quente, uma sensação estranha. O pai o levou correndo ao hospital onde o ortopedista estava. Do início da febre até o atendimento do médico, tinham se passado apenas sete horas, tempo suficiente para que o corpo fosse dominado por uma grande infecção hospitalar. A cirurgia de doze dias antes não tinha sido um sucesso absoluto. Rapidamente a febre explodiu para 41 graus, Lelo ficou no limite da convulsão. Dois dias depois, foi operado novamente para retirar dois pinos que eram o foco do problema. Era a quarta cirurgia, a primeira em que pôde ficar acordado e testemunhar o que era uma operação ortopédica. Lelo aprendeu que os ortopedistas eram os verdadeiros mecânicos da medicina. A partir daquele dia, nunca mais reclamou da vida. Em sua cabeça, a infecção foi provocada pelo pensamento negativo.

— Quando algo não está dando certo ou não funciona, tenha na cabeça que sempre pode ser pior. No meu caso, estava claro que sempre poderia piorar, e muito.

O pior ainda estava mesmo por vir. O tratamento para alongar o osso é eficaz, mas torturante. Ele iria recuperar os seis centímetros perdidos em pouco menos de 30 dias, mas sofreria. Nesse mês maldito, o osso é submetido a uma permanente tensão. A dor equivalia à que se sente após uma topada numa quina de mesa. Uma dor constante que tinha momentos mais agudos quando os dezesseis parafusos eram apertados, de seis em seis horas, pelo próprio Lelo, com uma espécie de chave de bicicleta. Cada volta inteira na rosca correspondia ao alongamento de um milímetro de osso. Cada volta dessas rasgava a pele. Tinha que ser assim. Não

dava para apertar vários milímetros de parafuso de uma vez só. Os tecidos precisavam de tempo para crescer.

O banho era uma sessão diária de paciência que durava perto de uma hora. Ele tinha 30 furos na pele, que era perfurada pelos ferrinhos que se ligavam à haste da gaiola. Lelo precisava limpar com gaze e Povidine (um antisséptico), com cuidado, cada um dos furos para não correr risco de uma nova infecção.

Tudo isso era refresco perto das noites nesses 30 dias em que o osso precisava voltar a seu tamanho original. Foi praticamente um mês sem dormir, com dor constante. Os médicos tentaram de tudo, analgésicos fracos, fortes, calmantes, nada funcionou com Lelo. A única medida que surtia algum efeito era uma massagem no pé esquerdo que relaxava a tensão do alongamento ósseo. Laudi Apovian, sua mãe, e a namorada Juliana se revezavam na função para que ele conseguisse dormir alguns minutos nas noites excruciantes.

Valeu a pena todo o calvário. As pernas ficaram do mesmo tamanho, só restava esperar por quatro ou cinco meses até a consolidação completa do osso para retirar a gaiola e voltar a caminhar normalmente. A consolidação do osso estava indo bem, muito bem. Como todo o corpo humano, o osso produz células que nascem e se multiplicam em um formato cartilaginoso. Nos vários raios X que fez, Lelo podia observar esse crescimento. Para transformar essa cartilagem que está nascendo em osso, porém, é necessária estimulação, ou seja, fazer com que o sangue chegue ao foco da fratura. A equação apresentada era simples: fratura + imobilização + sangue + células ósseas + estimulação = consolidação do osso. Ele tinha cumprido diligentemente todas essas etapas. A gaiola imobilizava, o sangue estava chegando na fratura e fazia com que as células se multiplicassem. A estimulação era feita através do andar, com o peso do corpo. Mas, sem que houvesse uma explicação técnica convincente, ele estava repetindo o

problema apresentado após a primeira cirurgia. Já eram nove meses de uso da gaiola e, de novo, sofria com a não consolidação óssea, a pseudoartrose. O osso crescia, mas na hora de “colar” o ciclo era interrompido. Sobravam hipóteses técnicas para justificar a falha, faltava um diagnóstico conclusivo.

O doutor Marcelo Filardi tinha indicado uma nova cirurgia para realizar um outro enxerto de osso. Ninguém sabia exatamente o que fazer. Havia uma espécie de “junta decisória”. Eram quatro cabeças pensando: Lelo; o pai, Rubens; Filardi; e mais o médico da família, o pediatra Antranik. O consenso era ir aos Estados Unidos para ouvir novas opiniões.

Lelo e o pai foram conversar com o doutor Bongiovanni, em última análise o diretor de um filme que não achava seu final. Cheio de dedos, Lelo sugeriu a história dos Estados Unidos. Para sua surpresa, o médico encampou a ideia:

— Perfeito. Tenho um congresso de ortopedia na Califórnia no mês que vem. Se vocês quiserem, podem vir comigo.

Só quando chegaram em San Diego, Apovian pai e o filho tiveram a real dimensão da importância de seu médico. Ele era respeitadíssimo pelos colegas do mundo todo. No último dos três dias de congresso, Bongiovanni apresentaria seu próprio trabalho. Subiu ao palco e pediu licença ao auditório para alterar a programação. No lugar de sua apresentação, queria mostrar o caso de um paciente. Todos os exames de Lelo já estavam digitalizados no laptop do médico e foram projetados no telão. Quando terminou, o médico chamou Lelo ao palco. Mancando, ele subiu e se sentou em uma cadeira.

— Meu paciente está à disposição de vocês. Quem quiser subir ao palco para examiná-lo, fique à vontade — falou em inglês.

Dos cerca de 50 ortopedistas que assistiam à conferência, uns vinte aceitaram o convite. Lelo já estava de calça jeans com uma abertura de velcro na altura da gaiola. Nunca se sentiu tão cobaia.

A medicina ortopédica tinha avançado mais nos países que sofreram ou sofrem com guerras. A oportunidade de estar naquele congresso com médicos da Rússia, Alemanha, Japão e Estados Unidos era fundamental para que surgisse uma ideia de como prosseguir nessa maratona da reabilitação.

Não se chegou a nenhuma conclusão genial, cada um indicava um tratamento diferente. O americano achava melhor retirar as “pontas” dos ossos que não colavam para começar tudo de novo. O russo e o japonês julgaram o enxerto o melhor tratamento, e assim o grupo deixou a Califórnia tão confuso quanto chegou.

No retorno, Lelo foi almoçar com o médico da família, que ficou no Brasil e queria notícias frescas. Lelo contou em detalhe tudo o que aconteceu em San Diego. Apenas na sobremesa o doutor Antranik começou a falar. Curiosamente, Antranik conhecia bem o Ilizarov, e não era dos livros. Em 1994, o médico tinha sido atropelado na Avenida Paulista, em São Paulo. Acidente feio, fraturas graves. Ele tinha usado o método e se saído muito bem na recuperação. Agora, Antranik se via com o mesmo assunto pela frente. Fratura, gaiola e uma recuperação que por alguma razão metabólica não acontecia. Ele tinha uma sugestão, talvez a mais maluca de todas as ideias ouvidas desde o acidente. O pediatra sugeria o ácido zoledrônico, um remédio utilizado para pacientes com câncer ósseo. Sua função era estimular o crescimento das células que não tinham sido atingidas pela doença. A quimioterapia deveria ser feita no próprio setor de oncologia do Hospital Sírio-Libanês, a cada 15 dias.

Como se não bastasse todo o sofrimento até ali — e a possibilidade de não voltar a caminhar normalmente —, Lelo estava se candidatando a virar paciente de um câncer que nunca teve. Parecia uma grande loucura. Ele havia sido revirado pelos melhores ortopedistas do mundo e ninguém tinha falado nessa solução. Era curioso que a alternativa mais revolucionária até então saísse da cabeça de um médico com mais de 80 anos. O doutor Antranik era

gente boa, velho amigo da família, mas o quadrinho pendurado na parede de seu consultório dizia que sua especialidade era a pediatria. Como acreditar num pediatra? A dúvida se foi com o pedido do médico:

— Nunca ninguém utilizou este tratamento, mas vai funcionar. Eu garanto que não é um experimento, eu preciso de três meses, me dê três meses.

Lelo fez contas rápidas. Se seguisse com a linha clássica de tratamento, faria uma nova cirurgia, tentaria mais um enxerto do quadril, seriam mais seis meses de gaiola e reza brava. Se tentasse o remédio para câncer ósseo, em apenas três meses saberia se tinha dado certo ou errado. Nenhum dos dois caminhos oferecia garantia alguma. Talvez tivesse que ficar com a perna “ruim” para o resto da vida. A vantagem da sugestão do pediatra é que não seria necessária a quinta cirurgia, além do tempo de recuperação cair de seis para três meses. Em compensação, fugir da gaiola seria uma quebra de confiança em sua relação com o ortopedista Marcelo Filardi e, sobretudo, com Bongiovanni, que tanto havia feito por ele. Difícil decisão.

Mesmo sem jamais ter tido qualquer tumor, Lelo decidira se tornar paciente do serviço de oncologia do Sírio-Libanês. Seu problema era pseudoartrose, mas estava em uma fase de topar qualquer caminho alternativo. Foi comunicar ao ortopedista sua decisão. O médico deixou claro que se partisse para o ácido zoledrônico, estava fora do caso. Com dor no coração, Lelo deixou o consultório de Jundiaí e rompeu com o médico que tanto o ajudou.

O tratamento na oncologia, ao contrário de tudo que tinha passado, não tinha nada de torturante. Chegava, recebia a aplicação na veia, aguardava sentado mais uma hora para a droga se espalhar pelo corpo e voltava para casa. Sem dores, efeitos colaterais, nada. A cada novo raio X, mais sinais de que o tratamento estava funcionando. Os ossos finalmente estavam colando.

Em junho de 2003, Marcelo Apovian deu entrada no Hospital Sírio-Libanês para finalmente retirar a "gaiola". O tratamento tinha chegado ao fim. Foi um dia especial. Uma emoção para toda a família. Lelo chegou em casa andando, sem nada na perna. Estava curado, sem nenhuma deformidade, a não ser pequenos furos que meses depois só poderiam ser percebidos com lupa.

Lelo estava caminhando normalmente, mas precisava ainda expurgar seu demônio. Marcou um duelo com o tihoso na montanha. Seria um encontro definitivo. No mesmo ano, em setembro, três meses após a gaiola, foi com sua então namorada esquiar não em Las Leñas, mas no Valle Nevado, no Chile. Fazia quatro anos que não via a neve e não sentia a sensação de liberdade, o vento na cara, o frio na barriga e nas pontas dos dedos congelados. Quase não dormiu de ansiedade. Como seria? Será que iria doer? O medo venceria o prazer? Tudo passou pela cabeça.

Acordou cedo, de novo um dia ensolarado, como no fatídico 10 de setembro de 1999. Tomou café, calçou as botas, enfiou o esqui no pé direito, depois no esquerdo. Subiu o teleférico e encarou a montanha. Não era fácil, Lelo tinha o temor dos principiantes em suas primeiras incursões montanha abaixo. Estava inseguro, sem saber como reagiria quando entrasse na primeira curva e precisasse de uma resposta rápida e enérgica da perna esquerda para não cair.

Após duas curvas, o filme de sua vida foi rebobinado. Os acidentes, o hospital, o sofrimento simplesmente sumiram de sua cabeça. Lelo havia voltado a 9 de setembro de 1999, o que acontecera depois disso havia evaporado. Lembrou de todos os movimentos, voltou a ser um esquiador de elite. Não sabia, mas viria a ser também, anos depois, um corredor de elite. Era questão de tempo. Um ano mais tarde, Lelo já estava fazendo o Meio Ironman de Pirassununga. Nunca sofreu tanto em uma prova. Nadou 1,9 km, pedalou 90 km, correu uma meia maratona em 1h45. O resultado era o que menos importava: Lelo estava de volta ao esporte. Faltava

apenas um detalhe para exterminar todos os demônios de Las Leñas. Marcou uma consulta com o doutor Bongiovanni, com quem não falava desde que decidira pelo outro tratamento. Entrou no consultório de Jundiaí e foi logo falando:

— Doutor, o senhor é o cara. Sem a sua ajuda eu jamais teria conseguido. Muito obrigado.

Então, Lelo entregou uma foto sua em Pirassununga, encarando o Meio Ironman. Não houve consulta, apenas um demorado abraço.

O TREINADOR

Universidade dos atletas

Não há placas nos postes, mas as regras são conhecidas. A primeira pista é deles, dos corredores. A segunda é ocupada pelos ciclistas, que costumam se deslocar em pelotões. Na terceira, os carros se espremem. Quem desrespeita essa lei tácita será xingado com fúria. O sentido dos corredores é habitualmente o anti-horário. As bicicletas é que andam no sentido horário. Os treinadores montam suas estruturas ao longo da Universidade de São Paulo, a USP.

Não há nada parecido no mundo. A Cidade Universitária é um espaço na zona oeste de São Paulo com 36 km de avenidas e alamedas. Durante a semana, a vida acadêmica dá o tom do lugar. Alunos se deslocam de carro ou de ônibus. Nas calçadas, professores caminham com livros debaixo do braço. De segunda a sexta, a USP se parece com o que realmente é, uma universidade. Na manhã dos sábados, porém, a vida do lugar muda. A Cidade Universitária se transforma em uma das maiores áreas esportivas do Brasil.

Não vira exatamente um parque, porque ninguém está ali para passear ou caminhar com os filhos. A USP passa a ser um imenso campo de treinamento que chega a receber mais de cinco mil pessoas em uma única manhã. Pela grande extensão plana, pelas áreas sombreadas, pelo modo como os atletas acuaram os carros e lhes tomaram duas das faixas de rodagem, não há lugar melhor na cidade de São Paulo para se treinar. Sobretudo quando se trata do treino mais longo da semana. É possível escolher a rota plana de 6 km, a com subida de 10 km, a menos movimentada de 12 km, cada um faz o seu caminho. Os treinadores das grandes assessorias

espalham pontos de abastecimento de água pela Cidade Universitária, a tribo do esporte dominou o pedaço.

Logo na entrada principal da USP está a assessoria Marcos Paulo Reis. É ali que Marcos Paulo monta seu circo amarelo. Em um sábado qualquer, haverá oito treinadores, 60 colchonetes para alongamento, 1.200 copinhos de água gelada, 200 litros de Gatorade, 150 garrafinhas de suco de melancia, a estrutura necessária para atender uma média de 300 alunos dos 1.400 da MPR que usam a Cidade Universitária para seus treinos mais longos da semana. O maestro dessa animada orquestra é o próprio Marcos Paulo. Em pé, na calçada, ele rege distribuindo comentários para cada um dos alunos:

— Beto, já tomou sua água? Camila, melhorou do joelho? O seu Palmeiras não vai longe, Joel.

As frases, de certa forma, desvendam o segredo do sucesso das assessorias esportivas paulistanas. Os treinadores oferecem planilhas semanais, apoio em viagens e na inscrição em provas, dicas de nutrição e estrutura nos parques. Mas o fator decisivo que leva um corredor a pagar entre 100 e 200 reais por mês a uma assessoria esportiva é uma palavra que não tem relação direta com orientações técnicas: carinho. O atendimento personalizado e a camaradagem catapultaram esse fenômeno que é genuinamente brasileiro.

Nos Estados Unidos, a meca mundial da corrida, mais de vinte milhões de pessoas correm. A maioria por conta própria ou organizada em clubes de corrida. O americano até compartilha nesses clubes um ambiente parecido com o das assessorias, só que lá cada um precisa cuidar dos próprios narizes, joelhos e músculos isquiotibiais. O estilo brasileiro é mais tutelado, prevalece a relação mestre-aluno. E há o carinho, que se manifesta em gestos como os de Marcos Paulo. Ao se preocupar com a hidratação do Beto, ao lembrar que o joelho de Camila tinha problemas e ao saber o time para o qual Joel torce, o treinador deixa claro que seus alunos não

são um número.

O fenômeno começou a aparecer na virada dos anos 1980 para os 90 (primeiro *boom* da corrida no país), quando um grupo de jovens professores de educação física orientava informalmente interessados no esporte. Vanderlei de Oliveira, Mário Sérgio Andrade e Silva, Aulus Sellmer e Eliana Reinert foram os primeiros a perceber que havia um negócio ali. Um amigo pedia uma planilha, contava para o outro, que contava para um terceiro. Os treinadores, que trabalhavam como professores em escolas ou clubes, de repente se viam com mais de dez amigos sob sua orientação. Assim surgiram a Run For Life (de Vanderlei), a Run & Fun (de Mário), a 4 Any 1 (de Aulus).

O carioca Marcos Paulo Reis havia se formado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tinha se casado com uma paulista e andava por São Paulo em 1988. Começava a se envolver com o triatlo, orientando atletas de ponta como Emerson Gomes e Antonio Manssur Filho quando decidiu criar a MPR. As assessorias vinham ocupar um vácuo no esporte amador. A população descobria que correr era fácil e barato, além de trazer efeitos imediatos na perda de peso. Mas como dar o primeiro passo? Lá estavam as assessorias para iluminar o caminho.

Além do benefício da qualidade de vida, havia a parte social. A MPR e a Run & Fun, principalmente, eram (e são) frequentadas por empresários, médicos e demais representantes do topo da pirâmide social. E foram crescendo mais do que as outras também pelo estilo de seus donos. Tanto Marcos Paulo quanto Mário Sérgio são treinadores agregadores, motivadores, elétricos. Não por acaso a Run & Fun hoje orienta 1.600 pessoas e a MPR outras 1.400. São, de longe, as maiores assessorias do país.

Enquanto a Run & Fun se posicionava no mercado privilegiando a longevidade no esporte e o lado mais *fun* da corrida, a MPR apostava na competitividade. Não chegava a ser uma Butenas, do

triatleta Marcelo Butenas — a assessoria paulistana mais reconhecida na busca pela performance —, mas na MPR rendimento e resultado são palavras extremamente valorizadas. Desde os anos 90, Marcos Paulo misturava amadores que vibravam com quilos perdidos e profissionais que não se contentavam com nada menos do que um pódio. As duas tribos conviviam simultaneamente na MPR até que as estações começaram a se misturar. O empresário Fernando Nabuco foi um dos culpados. Amílcar Lopes Júnior foi outro. Ambos eram empresários apaixonados por esporte e bem-sucedidos. Nabuco chegou a ser presidente da Bolsa de Valores de São Paulo. A dupla fazia bonito no triatlo e se arriscava em eventos do Ironman. Se hoje nadar 3,8 km, pedalar 180 km e correr uma maratona em sequência já parece insanidade, nos anos 90 isso era considerado um verdadeiro trabalho de Hércules. Nabuco e Amílcar, mais do que tudo, inspiravam a turma que entrava na MPR. Era possível ser um “atleta de ponta amador”. Era possível se diferenciar como esportista sem largar a profissão original. O “Desafio do Portuga” estava nascendo, na verdade, já nos anos 90.

Tempo de treinar

O almoço para acertar o “Desafio do Portuga” tinha sido uma formalidade. A ideia surgira na cabeça de Marcos Paulo Reis dois meses antes do almoço no Dressing, em dezembro de 2008. Em um casamento de um amigo comum (Octavio Cintra), numa rodinha de corredores, Marcos Paulo desabafou:

— Não aguento mais esse Portuga. Vou escolher os três melhores da MPR, treiná-los, e fim desse inferno!

Não foi difícil encontrar os três desafiantes. Apesar de contar na MPR com 23 atletas sub-3h (a casta dos maratonistas que conseguem correr maratonas abaixo de três horas), o número de sub-2h50 era diminuto. Lelo era o atleta por excelência. Marcos Paulo só temia que ele “queimasse a largada”. Mas ele tinha condições de evoluir nos seus tempos e encaixar uma boa maratona. Guto era um corredor relativamente novo, sua primeira maratona havia sido em 2005. Era dele o melhor tempo dos três. E Tomás era dono de uma facilidade impressionante para as pistas. Lelo era o favorito.

O sócio de Marcos Paulo não descartava nenhum dos desafiantes. Fabio Rosa conhecia bem os três. E via pontos positivos e negativos nos três. Lelo era mesmo o mais talentoso. Tinha sido esquiador profissional, corria em suas veias o sangue do atleta. Era também o mais veloz em curta distância. Mas seu prontuário médico era de assustar. As fraturas e cirurgias na perna esquerda recomendavam cautela nos treinos. Guto, por sua vez, era o menos talentoso, porém o mais obstinado do trio. Se alguém poderia tirar um coelho da cartola era ele. Tomás estava no meio do caminho. Não chegava a ter o talento de Lelo, só que não podia se queixar da genética. Era

rápido e evoluía a cada ano. Não era tão raçudo quanto Guto, mas tinha disciplina de sobra para treinar e executar planilhas. Nenhum dos três era perfeito, mas Marcos Paulo só precisava de um deles. Apenas um dos desafiantes que corresse abaixo de 2h43min50 já faria o Portuga descer do pedestal.

O trio se inscreveu nas maratonas de Berlim, Chicago e Amsterdã em setembro e outubro de 2009. Era treinar forte, torcer por temperaturas na faixa dos dez graus no dia da maratona e rezar. Fabio conversou individualmente com os três antes do almoço que selou o desafio. Sugeriu discricão. Não valia a pena responder às provocações do Portuga. Encarar aquele tiroteio verbal seria pior para eles. A pressão de fazer uma maratona rápida já é considerável. Correr com a faca no pescoço em busca de um determinado tempo tornava tudo mais difícil. A orientação era trabalhar em silêncio. Os treinos mais fortes deveriam ser feitos individualmente. Seriam dez meses de correria. Quanto mais silencioso fosse esse trabalho, menos pressão eles sofreriam. O “Desafio do Portuga” estava na rua.

* * *

Em um sábado ensolarado de janeiro de 2009, a USP recebeu uma figura rara e barulhenta. Amílcar Lopes Júnior mora em frente ao Parque do Ibirapuera e costuma fazer seus treinos no próprio “quintal” de casa. Naquele sábado, resolveu abrir uma exceção e se juntar à tropa na Cidade Universitária. Com o desafio já em curso, queria sentir a temperatura dos inimigos. Procurou seus três algozes. Achou um. Guto começava em janeiro seu ciclo de treinamento, que desembocaria nove meses depois na Maratona de Berlim. Como uma gravidez às avessas, Guto largava pesado. Para seu exigente padrão, até gordo. Tinha nove meses para se livrar daquele “barrigão”. Estava com mais de 70 quilos, um peso mais do que razoável para pessoas normais que medem 1,81 metro. Guto,

que carregava da infância o apelido de “Caveirinha” pela magreza, só se sentia capaz com dez quilos a menos. Além do peso, Guto estava com pouco volume de treino. Ao contrário dele, o Portuga andava com o treinamento em dia. E, provocador, já foi chamando a turma:

— Quem vai treinar comigo? Vamos lá, vamos...

E se formou um grupo de cinco ou seis camaradas, todos maratonistas sub-3h, todos companheiros de viagens nas maratonas. Guto se juntou ao pelotão do Portuga. Em qualquer planilha de treinamento, uma sessão da semana é reservada para distâncias maiores. O chamado longão não precisa ser feito em velocidade alta e frequência cardíaca mais elevada. Com a aproximação da data da corrida o longão pode até ser mais forçado, utilizando velocidade progressiva e variações de ritmo. Sem uma prova no curto prazo, o longão deveria se transformar em um passeio que permitisse que os corredores conversassem sem ofegar.

Competitivo até nos treinos, Amílcar aproveitou a oportunidade para conferir a forma do desafiante. O treino de 14 km deveria ser feito em um ritmo confortável, mas Portuga começou a imprimir uma velocidade de prova nos 6 km finais. Forçou mais ainda quando observou que Guto e os outros estavam ficando para trás. Chegou antes no posto da MPR, aproveitou o tempo à frente para se recompor do cansaço e preparar a gozação para quando Guto chegasse.

— Estou velho, mas vocês não me acompanham nem em treino. Estão vendo esse gramadão aqui? Semana que vem trarei umas cruces e fincarei no chão. Escreverei os nomes de vocês em cada uma delas. Vocês são uns mortos...

Era provocação pura, ao melhor estilo do Portuga. Marcos Paulo e Fabio previam isso. Não fazia sentido antecipar demais a fase mais dura de treinos para a maratona. Tudo tinha o seu tempo. Os quatro meses finais é que ganhariam o jogo. O trio, porém, tinha

cronogramas bem distintos.

Tomás entrava em uma programação padrão de maratona. Faria uma boa base nos primeiros meses de 2009, aprimoraria velocidade entre abril e julho, começaria a tirar o pé em agosto para a maratona em setembro. Em qualquer planilha clássica, o atleta chega ao pico de treinamento um mês antes da prova e usa as semanas anteriores apenas para a manutenção da forma física. Assim entra forte mas descansado na competição.

Lelo era um caso muito especial. Fabio morria de medo que sofresse uma nova fratura na perna esquerda por excesso de treinamento. O acidente de esqui tinha sido gravíssimo, ele já estava no lucro ao caminhar e correr normalmente. Nem adiantava buscar na literatura casos semelhantes ao dele para estudar os riscos. Lelo teve fratura total com esmagamento de ossos, perdeu seis centímetros da perna, recuperou-os com enxerto ósseo e alongamento com gaiola, quase morreu em uma infecção. Até o acidente, nunca tinha corrido uma maratona. Virou corredor depois. A quanto esforço poderiam resistir aqueles ossos? Na dúvida, a estratégia era poupá-lo ao máximo. O treinamento para a maratona em si seria retardado, Lelo "andaria" de lado até os três meses anteriores a Berlim.

Guto vivia situação oposta. Precisava antecipar tudo. Antes da história toda do desafio, tinha conseguido a inscrição para a corrida Maratona de Londres, em abril. Passagem comprada, viagem armada. Não pretendia desistir. Iria correr Londres em abril e logo partir para o treinamento visando Berlim em setembro. Marcos Paulo sabia que não era o ideal. Atletas profissionais costumam evitar duas maratonas no mesmo ano. O problema não são os 42 km. O desgaste vem mesmo é da preparação. São dois ciclos completos de treinamento no mesmo ano. No final, mais costuma ser menos. Resultados expressivos de quem corre duas maratonas anuais são raros.

Guto aproveitou o “incentivo” do Portuga naquele sábado na USP para apertar o treinamento. O primeiro passo era perder peso. Mais treino e boca fechada. Cortou o álcool, de cara. Da turma toda, era de longe o mais experiente quando o assunto era bebida. Antes de ser maratonista, resistia sem dificuldades aos dois dígitos na conta das bolachas de chope em uma mesa de bar. Baixou bastante a bola, mas seguia apreciando uma boa taça de vinho ou um copo de cerveja nas refeições. De janeiro em diante, deixou o prazer de lado. Até Berlim, pela sua conta, foram apenas duas garrafinhas de cerveja. Em quase nove meses.

Enquanto isso, Tomás deixava o desafio em banho-maria. Não descuidava dos treinos, mas não queria queimar etapas. Para quem já possuía uma boa base de corrida — o seu caso —, não valia a pena se afobar. No início do ano, contudo, o destino profissional acabou influenciando no desafio esportivo. Tomás era um dos principais especialistas em análise de ações do setor imobiliário do Itaú quando o banco se juntou ao Unibanco. Na fusão das equipes, Tomás Awad foi descartado. O que poderia ser um fato preocupante impulsionando sua carreira. O limão profissional se transformou em limonada pessoal. Com o dinheiro da indenização, montou sua própria carteira de ações e mais tarde abriria uma gestora de fundos imobiliários, a Landix. Aproveitou o momento em que as bolsas de valores andavam em depressão pós-crise. O Brasil iniciou o ano com o mercado imobiliário respondendo por 2% do Produto Interno Bruto, o PIB. Terminou com 3%, sendo que o potencial parece bem maior quando se observa que um Chile da vida tem 17% do PIB nesse setor. Awad estava no lugar certo, com o dinheiro certo e na hora certa. Em dezembro de 2009, era missão quase impossível arrancar o sorriso do rosto de Tomás. A mexida profissional alterou sua rotina de preparação. Para melhor. Enquanto montava a nova empresa, aumentou o volume de treino e passou a ter disponibilidade para ir ao Parque do Ibirapuera na hora que bem

entendesse. Em abril, já começava a colher os primeiros frutos.

* * *

São Paulo amanhecia ensolarada naquele domingo, 4 de abril. USP lotada para a Meia Maratona Internacional da Corpore. Quem apostou em uma temperatura amena para obter recordes pessoais se decepcionou. Estava quente logo nas primeiras horas da manhã e a temperatura passaria dos 25 graus. Apesar dos seis meses que a separavam de Berlim, a meia tinha sua utilidade. Tecnicamente, significava pouco. Podia ajudar, e muito, no quesito motivação. Um bom resultado daria a confiança para o próximo período de treinos que prometia ser o mais exigente.

Os três desafiantes aproveitaram o fato de largar na frente e partiram com força. Em teoria, até por estar treinando mais do que os outros, Guto deveria ser o mais bem preparado naquela fase. Só que Tomás tinha se aproveitado das facilidades que sua rotina profissional havia lhe oferecido nas últimas semanas. Guto sentiu o motor falhar já na metade da corrida. No quilômetro 15, passou a caminhar. Parou. Cansaço total. Pegou o carro e foi embora.

Tomás e Lelo deram o máximo. Para Lelo, o máximo naqueles dias não era muito. Uma meia em 1h23 era um resultado apenas regular para quem já havia percorrido a distância em seis minutos menos. Tomás, no entanto, arrebentou. Com 1h20min39, estava batendo seu recorde pessoal na distância, e em um dia quente. Tinha corrido a 3min49 por quilômetro, o que o colocava no ritmo para bater o Portuga.

Na chegada, mostrou-se eufórico, do seu jeito, sempre mais contido. Encontrou Lelo, conversaram sobre um amigo em comum que viram cortando caminho, cruzaram com o técnico Fabio Rosa. Tomás talvez quisesse o reconhecimento do mestre. Ao mesmo tempo, conhecia seu treinador. Ao contar o tempo que lhe garantiu o 81º lugar na prova, percebeu que a expressão de Fabio ficou quase inalterada. Vibração zero. Fabio nunca se notabilizou pelo

entusiasmo com os feitos de seus atletas. É de sua natureza. Naquele momento, porém, o muxoxo era proposital. Não queria que ninguém entrasse em clima de euforia. Faltavam centenas de quilômetros de treinos para encostar no Portuga. Dois dias depois, contudo, Marcos Paulo o chamou de lado.

— Tremendo resultado! Você está em outro patamar, Tomás. Vamos pegar o Portuga.

Guto saiu entre decepcionado e furioso da USP. Abandonar uma corrida não era de seu feitio. O fracasso naquele teste era um indicador de que faltava algo na preparação. Ele não tinha contado e jamais contaria para os técnicos que pretendia resolver a história do Portuga já em Londres, dali a três semanas. Ele era o único dos três que teria duas chances. Correria Londres e Berlim, acreditava ser possível tentar a sorte na Inglaterra. Aquele abandono reduzia suas esperanças. Em sua planilha da semana havia um longão de 21 km, que era para ser a meia da Corpore. Os técnicos costumam encaixar provas na programação dos treinamentos. Isso vale a pena, pois o clima de competição tira os atletas da monotonia solitária das distâncias longas nos treinos. Guto havia corrido 15 km na Corpore antes de abandoná-la. Como bom engenheiro, raciocinou que faltavam 6 km ainda para cumprir a planilha. Saiu da USP e foi para o clube. Na Hípica, completou 6 km na esteira, rangendo os dentes de raiva.

Àquela altura do campeonato, os desafiantes sabiam muito pouco uns dos outros. Cada um cuidava de seu treino, escondendo, se possível, o que faziam. Era esse o conselho de Fabio Rosa. Afinal, além do desafio do Portuga, havia a competição entre eles. Guto costumava treinar sozinho; preferia a esteira da Hípica. Tomás tinha o Ibirapuera e fazia dias e horários alternativos em relação aos outros alunos da MPR. Lelo tinha o Clube Pinheiros. Nos longões da USP, era raro se encontrarem. Evitavam treinar juntos.

Os três sabiam que a musculação seria fundamental para suportar

um esforço que nunca tinham feito antes. Sobretudo na segunda metade da prova, a conta seria cobrada pelos músculos das pernas. O trio colocou pelo menos duas sessões semanais de musculação, mas quem pegou mais pesado foi Lelo. Menos repetições, mais peso. Muito peso. Fabio Rosa sabia que o fortalecimento muscular era uma das formas de minimizar riscos de fratura. Lelo queria ficar forte e ficou fortíssimo, chegou a bater em 5% no percentual de gordura. Isso é muito, quer dizer, muito pouco, é percentual de atleta de elite. O ciclista Lance Armstrong e o ultramaratonista Dean Karnazes conseguem seus feitos com índices de gordura semelhantes.

* * *

Lelo demorou mais para iniciar a preparação para o desafio, como planejado. Só foi começar efetivamente a fazer o treinamento específico em maio. Ao mesmo tempo em que trabalhou com esmero a musculação, relaxou nos longões. Era o mais sério dos desafiantes durante a semana, o mais "desencanado" nos finais de semana. Estava se separando da mulher, não queria ficar em casa fermentando tristeza nas noites de sexta e sábado. Saía, voltava tarde da noite ou cedo do dia, dependendo do ponto de vista. Um breve repouso e ia para o treino com o sol alto e algum cansaço.

Nem sempre a balada ficava na água mineral. E, para alguém que nunca foi dos mais fortes na bebida, uma cerveja já fazia um estrago considerável. Fabio Rosa sabia que a gandaia tinha dois lados. Por um lado, é claro que prejudicava. A falta de sono e o álcool, mesmo em pouca quantidade, atrapalhavam tudo. Como treinava mais tarde, com o sol alto, também se desidratava mais facilmente. Ao mesmo tempo, as noitadas tiravam o peso psicológico do desafio. Lelo não se sentia privado de nada. Os outros tinham a percepção da renúncia. Além de caprichar na musculação, Lelo trabalhava bem a velocidade durante a semana. Eram dois treinos específicos,

ambos realizados na pista de atletismo do Clube Pinheiros. Existiam razões para concentrar o treinamento ali. Fabio não programou os treinos em uma pista emborrachada e macia como a do Pinheiros por acaso. Reduzir o impacto do treinamento era algo importante no caso de Lelo.

Achou importante ainda explorar a competitividade e a vaidade de Lelo. Colocá-lo correndo muito rápido em uma pista frequentada por mais gente poderia motivá-lo. E aquela gente não vivia o desafio, não se configurava em mais pressão. Ali, entre trotadores de clube, Lelo parecia uma Ferrari. Claro que era uma atração ver um sujeito voando por ali.

Em um desses dias de treino, Lelo dividia a pista com ninguém menos do que Antônio Manssur Filho. Manssur foi um dos primeiros atletas de Marcos Paulo, uma lenda maior do que o próprio Portuga. Triatleta quase profissional (de terno e gravata, ele é juiz), Manssur já venceu inúmeras provas e tem na corrida a sua modalidade mais forte. É rapidíssimo, consegue fazer os 10 km dentro da prova de triatlo na faixa de 31 minutos. O melhor 10 km de Lelo, sem pedal e natação, é 34 minutos. Treinar com alguém mais rápido do que ele podia ser ainda mais estimulante.

No treino longo do sábado, Fabio também se preocupou com o impacto. Em uma maratona, normalmente os treinos longos vão evoluindo semanalmente até chegar aos 30 ou 32 km. Fabio conseguiu aumentar o volume de treino sem colocar Lelo em risco. Aproveitou o fato de ele já ter disputado triatlo e incluiu no mesmo dia do longão uma pedalada mais forte na própria USP. Lelo corria seus vinte e poucos quilômetros e depois disso pedalava mais uma hora com grande intensidade. O resultado era um treinamento de mais qualidade, com diminuição do risco de lesão.

* * *

Guto embarcou para a Europa uma semana antes da Maratona de

Londres. Iria antes para Milão como pessoa jurídica a fim de visitar uma feira de móveis. Unia o útil ao desagradável. Tentar bater o recorde pessoal numa maratona pode ser tudo, menos agradável. Não se faz isso sem a dor do esforço extremo. Na Itália, a maratona estava começando sem que Guto percebesse. Caminhava todos os dias cerca de oito horas, percorrendo estandes. Achava que precisava seguir ainda com alguma rotina de treinos e passava uma hora na esteira do hotel antes de dormir, todas as noites.

Chegou cansado em Londres. Mesmo assim, não tinha desistido do plano de bater o Portuga antes da hora. Imaginava a surpresa dos outros ao saberem que, em 25 de abril, José Augusto Urquiza tinha feito a Maratona de Londres abaixo de 2h43. Nos primeiros 15 km, manteve o ritmo de 3min50 por quilômetro, mais ou menos a conta para vencer o desafio. Na altura da meia, com 1h22, teve a certeza de que não daria mais. As pernas estavam muito pesadas, era preciso reduzir o ritmo para não atrapalhar demais o treinamento das semanas seguintes. Nem achou ruim o tempo final de 2h51min19.

* * *

Tomás via o desafio como as planilhas de Excel que povoam seu dia a dia no mercado financeiro. Cada treino era como se fosse uma célula da fórmula. Ele inseria o rendimento do treino e aguardava o resultado previsível e exato no dia da prova. Se seu corpo acompanhasse o aumento de performance planejado na semana de treino, o Portuga ficaria para trás. Costumava correr quatro vezes por semana, agora já estava em seis sessões, fora os dois períodos de musculação que eram encaixados nos dias de corrida. O volume semanal de treino já andava em 110 km, uma marca respeitável.

Foi em um sábado de agosto que a casa caiu. No dia 15, Tomás saía para o treino longo na USP quando com menos de um quilômetro uma fortíssima dor no joelho esquerdo apareceu. Pavor.

Tanto suor derramado nos treinos para ver tudo ser desperdiçado um mês antes da maratona. Tomás regressou caminhando e voltou para casa. Sabia que não era um incômodo qualquer. Dias depois estava no médico. Antes mesmo que saísse o resultado da ressonância magnética, já estava com o corpo cravejado de agulhas. Impaciente, não esperou o diagnóstico e marcou sessões com Liaw Chao, o acupunturista número um dos corredores. Com as mãos, Liaw antecipou a Tomás o que o exame confirmaria dias depois. Era uma inflamação na gordura localizada na parte anterior do joelho. Não era exatamente grave, mas precisava dar uma folga para o corpo. O momento, no entanto, era decisivo. Precisaria fazer os treinos mais longos e exigentes se quisesse pegar o Portuga. Viu-se obrigado a suspender os treinos por dez dias.

Naquele período, comemorava em Nova York o primeiro aniversário de casamento. Tomás se esforçava para não extravasar a preocupação e a decepção para a mulher Maira. Era difícil. Na viagem, viveu o dilema. Se tentasse correr, poderia agravar a lesão e sepultar o desafio. Se ficasse parado por mais tempo, talvez não conseguisse chegar ao ponto de excelência que lhe permitisse vencer o Portuga. O que fazer?

Resolveu arriscar e treinar no Reservatório do Central Park. Cenário de muitos filmes, o Reservoir Jacqueline Kennedy Onassis tem 1,58 milha de trilha, pouco mais de 2,5 km, em terra batida, em volta de um lago, bem no meio do enorme parque nova-iorquino. Tudo ali sugere excelência. O piso é macio e uniforme, sob medida para quem foge do impacto. A visão oferece, em um primeiro plano, água e vegetação. No horizonte, o *skyline* de prédios. A própria trilha da corrida está alguns metros acima do resto do parque. É como se fosse um pedestal para o corredor se sentir realmente especial. Tomás correu 10 km, de modo leve, em volta do reservatório, usando o medo como combustível. Sentiu um pequeno desconforto. Dois dias depois, se arriscou em um treino de 16 km

com velocidade progressiva. No sábado, duas semanas após a lesão, apostou tudo em um longão de 23 km. Não sentiu dor. Quando soube, Marcos Paulo ficou possesso, não acreditava que seu corredor tinha quase colocado tudo a perder. O fato é que Tomás continuava no jogo.

* * *

Lelo já havia entrado para valer na brincadeira algumas semanas antes. São Paulo recebia pela primeira vez, em 2 de agosto, as 10 milhas da Mizuno, em um domingo que não fez calor na cidade. Distância excelente para testar velocidade e resistência combinadas. Dos desafiantes, apenas Lelo estava inscrito. Os efeitos dos treinos de pista do Clube Pinheiros apareciam a cada semana. Lelo fez a corrida perfeita, voadora. Engatou um ritmo de 3min38 por quilômetro, e disputou, posição por posição, com os profissionais. Terminou os 16 km em 58min34, tempo suficiente para uma 14ª colocação geral na prova. Lelo passou o tapete eletrônico com um sorriso de orelha a orelha. Percebeu que seu técnico Fabio Rosa andava por ali. Voltou dizendo:

— Você viu, Fabio? Estou me sentindo muito bem, correria ainda mais.

Dessa vez, o técnico até se esforçou para parecer *blasé*, só que deixou escapar um sorriso antes de despachar seu atleta:

— Sai logo daqui, não deixe que o pessoal o veja. Vai comemorar em casa...

O desafio estava em curso, Portuga fazendo seus treinos isolados no Ibirapuera, sem ouvir muitas notícias dos três concorrentes. O trio preferia falar pouco, não se expor. Um seguia não sabendo exatamente como o outro estava. Um dia, no Ibirapuera, Guto treinou com Tomás e ficou certo de que o amigo estava mais próximo de buscar o recorde. Os dois fizeram o mesmo treino de ritmo, Guto precisou fazer muita força para acompanhar a levada de

Tomás.

* * *

Já estava decidido, Tomás desistira da Maratona de Berlim. Todos tinham as inscrições em Berlim, 20 de setembro, e Chicago, 9 de outubro, além de Amsterdã, a opção menos interessante. A lesão tinha roubado dias preciosos de sua preparação e seria melhor usar a segunda janela. O prejuízo financeiro nem foi dos maiores, deu para receber de volta hotel e 90% do valor da passagem. Tomás iria ver Berlim pela internet.

Àquela altura, cada um tinha seu prognóstico para o desafio. Tomás achava que existia uma possibilidade de conseguir, mas sabia que Lelo reunia as melhores condições. Lelo acreditava que tinha mesmo esse potencial, ainda mais depois das 10 milhas da Mizuno. Temia sua falta de regularidade. Já tinha corrido três maratonas, em duas delas havia "quebrado". Em Chicago 2006, exagerou no ritmo e dançou nos 12 km finais. Do quilômetro 35 ao 40, manteve um ritmo de 6min46, praticamente caminhou. No ano seguinte, sucumbiu ao calor anormal de mais de 30 graus na mesma Chicago e largou a prova no quilômetro 25. Seu estado era lastimável, foi parar no hospital porque vomitava e evacuava sangue.

Guto apostava em Lelo, mas não deixava de colocar fichas em Tomás. A facilidade com que Tomás conseguia apertar o ritmo nos treinos mais rápidos o impressionava. Já para Lelo e para Tomás, faltava rodagem para Guto. Dos três, era o corredor mais novo. Estava com menos de três anos de experiência na bagagem, muito pouco para buscar uma lenda como o Portuga. Curiosamente, o melhor tempo registrado dos três até aquele momento (2h46min57) era justamente o da zebra Guto, em Berlim 2007.

Em setembro, os três estavam com o "sangue nos olhos" que disfarçaram no almoço do Dressing, no dia em que a brincadeira foi lançada. A seriedade com que enfrentavam tudo beirava a obsessão.

Queriam muito bater o Portuga. Tomás até viveu uma vida normal em grande parte da temporada de treinos. Na primeira parte do desafio, não se privou de prazeres como suas taças de vinho e risotos. Nos três meses finais, porém, baixou a bola e se comportou à mesa como um verdadeiro atleta. Já Guto vinha desde janeiro vivendo o desafio para valer. Tanto nos treinos quanto na mesa. Flávia, sua mulher, olhava com reserva toda a loucura. A promessa era que, terminado o desafio, Guto “voltaria ao normal” e se dedicaria mais à família.

Lelo começava a namorar a modelo e corredora Daniella Cicarelli, também da turma da MPR. Entre os amigos sub-3h, o desafio era o assunto da corrente de emails. O dia se aproximava. A primeira bolinha seria lançada na roleta de Berlim, na manhã de 20 de setembro. A torcida era toda para os desafiantes. Portuga, e apenas ele, torcia para que a esfera de metal caísse caprichosamente no zero.

Coração na boca

De quando em quando, o garoto magrinho dava as caras na praça do Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi. Nem aquecia e já disparava em fúria. Uma, duas, três, quatro voltas. Meia hora mais tarde, sumia tão rapidamente como tinha aparecido.

O garoto de repente reaparecia em Boituva, a 100 km de São Paulo. Voando. A cada metro que o avião subia, o coração disparava. Eram vinte minutos de subida até a altitude de 3.700 metros. Vinha o aviso: "pode ir". Os batimentos cardíacos iam na lua. O garoto se jogava para o nada. Em segundos, atingia 200 km/h. O barato durava menos de um minuto. A contragosto, tinha que puxar a cordinha. Aí seriam mais cinco minutos de uma incrível e tediosa beleza até a aterrissagem.

De repente, ele estava em Interlagos. O capacete escondia o sorriso quando finalizava uma curva perfeita em seu kart. Felicidade só comparável ao dia em que quase derreteu na fornalha nordestina do Rally dos Sertões. Dentro de um Suzuki Samurai, enfrentava uma nuvem de poeira a mais de 120 km/h.

No Havaí ou em Cozumel, no México, o garoto se aprofundava em outras águas. Com cilindros de oxigênio, conhecia as profundezas do mar ou das cavernas.

Ele ficava ainda mais elétrico quando a temperatura baixava. Era na neve sul-americana da Argentina e do Chile que ele empilhava títulos. No slalom ou no downhill, conseguiu ser tricampeão brasileiro. Queria mais. Viajava para a Europa representando o Brasil nos mundiais e Olimpíadas de Inverno. Até que em meados dos anos 90 escutou a sentença definitiva:

— Basta. Assim você não vai a parte alguma. Concentre-se em

uma coisa só.

A frase era, ao mesmo tempo, uma crítica, um conselho, uma avaliação, uma ameaça e, acima de tudo, um gesto de carinho. O autor dela, o suíço Pierre Tagliabue, queria botar o garoto nos eixos. Tinha aceitado treinar o brasileiro Marcelo Apovian para as Olimpíadas de Inverno de Nagano, em 1998, mas estava aborrecido com tanta dispersão. Lelo, então com 23 anos, fazia de tudo, se metia em qualquer esporte que fosse regado a adrenalina.

O técnico suíço tentava canalizar aquele excesso de energia do garoto que vinha de longe. Desde os quatro anos, quando assistiu pela primeira vez à Fórmula 1 em Interlagos com o pai, descobrira-se apaixonado por velocidade. Na verdade, era viciado em adrenalina. O pai, Rubens Apovian, dono de uma rede de postos de gasolina, tinha pilotado nas Mil Milhas de Interlagos nos anos 1960 e incentivava desde cedo o garoto nos esportes. O menino Lelo pegou gosto pela competição.

No esqui, mostrou desde a descida inaugural que era rápido. Na primeira chance de competir para valer, já conseguia uma terceira colocação no Campeonato Brasileiro amador. Aos dezoito anos, estava na Áustria, em seu primeiro mundial. Depois competiria nos mundiais da Espanha e da Itália. Com dezenove anos, representava o Brasil nas Olimpíadas de Albertville, na França. Só que quando saía da América do Sul, Lelo virava uma espécie de Minardi dos esquis, não conseguia sair das últimas posições. O novo técnico tinha sido contratado em 1995 para transformar Lelo em um esquiador melhor e prepará-lo para o próximo ciclo olímpico que desembocaria nos Jogos de Nagano, no Japão, em 1998.

Lelo não gostou de ouvir que era um pato esportivo. Assim como a ave que voa, nada e caminha, tudo de forma desajeitada, Lelo praticava muitos esportes e não conseguia desempenho excepcional em nenhum. Era duro ouvir aquilo, ainda mais para alguém inflado desde a infância pelo destaque no incipiente e provinciano esqui

nacional. Mas o sacolejo do suíço balançou a cabeça do garoto e o levou a fazer uma autocrítica. Tinha ganhado anos antes um kart do pai. E comia poeira em Interlagos de pilotos como Luciano Burti, que se dedicavam com afinco a um só esporte. O paraquedismo pelo menos, a essa altura do campeonato, já era passado. Lelo tinha feito cursos e acumulava mais de 60 saltos em Boituva. Em um dia sem nuvens, repensou a vida. Era o primeiro salto do dia, feito em um avião com certidão de nascimento de 1943. Quando o monomotor sem portas estava a três mil pés (um quilômetro de altitude), um estrondo foi ouvido. A única hélice tinha quebrado e o avião começava a cair. Além de Lelo e do piloto, estavam no monomotor um outro paraquedista e mais um instrutor e uma iniciante que iriam fazer um salto duplo. Naquele instante, o piloto percebeu o tamanho da encrenca e logo gritou:

— Vai, vai, vai...

Ele sabia que o avião cairia, tentaria apenas amenizar o impacto. Queria salvar a pele dos tripulantes. Em um salto corriqueiro, os paraquedistas são levados à altitude de dez mil pés e vão em queda livre até os três mil pés, quando abrem seus paraquedas. O cansado avião quebrou enquanto subia, justamente no ponto crítico de abrir os paraquedas. O jeito era saltar ali mesmo e puxar imediatamente a cordinha. Só que aquele não era um salto normal, o avião estava desnivelado, já com o nariz apontado para o chão. O primeiro saltou enquanto o instrutor e a aprendiz tentavam se ajeitar para o salto duplo. Lelo olhou o altímetro no pulso e calculou que tinha quinze segundos até a “zona da morte”, o ponto em que já não há mais distância suficiente para o paraquedas abrir.

Mesmo com o avião torto, se jogou tendo o cuidado para livrar distância do outro paraquedas que já estava aberto. O instrutor fez a mesma conta e contabilizou apenas seis segundos para a zona mortal. Preferiu confiar na habilidade do piloto, que, fazendo curvas e mais curvas, conseguiu reduzir a velocidade final e desabou em

um canavial. O saldo foi até positivo. O piloto quebrou o joelho e o nariz. A menina teve fraturas em vértebras, permaneceu um mês no hospital e saiu sem sequelas. O instrutor escapou ileso. Lelo aterrissou na Rodovia Castello Branco e voltou caminhando para o aeroclube. Cogitou até a possibilidade de um novo salto naquele dia. Desistiu da ideia quando soube que não havia outro avião disponível no aeroclube.

A ficha não havia caído ainda. Somente quinze dias mais tarde compreenderia a dimensão do acidente. Tinha voltado a Boituva e na hora de sair do avião sentiu uma vertigem. O salto, que costumava ser natural, virou pavor. Teve a sensação, dessa vez, de se jogar a contragosto. Quando pousou já tinha a certeza de que aquilo não era para ele. Era um esporte que dependia de muitas variáveis, melhor ficar só com o esqui.

* * *

Com mais foco e ouvidos mais atentos para o técnico suíço, Lelo começou a evoluir no esqui. Para as Olimpíadas de Inverno de Nagano, não bastava o Brasil querer competir. A partir daqueles jogos, era necessário um índice técnico. A era retratada no filme *Jamaica abaixo de zero*, quando qualquer país podia brincar na neve, tinha acabado. Lelo conseguiria assim sua primeira grande façanha na elite do esporte: seria o único a representar o Brasil em Nagano. Sua foto como porta-bandeira em uma delegação de um só atleta mostra a importância brasileira nos esportes de inverno. Lelo alcançou o índice por suas próprias pernas. Nas Olimpíadas, não faria feio. Disputando uma das quatro modalidades de esqui alpino (o slalom supergigante), conseguiu um inédito 37º lugar, o melhor resultado de um brasileiro até 2006, quando a snowboarder carioca Isabel Clark cravou um nono lugar nos Jogos de Turim.

Pronto. Lelo estava dando por encerrada sua carreira de esquiador. Sabia que, por mais que evoluísse, não iria muito longe no circuito

européu. Não iria ganhar dinheiro, apenas gastar. Definitivamente, precisava voltar ao Brasil e entrar no mercado de trabalho. Com o curso de publicidade na mão, iniciaria sua carreira de vendedor. Primeiro na revista Trip, comercializando anúncios. Depois em uma empresa de *head hunter*, caçando e vendendo cabeças de profissionais para empresas. E por fim vendendo produções de vídeo, já como sócio da Zulu Filmes.

Antes, porém, de virar executivo, faltava realizar um sonho. Apaixonado por motos desde criança, queria correr um Rally dos Sertões. A brincadeira, porém, não era barata. Mesmo com apoio do pai, precisava minimizar o prejuízo. Juntou mais três amigos (duas motos e um carro) e criou uma equipe para reduzir os gastos. Na época, participar do Rally dos Sertões custava perto de 30 mil reais. Um único veículo de apoio iria abater vários custos da nova equipe.

Ainda inspirado pela bronca do técnico suíço do esqui, levou a brincadeira a sério. Já trabalhava na Trip, mas guardava os fins de semana para se embarrar pelas trilhas de Alphaville a bordo de sua Honda 400. Treinou para valer e conseguiu deixar sua moto pronta para a empreitada.

O Rally cruzava o Brasil pelos grotões, saindo de Goiás, passando por Tocantins, Maranhão, Piauí e Ceará, até chegar ao Rio Grande do Norte. Eram 4.734 km em dez dias de muita poeira. Lelo, já nos primeiros dias, descobriu que o jeito de se dar bem era pilotar com mais inteligência do que arrojo. Valia a pena esmerilhar em trechos mais planos, onde sua Honda chegava a atingir 160 km/h, mas não era esperto acelerar demais nas estradas mais esburacadas. Além do risco de queda e fim de prova, havia a questão mecânica. Estava disputando na categoria Production, que exigia veículos originais. Podia trocar pneus, velas, freios e nada mais. Eram basicamente motos de rua, despreparadas para a buraqueira dos rincões nacionais.

Lelo foi correndo com a cabeça, poupando equipamento e

evitando os acidentes. E assim chegou no penúltimo dia do Rally em terceiro lugar na categoria. O segundo colocado era seu companheiro de equipe e amigo Henri de Abreu, que acabou abandonando a competição com o motor estourado da moto. Se não fizesse bobagem, Lelo já seria vice-campeão. O título era improvável, estava a uma diferença respeitável do líder e a última etapa previa uma especial curta, de apenas 30 km. A não ser que... o líder Alexandre de Tommasi tivesse algum problema. E não é que antes da largada seu motor também iria para o espaço? Lelo só precisou passear nos 30 km finais para vencer o Rally dos Sertões em sua categoria.

A festa foi grande, mas por pouco não terminou de forma trágica. Ao entrar de moto em Natal com a competição encerrada, Lelo foi dar um tapinha na mão do também piloto Gui Razzo. Nesse momento, as duas motos se engancharam e a dupla foi parar no chão. Os dois ficaram deitados em uma das avenidas mais movimentadas de Natal. Por sorte, todos os carros conseguiram desviar dos dois trapalhões.

* * *

O ano de 1998 terminou assim para Marcelo Apovian: melhor esquiador brasileiro da história e campeão de uma categoria do Rally dos Sertões. Ao menos naquele instante, estava em paz com seu diabinho competitivo. Queria mais era relaxar e assim foi passar as férias do ano seguinte em Las Leñas. Não era campeonato, nada. Estava apenas passeando. Um salto mal calculado, um buraco enorme e as fraturas. A grande fase esportiva deu lugar ao pesadelo hospitalar. Foram quatro anos de sofrimento e cinco cirurgias para receber de volta sua perna esquerda.

Os anos de blecaute competitivo serviram para mostrar que ele nem sempre era o dono da situação. O grande esportista, de repente, não conseguia caminhar sem arrastar a perna. Depois de

retirar a gaiola metálica que propiciou a consolidação das fraturas, ficou com uma sensação de tempo perdido. Lelo queria recuperar o atraso, e rápido. Talvez por ter passado tanto tempo com problemas de locomoção ele quisesse dispensar os esportes que necessitassem de equipamentos. Não precisava de esqui, moto, avião ou kart para sentir o vento na cara. Queria voar com as próprias pernas, a corrida era o caminho natural.

Até para reduzir o impacto na perna esquerda fraturada, partiu para o triatlo. A bicicleta e a natação só o ajudariam. A pressa era grande. Saiu do hospital em junho de 2003 e em novembro já andava em Pirassununga para seu primeiro Meio Ironman. Eram 1,9 km de natação, 90 km de ciclismo mais uma meia maratona. Sofreu além da conta, mas terminou em menos de cinco horas com a sensação de que estava vivo de novo.

E dali não parou mais. Faria mais dois Meio Ironman, seis triatlos olímpicos (1,5 km de natação, 40 km de bicicleta e 10 km de corrida), quatro duatlos (5 km de corrida, 20 km de bicicleta e 2,5 km de corrida), sempre melhorando seus tempos. Mas era na corrida que brilhava. Quando começou a treinar na MPR, já tinha o dom natural da velocidade. Sem nenhum treino específico, fazia 6 km em 21 minutos. Algo perto dos 3min30 por quilômetro. Nos 10 km, no entanto, não conseguia andar abaixo dos 40 minutos. Com um pouco de treino chegou lá: 36min30 na Track & Field de 2004. Queria mais e resolveu se inscrever na Maratona de Berlim do mesmo ano.

Seguiu as planilhas de Marcos Paulo e, no ensaio geral, se impressionou com o próprio desempenho. Era sua segunda meia maratona na vida, a primeira havia sido dentro do Meio Ironman de Pirassununga. No calor do interior de São Paulo, pregou e terminou caminhando, em 1h53. No Rio, a temperatura também não era das mais camaradas. Mesmo assim, terminou triunfante em 1h21min13. Estava pronto para estreiar numa maratona. E que estreia! Sem

planejar, sem pensar demais, saiu correndo em um ritmo pouco abaixo dos quatro minutos por quilômetro. Achou que dava para seguir na mesma toada e completou a meia em 1h23min45. A segunda metade costuma ser a mais complicada e Lelo a terminou em menos tempo. Finalizou com 2h46min58.

Lelo era um fenômeno. Tinha derrubado o tempo de Amílcar Lopes Júnior muito antes de existir o "Desafio do Portuga". Amílcar cravara 2h48min21 em Chicago, quatro anos antes. Lelo gostou da brincadeira. Estava se destacando de fato, porque por mais que houvesse se sagrado campeão nas neves da América do Sul, sabia que esses títulos eram relativos, uma vez que ao embarcar para as competições europeias percebia a sua total irrelevância como competidor. Na corrida e no ambiente de disputa acirrada da MPR, estava se sentindo grande. Gostava da sensação, queria mais.

Mais empenho, mais treino, mais provas. Foi gradativamente melhorando a performance nos 10 km. Em 2005, baixou primeiro para 36min18 e depois para 35min30. Em 2006, fez ainda melhor, marcou 34min47. Na meia do Rio de 2005, melhorou seu recorde: 1h20min50. No ano seguinte, resolveu trocar o tórrido Rio de Janeiro pela amena Buenos Aires. Bingo: 1h18min18.

Buenos Aires era um ensaio para Chicago, aonde toda a turma da MPR iria; 120 pessoas no total. Lelo tinha o tempo mais rápido de todos. Planejou detalhadamente a prova, estava animado. Era dia de recorde pessoal, a temperatura favorecia, tudo estava perfeito. Até a meia maratona, as coisas seguiram conforme o imaginado: cravou 1h20min. Já no quilômetro 25, seu desempenho começou a cair, despencou no 30 e desmoronou no 35. Lelo chegou a caminhar. Terminou a segunda metade da prova em 1h51min11, tempo quase tão ruim quanto aquela terrível meia de Pirassununga. Nos últimos quilômetros, sofreu com a indiferença do público. Chicago aplaude os apressadinhos da mesma forma que festeja os lentos, velhos e rechonchudos. Na cidade de Barack Obama, a torcida aplaude até

George Bush, caso ele se aventure na maratona. Mas aquele garoto em forma, com cara saudável, caminhando, não merecia incentivo algum. Lelo estava arrasado.

Para piorar, a turma arrebentou. Portuga se tornava lenda com suas 2h43min50, Guto virava o segundo aluno da classe com 2h46min57. Além deles, Tomás Awad, Jacques Fernandes, Felipe Wright, Felipe Telles e outros tinham sido mais velozes. Lelo murchou na noite de Chicago. Prometeu a si mesmo que daria o troco no ano seguinte.

Chicago de novo. Não tinha treinado tanto como em 2006, mas confiava em seu taco. Uma onda de calor varreu Illinois naqueles dias. A temperatura na prova ultrapassou os 30 graus. Antes da largada, Marcos Paulo procurou seus mais de 80 alunos que estavam em Chicago, orientando-os a abortar seus objetivos pessoais:

— Esqueçam tudo o que combinamos. Ferrou. Está muito quente, vão ter que correr bem devagar.

Lelo ouviu e não escutou. Partiu em ritmo forte, apenas alguns segundos por quilômetro mais lento do que faria se a temperatura estivesse baixa. Passou os 10 km abaixo dos 40 minutos e a meia em 1h24min32. No quilômetro 25, sentiu que as coisas não iam bem. Estava passando mal. Largou a prova e foi para o hotel. Estava vomitando e defecando sangue. Hemorragia provocada pela severa desidratação. Foi parar no pronto-socorro da cidade, que mais parecia um hospital de campanha na guerra. Naquela tórrida Chicago, centenas de corredores terminaram a maratona em uma cama com problemas provocados pela desidratação severa e pela insolação. Pelo menos dois amadores morreram na prova de 2007. Não há registros de se mais algum maratonista perdeu a vida nos dias seguintes.

Lelo não sabia, mas aquela maratona daria início a um longo inverno esportivo. No mês seguinte, Lelo embarcaria para Buenos Aires para abrir o escritório portenho da empresa de *head hunter* em

que trabalhava. Trabalho pesado, o dia inteiro. Quando chegava a noite, se dedicava à mulher Juliana, que tentava se adaptar ao novo país. Não encontrava tempo para treinar. Vitória do bife de chorizo.

Um ano de Argentina, um ano sem competir, um ano sem fazer exercício. Lelo voltou ao Brasil em outubro de 2008 com sede de esporte. Chamou um amigo para uma corridinha pelas ruas de São Paulo. Não conseguiu acompanhar o ritmo de 5min30 por quilômetro. Precisou caminhar para recuperar o fôlego. Estava mal.

Voltou às planilhas do amigo Marcos Paulo. Em poucas semanas, ativava toda sua memória esportiva. Voltava a correr rápido. Estava um sábado na USP quando escutou a frase do técnico:

— Vamos pegar o Portuga?

Lelo estava definitivamente de volta.

Atleta Richards

No princípio, eram os cochichos. Quem era aquele nerd de óculos com hastes finas que insistia em treinar com um short colorido da Richards? O administrador Tomás Awad não se importava com os olhares irônicos dos colegas da assessoria esportiva MPR. Se não vestia os calções tecnológicos da maioria era porque se sentia confortável correndo com os shorts da Richards. Possuía cinco deles em sua gaveta, não estava nem aí para o que os outros diziam. Tinha sido convencido por um amigo a treinar naquela assessoria, e estava ali para correr. E como corria.

Já nos tempos de garoto em Ribeirão Preto se destacava nas peladas de futebol. Não somente pelo talento com a bola. O forte de Tomás era mesmo a correria. Insistia em correr o tempo todo, o campo inteiro. Volante carrapato, era apelidado de “Doping” pela energia que parecia jamais se esgotar.

Era destaque no gramado da chácara do Juba, um amigo do pai. Reinava naquele futebolzinho de seis contra seis. Alguém sugeriu que procurasse uma boa escolinha na região, poderia ter algum futuro, quem sabe. Foi encaminhado para Bonfim Paulista, “Grande Ribeirão”, para a escolinha de Lula, um meia que havia jogado no Botafogo local e no São Paulo. Ali descobriu que não era do ramo. O campo grande, onze contra onze, o desnorteava. Pior do que isso, achava um despropósito a maneira como o pessoal jogava. Naquele ambiente, a bola era disputada como se fosse um prato de comida. E, de uma certa forma, era mesmo para alguns dos meninos. Todos entravam pesado, pesado demais para o pacato Tomás. Assim que pôde, deu no pinote. Voltou a jogar em peladas mais inofensivas, como as do Clube Recreativo de Ribeirão, todo dia às cinco da tarde.

* * *

Os anos se passaram, a faculdade de administração de empresas da Fundação Getulio Vargas foi sugando todo o tempo disponível. Depois vieram os empregos, no Chase Manhattan, no Itaú, na Landix Investimentos. Vieram as viagens de negócios, as planilhas, o interesse pelos ativos imobiliários. Tomás estava lenta e progressivamente virando um sedentário.

No início de 2001, o amigo Marcelo Kneese comentou sobre a assessoria esportiva que frequentava. Era o momento de desenferrujar o corpo. Desembarcou na MPR para dar qualidade à própria vida. Não treinava para alcançar recordes, muito menos para ser destaque na moda esportiva do Parque do Ibirapuera.

Tomás caiu no grupo comandado pelo treinador Fabio Rosa. Econômico nas palavras, Fabio está longe de fazer o tipo do treinador paizão. Não se derrama em incentivos e elogios. Fabio é técnico, presta atenção nos detalhes. Foi o que o fez reparar naquele rapaz de short estranho: a mecânica da corrida. Se não tinha o biotipo do corredor (uma pequena barriguinha, ombros abduzidos, fazia mais o tipo intelectual), Tomás corria com a naturalidade dos fundistas. Mecânica perfeita, econômica. Não gastava uma caloria a mais do que o necessário para cada passada.

Não demorou para começar a se destacar. A facilidade para correr de sua infância e adolescência logo reapareceu. Com menos de três meses de treino estava pronto para sua primeira meia maratona. Terminou a prova da Corpore, em abril de 2001, em 1h44min44, numa média de quase 12 km/h. É o equivalente a uma criança entrar no primário já encarando questões de trigonometria.

Um ano após virar corredor já estava fazendo sua primeira maratona, em Chicago. Cravar 3h08 é um feito que a imensa maioria dos corredores não conseguirá a vida inteira. Fazer isso em sua primeira tentativa era mais surpreendente do que o resultado da primeira meia. Tomás estava virando gente grande dentro da MPR,

só que ainda nem desconfiava disso. Para ele, fazer uma maratona em 3h ou 3h30 dava rigorosamente no mesmo. Faltava parâmetro para entender em que estágio se encontrava.

* * *

Fabio Rosa é o tipo do treinador que se realiza com os progressos dos atletas velozes. Ele estava satisfeito por ter recebido aquele diamante bruto. Do seu jeito, sem grandes sorrisos. Adorava performance, só não gostava de inflar o ego de seus alunos. Seguia passando planilhas cada vez mais desafiadoras e Tomás respondia com tempos sempre melhores. A velocidade começava a seduzi-lo. O prazer de correr lembrava a felicidade dos jogos de futebol. E sem as botinadas da escolinha de Lula. O próximo objetivo era Chicago 2003, e aí já se falava abertamente em uma maratona abaixo das três horas. Tomás estava tinindo.

No último treino longo, preparatório, a ideia era correr 35 km dentro da USP em um sábado de agosto. São Paulo enfrentava uma onda de calor naquela semana. Quem faz um treino duro desses costuma minimizar o esforço e já começa antes do sol nascer para terminar antes da temperatura subir demais. Tomás chegou na Cidade Universitária já com o dia esquentando. Alongou, aqueceu e mandou bala. Uma volta atrás da outra, estava dando tudo certo. Seu frequencímetro apontava 167, 168 batidas por minuto, um número aceitável para o esforço final. Faltavam pouco mais de dois quilômetros para terminar a sessão e chegar ao posto da MPR quando alguém desligou a luz. Tomás tinha apagado.

Como um rastilho de pólvora, a notícia chegou minutos depois na MPR.

— Um cara da MPR está caído lá perto do velódromo — avisou um ciclista a Fabio Rosa, depois de passar pelo corredor com a camisa amarela da assessoria estendido no chão.

O furgão da assessoria chegou logo ao ponto em que Tomás

estava desacordado. Juliarde, motorista da MPR, ajudou Fabio a colocar Tomás no carro. E entraram na emergência do Hospital Universitário, dentro da própria USP, com um pacote suado de camisa amarela e short florido.

Tomás havia entrado em colapso. Batimentos na lua, pressão alta, hipertermia, ele suava a ponto de encharcar a maca e pingar água no chão. Das onze horas da manhã até as quatro da tarde, Tomás enxugou pela veia garrafinhas de soro. Fabio Rosa contou 27 vezes a mesma pergunta:

— Que dia é hoje?

A confusão mental durou parte da tarde. Tomás saiu de lá para o Hospital Sírio-Libanês. Por três dias, foi revirado de cima a baixo. Coração, cérebro, tudo foi checado e rechechado. Não se descobriu nada de anormal. O corpo tinha apenas reclamado da demanda exagerada. O projeto Chicago, contudo, estava cancelado.

Com a permissão dos médicos, voltou a treinar. Ligeiramente desconfiado, mais atento a eventuais sinais do corpo, mas com a mesma vontade. A sugestão da assessoria era correr no ano seguinte a Maratona de Berlim, cada vez mais bem organizada, além de plana e fria como a própria Chicago. Tomás topou, queria fazer uma prova rápida.

* * *

Os sub-3h da MPR corriam quase todos juntos durante a semana. O encontro se dava às segundas e às quartas, no Ibirapuera. Ali todos se conheciam e se provocavam. Quando os bólidos saíam juntos para uma volta rápida, era melhor sair da frente. Tomás preferia a turma de terça e quinta-feira, pois ali o ritmo era bem mais lento e ele era o mais rápido. Tinha que treinar sozinho, o que não era grande problema. Sua motivação jamais saiu do grupo de amigos, mas dos próprios desafios que se impunha.

Em Berlim 2004, a linha de frente da MPR estaria bem

representada. Lá estariam Lelo, José Carlos Vasconcellos (o Zeca), Carlos Medeiros, Giovane Caldas, todos sub-3h. Além deles, gente rápida como Felipe Wright, Gustavo Lima e Felipe Telles. Uma grande turma, apenas Awad era um desconhecido para a maioria, já que costumava treinar separado.

Fabio Rosa tinha certeza de que Tomás arrebentaria na prova. E provocou a turma quando já estavam todos em Berlim.

— Hoje vai chegar aqui um cara que vai jantar vocês todos.

Quando Tomás apareceu no grupo, todos trocaram olhares debochados. Era aquele o “homem a ser batido”?

— O Tomás não parecia corredor com aquele jeitão de jogador de tênis de fim de semana. O short da Richards virou a sua marca — lembra Lelo.

No dia da maratona, cada um seguiu o seu caminho. Zeca e Felipe correram juntos até a meia maratona pensando em terminar pouco abaixo das três horas. Zeca conseguiu, Felipe não. Lelo largou forte, mas havia alguém ainda a sua frente: Tomás. Pelo quilômetro quatro, Tomás percebeu a bobagem, baixou o ritmo e foi ultrapassado por Lelo um pouco depois. A dupla percorreu os primeiros dez quilômetros abaixo dos 40 minutos, um ritmo suicida para os treinos da época. Lelo ainda conseguiu administrar uma redução de velocidade ao longo da prova e terminou com 2h46min58, sendo o melhor brasileiro da prova.

Tomás tentou fazer o mesmo, mas o esforço inicial cobraria uma conta alta. No quilômetro 26, foi alcançado por Giovane Caldas, que fazia uma maratona em ritmo de 4min10 por quilômetro. Os dois mal se conheciam da MPR, mas Tomás puxou assunto.

— Acho que exagerei e fui muito forte no início. Posso ir com você?

O comunicativo Giovane abriu um sorriso para o novato da turma.

— Claro, vamos juntos até o final abaixo de três horas.

Alguns quilômetros mais adiante, Giovane sentiu que o

companheiro não conseguia ficar lado a lado, teimava em se posicionar um passo atrás. Reforçou o convite para correr junto até o final e logo depois o perdeu de vista.

Fabio Rosa estava no quilômetro 32 com um mimo especial para os 21 atletas da MPR que sobrevivessem ao esforço. Ali Fabio presenteava os corredores com uma pequena batata cozida enrolada em papel alumínio. Depois de passar a prova alternando gel adocicado de carboidrato com os também doces isotônicos, experimentar algo salgado era um combustível poderoso. Carboidrato puro, a batatinha vinha gelada e bem salgada. O primeiro a passar por Fabio foi Lelo, depois Carlos Medeiros, seguido por Giovane e Tomás. Tomás estava com um sorriso tranquilo no rosto, aparentemente ia firme para sua primeira maratona abaixo de três horas.

Fabio aguardou o pelotão das 3h30, o pessoal das 4h e Luis Degani, o último MPR que cruzou o Portão de Brandemburgo, com quase 4h30 de corrida. Era voltar para o hotel, conversar com a turma, pensar no jantar. Antes de relaxar, Fabio resolveu conferir os tempos de todos no computador. Havia um problema. O sistema não havia registrado a passagem de Tomás Awad pelo quilômetro 40 nem pela linha de chegada. Também não estava no hotel. A luz vermelha tinha acendido.

Tomás tinha pifado. Na altura do quilômetro 38, o frequencímetro indicou pane. Os batimentos, que deveriam rondar os 170 por minuto, estavam em 190. Tecnicamente, estava com taquicardia. Tentou reduzir o ritmo, mas a sensação não melhorava. Tomás parou, saiu da pista. Em um bar próximo, pediu um copo d'água e um biscoito para ver se melhorava. As pernas travaram, estava derrotado. Pediu uma ambulância e foi levado a um hospital de Berlim. Tomou soro e foi monitorado pelos médicos.

A essa altura, Fabio Rosa já estava no primeiro hospital que encontrou, procurando um corredor de camisa amarela e short

florido. Nada. Enfrentou dificuldade para descobrir o endereço de outros hospitais. Parte dos voluntários da maratona era de nascidos do lado oriental de Berlim, o que se podia perceber pelo péssimo inglês que falavam. Fabio chegou a parar em um sanatório achando que aquilo era um pronto-socorro. Vasculhou outros dois hospitais sem êxito. Quando voltava para o hotel para ter mais informações, Tomás chegava no táxi da frente. Os médicos haviam dito que só o liberariam se alguém viesse buscá-lo. Pediu que telefonassem para o hotel e chamassem o primeiro brasileiro à vista. Zeca foi o primeiro a ser identificado pelo pessoal do hotel. Com o advogado Sérgio Marangoni (o único que falava um pouco de alemão), pegou um táxi para o hospital. Conversou com os médicos e resgatou Tomás.

Tomás voltou para o quarto e se lembrou da balança no banheiro. Havia se pesado antes da prova, estava naquele momento com 2,5 quilos a menos. Ficou com raiva de si mesmo. Apesar de perder costumeiramente muito líquido na transpiração, na nova pesagem percebeu a besteira que havia feito. Tinha exagerado no ritmo, tinha cometido erros. Na mesma noite, Tomás já estava embarcando para Frankfurt, de onde faria a conexão para São Paulo. Tudo não tinha passado de um grande susto. Mais exames foram feitos, nada encontrado.

Fabio, além do susto de quase ter perdido um corredor, saiu da Alemanha com um outro prejuízo: por muito tempo escutou a gozação da turma sobre aquele corredor misterioso que iria "jantar" todo mundo. O prejuízo de Tomás foi mais material. Na Maratona de Berlim, o atleta "comprava" por 37 euros um chip a ser devolvido na chegada em troca de 35 euros. Um jeito de cobrar dois euros pelo uso do dispositivo que mede o tempo final e em todas as passagens. Na confusão, Tomás acabou embarcando para o Brasil com o chip amarrado ao tênis. Agora tinha mais um motivo para voltar a Berlim, além de apagar a má impressão daquela maratona: pegar de volta os 35 euros.

Dito e feito. Um ano depois, Tomás Awad voltava ao local do crime. Treinou tudo de novo e planejou meticulosamente a prova, sem exageros. Fez a corrida em 2h56min03 com a impressão de que tinha mais farinha no saco. Ganhou o respeito dos bacanas da MPR, que agora o viam como um corredor dos bons. O preço da intimidade era a história do short colorido. Agora o deboche era escancarado.

— Não veio hoje com o short da Richards, Tomás?

Em 2006, seguiu a caravana da MPR para Chicago, uma prova infestada por brasileiros. No total, eram 287, mais de 100 deles comandados por Marcos Paulo Reis. O frio perto do zero grau era perfeito para recordes. Portuga conseguiu o seu. Awad também. Com 2h48min54, era o quarto melhor entre os brasileiros. Tomás estava radiante. No jantar, era o sorriso mais escancarado de Illinois. Ele jamais se esqueceria do filé com purê de batatas e aspargos do Gibson Steakhouse. Menos pela qualidade da comida, mais pelo momento mágico.

Cavalo de raça

Desde a quinta-feira o couro comia na Sociedade Hípica Paulista. Era o concurso da categoria Young Rider, que decidiria o campeão brasileiro de 1994. A disputa estava acirrada, mas apenas dois cavaleiros chegavam com chances reais de título na volta final do domingo. A categoria, como o próprio nome sugere, reunia as maiores promessas do hipismo nacional na faixa dos vinte anos. Álvaro era um deles. Desde as categorias de base, ele se destacava. Não era surpresa para ninguém estar tão próximo do troféu.

Quem montava a zebra era seu adversário Guto. Melhor dizendo, "ele" era a zebra propriamente dita, já que a sua égua Mara estava entre as mais cobiçadas montarias da Hípica. Quem surpreendia aí era o cavaleiro, um garoto que começou tarde demais no esporte, tinha adiantados treze anos quando montou pela primeira vez. Acabou se encantando com o hipismo a ponto de convencer a família, que não tinha qualquer intimidade com cavalos, a comprar um título de sócio na Hípica.

Guto não decepcionou, pelo menos no que dizia respeito a interesse e dedicação. Treinava diariamente, disputava campeonatos na categoria Júnior, estava sempre empolgado. Os resultados é que eram medíocres. Por começar tão tarde, nos primeiros tempos era atropelado pela garotada do clube, que começara a saltar quase de fraldas.

Com o tempo, foi melhorando tecnicamente. Tinha algo mais do que os outros: garra e paixão pela competição. Naquele domingo, Guto chegou em situação complicada para subir no alto do pódio. Precisava zerar o percurso e torcer para que Álvaro cometesse duas faltas. Ambos cometeram uma, Guto ficou com o vice-campeonato.

A derrota ganharia sabor de vitória com o tempo. Seu algoz, Álvaro Afonso de Miranda Neto, ficaria mais conhecido como Doda, disputaria Olimpíadas e entraria no *jet-set* internacional após o casamento com a bilionária Athina Onassis.

Nos anos seguintes, Guto competiu em várias categorias. Obteve um honroso terceiro lugar no GP de Porto Alegre, um título sul-americano por equipes. Obteve mais pódios e destaque na categoria Proprietários, de nível técnico mais baixo.

O fundamental aí é que o hipismo mantinha acesa nele a chama da competição. Guto precisava daquela adrenalina para render melhor na faculdade de engenharia da Faap e mais tarde na construtora da família. O emprego era ideal para aquele estilo de vida. Concursos de equitação começam na quinta-feira e terminam no domingo. Ficava mais fácil justificar as faltas de quinta e sexta-feira para um patrão que era pai e torcedor.

* * *

Em 2004, a construtora era vendida e Guto caía no mercado de trabalho. Virava analista financeiro da Etna, uma grande rede de lojas de decoração. Cresceria rápido, se tornaria rapidamente diretor-geral. As responsabilidades aumentavam, já não dava para sumir a cada quinta-feira. Agora Guto precisava saltar obstáculos no percurso dos fornecedores e credores. Vendeu seu cavalo e jamais voltaria a saltar. Se não fosse para competir de verdade, preferia não montar mais.

Se o hipismo estava saindo de sua vida, algo precisava entrar no lugar. A balança acusava 73 quilos, onze a mais do que seu peso normal. A troca de esporte se deu justamente por sugestão de um amigo da Hípica. Guto já se relacionava na Hípica com os irmãos Wright. Verônica saltava, Felipe apenas corria. Foi dele a sugestão para acompanhá-lo nos treinos da MPR.

Guto precisava resolver o problema da barriga e se aplicou nos

treinamentos. Gostou da resposta rápida da balança. Além de perder com facilidade os quilos sobressalentes, descobria que não era rápido apenas de botas, mas também calçando tênis. Empolgado, quando se deu conta já estava inscrito para a Maratona de Chicago, em 2005. Um amigo, porém, resolveu atrapalhar seus planos, convidando-o para ser padrinho de casamento. Convite irrecusável. E aquele volume todo de treinamento específico para uma maratona iria para o lixo?

Alguém deu a ideia de eleger uma outra maratona em uma data próxima: Amsterdã parecia a melhor opção. Teve tempo de se inscrever, comprar passagem, reservar hotel. Pelas suas contas, poderia empreender um ritmo de 4min50 por quilômetro, o que daria no final uma maratona de 3h25min. Nada mal para um principiante. Quando começou a correr no frio holandês, se animou e decidiu fazer uma “poupancinha de minutos” em caso de cansaço no final. Largou com 4min30 por quilômetro e não sentiu dificuldade em manter o ritmo. Pelo contrário, conseguiu até apertar um pouco mais. Cravou um *split* negativo já na estreia. A segunda metade foi ainda mais veloz do que a primeira, façanha normalmente de corredores mais experientes. O tempo final de 3h12min36 era, por si só, uma alegria. Mas Guto vibrou ainda mais com o resultado por perceber que dava para melhorar muito. Quando seria mesmo a próxima maratona?

* * *

A turma toda da MPR estava combinando o encontro em Chicago no ano seguinte. Para Guto, era uma espera muito longa. Estavam em outubro e Chicago só aconteceria no outubro seguinte. Ele tinha pressa, estava desfrutando a sensação de ser rápido. Procurou no calendário e escolheu uma boa prova no primeiro semestre. Paris, em abril, ainda por cima era linda. Pronto. Mais treino, mais uma viagem.

Tinha participado de uma prova de quatro mil participantes em Amsterdã. Em Paris, largando ao lado de 30 mil pessoas, Guto estava tendo pela primeira vez contato com um evento realmente gigante. O plano era terminar abaixo das três horas. Faltou pouco. O clima ajudou, doze graus é uma temperatura considerada excelente para uma prova de longa distância. Guto ainda não tinha treino de velocidade suficiente para a meta, mas 3h02min37 não podia ser considerado um resultado ruim.

Em Chicago, cinco meses mais tarde, Guto mudaria de categoria. Entrava para o clube das três horas pela porta da frente. E justamente na prova mais gloriosa da história da MPR. Dos 120 alunos que Marcos Paulo levava a Chicago, seis deles completavam abaixo das três horas. Guto era um deles. Cravou 2h57min41.

Ele era um sub-3h e rapidamente sentiria os efeitos disso. Fazia parte de uma espécie de seleção brasileira da corrida amadora. Não era preciso contar para ninguém o feito, nem escrever na camisa o tempo final da maratona. Todos sabiam. Os sub-3h eram reconhecidos de longe.

* * *

Guto já era um grande corredor, precisava conhecer a maratona dos grandes corredores. Como dizem os americanos, "A Maratona". A primeira experiência em Boston, no entanto, não foi das melhores. Guto sentiu o pé em uma provinha de 10 km em janeiro de 2007. As ladeiras de Boston ficaram mais penosas com uma lesão no pé. Para quem já conhecia a sensação de ver um "2" começando o resultado da maratona, conseguir 3h14min18, mesmo em uma prova dura como aquela, tinha sabor de derrota.

Guto queria mais performance, valia investir nisso. A realização de baixar o próprio tempo compensava qualquer esforço. Para dar um salto de qualidade na preparação era necessário mexer no combustível. Guto precisava ficar mais leve, reduzir o percentual de

gordura do corpo. Bateu à porta de Reinaldo Bassit, o Tubarão. Nutricionista — e ele mesmo triatleta da pesada —, Tubarão é o rei do pozinho. Venerado entre corredores que buscam resultados, ele elabora suplementos para todas as refeições, faz a turma fechar a boca. As fórmulas preparadas por ele não são exatamente conhecidas pelo sabor. O negócio do Tubarão é garantir performance através da nutrição, sua preocupação é com reposição de sais minerais e tudo o que o corpo exige no treino.

Guto seguiu à risca a dieta do Tubarão e entrou na linha. Desembarcou forte em setembro para baixar seu tempo na Maratona de Berlim. E conseguiu, tornando-se naquele momento o segundo melhor tempo de amadores na história da MPR. Suas 2h46min57 só ficavam abaixo das lendárias 2h43min50 do Portuga. Se antes já estava entre os grandes da MPR, agora era um gigante. Eram o Portuga e o Guto. Só que o último chamava a atenção pela precocidade. Enquanto os corredores mais rápidos empilhavam medalhas de participação nas mais variadas distâncias, Guto tinha acabado de chegar. Era um novato, mas um novato com “sangue nos olhos”.

* * *

O cardápio de 2008 oferecia a chance de apagar aquela má impressão deixada por Boston. O cada vez mais amigo Felipe queria conhecer a maratona, seu sócio Zeca também iria, a viagem prometia. Com o resultado de Berlim, estava confiante em fazer um bom papel na difícil maratona. E foi o que aconteceu. Guto não quebrou sua marca pessoal, mas 2h51min54 naquelas ladeiras era motivo de orgulho. Pelo tanto que estava correndo, não foi surpresa o dia em que recebeu o telefonema de Marcos Paulo:

— Guto, vamos pegar o Portuga?

A OBSESSÃO

Os sub-3h

Eles formam uma espécie de congregação no mundo da corrida. Apesar de percorrerem as mesmas distâncias, participarem dos mesmos eventos que milhares de pessoas, eles são sócios de um clube privê. São admirados e invejados.

Para ganhar a carteirinha de sócio desse clube, porém, não basta ter dinheiro, contatos ou ser de família tradicional. Nenhum desses itens, aliás, tem qualquer relação com essa congregação informal. Para ser um sub-3h é imperioso voar, ser extremamente rápido e registrar um tempo abaixo de três horas em uma maratona.

Na edição de 2009 da Maratona Internacional de São Paulo, 2.806 pessoas concluíram a prova. Desses, apenas 89 conseguiram completar entre 2h13 e 3h. Na Maratona de Chicago, uma das maiores do mundo, foram 33.701 os que conseguiram cruzar a linha. O número de homens e mulheres que ficaram abaixo das três horas foi de 836.

O clube fica mais exclusivo quando se faz a necessária separação entre profissionais e amadores. Os atletas profissionais correm porque precisam; os amadores, porque gostam. Um profissional chega a rodar 200 km em uma boa semana de treino. Sua vida é isso. Acorda e sai para correr. Descansa. Faz musculação. Almoça. Dorme. Corre mais um pouco. Janta. Dorme. No dia seguinte, tudo igual. Variam os tipos de treinos, os terrenos. Mas o maratonista que foi contemplado com algum dom genético e quer viver do atletismo precisa topa esses sacrifícios. A bem da verdade, ele não é um sub-3h. Ele é um sub-2h30, o tempo máximo para aspirar premiação mesmo em provas menos badaladas.

Retirados os profissionais da conta dos sócios do clubinho, a turma

se reduz ainda mais. Na Maratona de São Paulo, havia pelo menos 40 atletas de verdade com dedicação integral ao esporte, incluindo aí sete africanos. Os outros 40 eram amadores, gente que tinha uma rotina de trabalho e que conseguia de um modo ou de outro arrumar tempo para os treinos. Esses eram os verdadeiros sócios do clube.

* * *

Até o início do milênio, o número de treinados da assessoria MPR que tinham maratona abaixo de três horas podia ser contado nos dedos de uma mão. O quadro mudou. Amílcar Lopes Júnior, o Portuga, foi o primeiro amador a registrar (Marcos Paulo Reis sempre treinou profissionais simultaneamente ao grupo de amadores) 2h56, em 1999, na Maratona de Nova York. Depois dele, vieram outros, muitos outros. O próprio Marcos Paulo se espanta com a epidemia de sub-3h. Sob o seu comando, conseguiu forjar 28 entre os 1.400 atletas da MPR.

O número 3 virou um poderoso divisor de águas. Ele separa simbolicamente a maratona recreativa da maratona competitiva. Um corredor que consiga estabelecer o ritmo de 4min14 por quilômetro faz a maratona abaixo das três horas. Tarefa para poucos. Passar tanto tempo em uma velocidade perto de 15 km/h parece um desafio mais adequado para quem tem rodas ou patas.

Na turma dos sub-3h da MPR ninguém chamava mais a atenção do que Felipe Wright. Ironicamente, ele pertencia ao grupo que não possuía ainda a carteirinha definitiva do clube. Ele era um quase. Sua história de perseguição ao tempo mágico era anedótica. Felipe era obstinado pela marca, Berlim 2009 era sua grande chance. Ao mesmo tempo em que o "Desafio do Portuga" mexia com o clubinho, havia a "Novela do Felipe". Será que ele conseguiria fazer a maratona abaixo de três horas esse ano?

Felipe ainda não era um sub-3h, mas tinha brilho próprio. Bem

nascido, filho de Roger Wright, um dos criadores do grupo Garantia, Felipe se destacava por onde passava. Profissionalmente, era presidente de um site que comercializava obras de arte pela internet, além de ser sócio de vários outros negócios. Quando solteiro, frequentava a lista dos mais desejados partidos de São Paulo. Tanto que foi um dos personagens da matéria de capa da *Veja São Paulo* de 5 de abril de 2001. A reportagem tinha como título “Príncipes encantados” e apresentava bons exemplos dos “jovens solteiros mais cobiçados da cidade — rapazes ricos, jovens e bonitos que estão conseguindo aumentar a fortuna recebida no berço”.

Na matéria, Felipe posava sentado diante de seus quadros. Sua coleção particular primava por obras de Cláudio Tozzi e Antônio Dias. A reportagem caducou em 2003 ao som de um emocionante *My Sweet Lord* cantado pelos Canarinhos de Petrópolis. Em uma festa elegante na cidade de Corrêas, região serrana do Rio, Felipe se casou com a publicitária Heloísa Alquéres. O príncipe inquieto tinha virado rei sossegado.

* * *

Felipe puxou ao pai, era apaixonado por esportes e desafios. Conseguia se destacar no iatismo, seu nome aparece nos registros das principais competições. Sua irmã Verônica atacava no hipismo. Duas modalidades que dependiam do poderio econômico dos praticantes. Grandes cavalos e barcos rápidos são mais de meio caminho andado para buscar vitórias. Os Wright tinham os dois. Seus cavalos estavam entre os melhores nas cocheiras da Sociedade Hípica Paulista, na zona sul da capital.

Felipe velejava com os melhores, chegou a fazer parte do time de Lars Grael. Seu pai era o dono do barco. Por mais que se esforçasse e mostrasse talento — como comentou certa vez o campeão olímpico e ex-secretário nacional dos esportes, Lars Grael —, Felipe

seguia sendo o dono da bola, do campinho e do apito. Talvez por isso tenha se dedicado tanto à corrida. Ali ele estava só por ele. Sua conta bancária, círculo de amizades e sobrenome não contavam. Podia até calçar um tênis caro, usar camisas inteligentes, tomar o Gatorade mais saboroso, mas na corrida os acessórios influem pouco no resultado final. É treino, dedicação, perseverança e paixão pelo desafio. Felipe tinha tudo isso.

Ele entrou na MPR em 2000, com 23 anos. Em novembro daquele ano, já se arriscava na primeira maratona. Em Nova York, conseguiu um resultado apenas razoável, ainda que mais do que aceitável para uma estreia: 3h42. Gostou da brincadeira e passou a treinar com mais afinco para no ano seguinte cravar 3h08 na Maratona de Chicago. Pronto. Estava já fisgado pelo anzol das três horas. Embora não tivesse largado o iatismo, era na corrida que buscava a realização genuinamente esportiva.

Não demorou para Felipe se aproximar da “tropa de choque” da MPR, os corredores mais rápidos da assessoria. Ali estavam o Portuga, o grandalhão Giovane Caldas, João Paulo Diniz, Guto Milani, Zeca Vasconcellos, Octavio Cintra, Gustavo Lima, Robson Ferrigno, Jacques Fernandes. Mais tarde o grupo seria engrossado por Daniella Cicarelli e, é claro, pelo trio desafiante do Portuga: Lelo, Guto e Awad. Todos formavam uma grande patota, ainda que alguns não fossem tão rápidos, casos de João Paulo e de Cicarelli, que chegou a emendar namoricos com alguns do grupo.

Apesar de encarar com seriedade europeia a rotina de treinos, Felipe era tão latino quanto sugeria o nome de seu site (Latinarte) no comportamento. Era debochado, sarcástico, falava alto, encarava todas as brincadeiras e provocações. Ele próprio era dos alvos mais comuns das brincadeiras.

— Esquece as três horas, Felipe, isso é pra quem sabe.

— Você tem trauma de três horas, já pensou em ir a um analista?

Se ficava realmente amolado com as gozações, Felipe disfarçava

bem. Seguia com o sorriso firme no rosto, tentava dar o troco com alguma gracinha na hora, e treinava cada vez mais sério. Decidiu repetir a dose em Chicago 2002, uma maratona perfeita para a quebra de recordes pessoais. Com circuito quase todo plano e temperaturas geralmente baixas, a prova permite performances perfeitas. Felipe não conseguiu de novo, 3h10min43. Como no ano anterior, tinha sido vencido pela ansiedade. Nas duas vezes, largou rápido demais e foi perdendo fôlego ao longo dos 42 km.

Em 2001, completou metade da distância em pouco mais de 1h30, ficando, ao final, oito minutos atrás do objetivo. Em 2002 foi pior: queimou a largada com mais ímpeto ainda. Sua primeira metade de corrida ficou abaixo de 1h29 e a segunda em 1h41.

O técnico Marcos Paulo Reis se cansou de explicar as vantagens do *split* negativo, expressão do idioma "corridês" que significa fazer a primeira metade de prova mais lenta do que a metade final. Quem força no início eleva a frequência cardíaca mais cedo e trabalha muito mais tempo com a sensação de cansaço. É o equivalente a esquentar o motor antes da hora e oferecer todas as chances às quebras mecânicas.

Felipe escutava e concordava com as ponderações que vinham dos amigos mais experientes, caso de Zeca Vasconcellos, que viria a ser, anos depois, seu sócio em uma empresa de segurança. Ouvia, fingia que acatava as recomendações e "sentava a bota" na maratona seguinte. Foi assim em 2004. Felipe havia abandonado Chicago para tentar a sorte na mais rápida das grandes maratonas europeias, a de Berlim. Estava bem treinado, tinha aperfeiçoado a velocidade. Nesse ano, havia cravado seus primeiros 10 km abaixo dos 40 minutos em uma prova da Track & Field no Shopping Villa-Lobos, em São Paulo.

A Maratona de Berlim era mais uma prova plana e fria, ideal para objetivos grandiosos. Felipe voou nos 10 km iniciais: 42 minutos. Tempo que já seria excelente para ele se não houvesse mais 32 km para percorrer. Na meia maratona, passou mais uma vez abaixo de

1h29. Estava projetando uma corrida de 2h57 se conseguisse manter aquele ritmo. Faltou gás. Aos poucos o ar foi faltando, as pernas pesando. Ainda assim era possível. Felipe perdeu rendimento na altura do quilômetro 25. Quando chegou aos 30, fez as contas e percebeu que a situação estava complicada.

Àquela altura, já tinha um resultado projetado acima das três horas. Era preciso buscar raça, tirar do corpo aquilo que ele já não estava mais disposto a dar. Felipe foi ao limite de suas forças e retomou o ritmo do início da prova. Aos poucos, retornava ao prumo, faltava só mais um pouco. Teria que correr os dois últimos quilômetros muito próximo dos 15 km/h, o equivalente a quatro minutos por quilômetro. Felipe fez o que pôde, mas não deu. Três horas e dezesseis segundos. Dezesseis segundos separaram o herdeiro da família Wright do seu maior sonho esportivo.

O amigo e sócio Zeca chegou minutos antes, cravou 2h57, uma das quatro vezes em que conseguiria romper a barreira das três horas nas quinze maratonas que disputou ao longo da vida. Estava muito feliz. Encontrou Felipe esgotado logo após a chegada e perguntou pelo resultado:

- Quanto foi?
- Três e dezesseis.
- Dezesseis minutos?
- Não, dezesseis segundos...

Se estava deprimido ou arrasado, conseguia disfarçar bem a frustração por chegar a tocar no pote de ouro e não levá-lo para casa. Naturalmente, Felipe estava brabo, mas com sangue na boca. Queria mais. Ali mesmo já anunciava que o sonho não tinha acabado. Ao chegarem no hotel, Felipe já queria internet para se inscrever numa outra maratona.

— Berlim de novo ou Chicago? — perguntava para Zeca, o companheiro das maratonas.

Insaciável, Felipe passaria mais um ano misturando treinos no

Ibirapuera e na USP com regatas com a turma da vela. A meta era estar tinindo em setembro, repetindo a dose na Maratona de Berlim, que parecia menos complicada do que a de Chicago. Da turma de ponta da MPR, lá estavam Zeca, Tomás Awad e Marcelo Lima. No jantar antes da prova, surgiu a proposta para alguns correrem juntos, já que os objetivos eram muito parecidos. Awad, por exemplo, estava atrás de sua primeira maratona abaixo das três horas. Felipe não topou, sugeriu que os companheiros iriam largar muito rápido e ele pretendia fazer uma prova mais tranquila.

O que se viu no domingo berlinense não foi bem isso. Felipe mais uma vez largou forte, apertou depois dos 10 km, fez uma meia maratona em 1h29, projetando a quebra da maldição. De novo, repetiu-se o final do filme. Awad fez sua maratona de relógio, apertando progressivamente o ritmo e guardando alguma gordura para queimar no final. Sobrou em seu objetivo, 2h56min03. Gustavo foi mais preciso, queria uma sub-3h e conseguiu isso com uma sobra mínima de quinze segundos. Zeca ficou no quase: 3h01min27. Felipe morreu na praia. Largou feito um bólido, virou um carro de passeio no meio da prova e se comportou como uma carroça no final. Finalizou em 3h06min35 e escutou as primeiras piadas dos amigos.

Era a hora de mudar de ares, precisava conhecer uma nova maratona. Felipe se decidiu pela de Londres, prova que já fora palco de recordes mundiais da distância. Até o início de 2010, quatro dos dez melhores tempos masculinos da história haviam sido obtidos em Londres. A marca feminina atual também foi conquistada em Londres, em 2003. As 2h15min35 de Paula Radcliffe até hoje parecem um feito inalcançável. O segundo melhor tempo feminino da história, o da queniana Catherine Ndereba, é três minutos mais lento.

O desafio das três horas parecia, a essa altura, tão difícil de derrubar quanto a marca feminina da britânica Radcliffe. Talvez Londres fosse especial para Felipe, já que ele tinha estudado no

University College londrino por seis anos. Além da energia da cidade, havia os amigos e colegas da escola. Quem sabe não era lá o lugar?

A delegação da MPR era pequena, já que a inscrição da maratona inglesa é complicada e seletiva. Não basta querer correr, é preciso ser sorteado ou possuir algum bom contato com os patrocinadores do evento. Ao contrário de outras grandes provas como Chicago, Nova York e Paris, que atraem centenas de brasileiros, a Maratona de Londres mal fala português. Em abril de 2006, eram apenas 41, entre eles os amigos Felipe Wright, Zeca Vasconcellos, João Paulo Diniz e Giovane Caldas, da MPR. Zeca mais uma vez tinha um sorriso enorme no fim da prova; havia sido o melhor brasileiro na corrida. Suas 2h58min22 foram suficientes para garantir o feito. Felipe repetira o roteiro de sempre: largada rápida, meia maratona projetando quebra da marca e motor pifando nos quilômetros finais. As 3h04min02 não foram surpresa para os que o acompanhavam e torciam por ele.

* * *

Com pressa em resolver sua pendência com os deuses da corrida, Felipe resolveu correr uma nova maratona no mesmo ano. O clubinho dos sub-3h estava todo com passagens reservadas para Chicago, Felipe não perderia essa oportunidade de estar com tantos parceiros de treino. Eram 287 brasileiros na corrida, 216 de São Paulo, 120 da MPR. Vários amigos. Portuga, Lelo, Guto e Awad marcariam presença. O "Desafio do Portuga" estava começando, e ninguém sabia. Somavam-se a eles Zeca, Giovane, João Paulo, Gustavo e tantos outros.

As condições estavam perfeitas para quebras de recorde, tanto que Portuga, Awad e Guto conseguiriam naquela manhã fria e ensolarada suas melhores marcas até então. A corrida reservou para Felipe uma improvável coincidência. Ele seguiu à risca seu roteiro de largadas rápidas e chegadas lentas, mas o impressionante foi o seu

tempo. As 3h04min02 imitaram até nos segundos o desempenho de Londres, meses antes.

Felipe teria amargas lembranças da maratona do ano seguinte. Paris foi uma bomba, e não apenas para ele. O tempo esquentou em abril de 2007 e derrubou toda a turma. Os termômetros chegaram a bater nos 25 graus, um desastre para quem espera algo próximo dos dez graus. Awad, que estava com tempos em evolução, ficou acima das três horas, Felipe chegou colado no amigo Zeca em 3h12min54. Tempo perdido na França. Ao menos o vinho nacional tinha cumprido sua missão depois da prova...

Apesar de ainda não ser um sub-3h, Felipe já era um corredor de respeito. Não fosse assim, nem poderia se inscrever em Boston. A maratona mais tradicional do planeta (em 2010 completou 114 anos de vida) só aceita "os bons". Felipe era um deles. Para ter o direito a uma inscrição em Boston sem atalhos (é possível se inscrever com ajuda de patrocinadores ou fazendo doações para instituições de caridade), só com performance. Para cada faixa de idade, é necessário ter corrido uma maratona recente em determinado tempo. Na faixa de 18 a 34 anos, era preciso ter uma maratona comprovada abaixo de 3h10. Tempo final pertinho de três horas era com ele mesmo. Assim poderia correr a lendária prova. A caravana da MPR tinha escolhido Boston, e era para lá que ia Felipe.

* * *

De certa forma, Felipe corria pela primeira vez nos últimos sete anos sem pressão. Boston é a encenca em forma de maratona. Se não havia baixado as três horas em oito oportunidades em trajetos mais planos não seria na acidentada Boston que iria conseguir. A corrida acontece em formato de montanha-russa, a cada cinco minutos vem uma subida ou uma descida. Para o azar de Felipe, a maior parte das descidas aparece na primeira metade da prova e o pacote de subidas é oferecido a partir da segunda. Boston pisoteava

no calcanhar de aquiles de Felipe. Ele se acostumou a exagerar na largada e se desesperar com a falta de gás no final.

A altimetria bostoniana tinha tudo para ser especialmente cruel com ele. Os primeiros 10 km eram realmente moleza e costumavam cobrar a conta dos incautos que se soltavam demais nesse início. A partir do quilômetro 26 vinha a contrapartida. Eram quatro subidas respeitáveis, tanto em distância quanto em inclinação. A primeira tinha quase um quilômetro e inclinação de 2,5 graus. As duas seguintes eram menores, apenas 500 metros, mas eram pirambeiras que vinham quebrando o ritmo e a disposição dos corredores ao longo dos mais de 100 anos da prova. E a última era para fazer o atleta confessar todos os seus pecados. Com 650 metros e 4,6 graus de inclinação média, a Heartbreak Hill castigou muita gente ao longo dos tempos. Estivesse ela no início da prova, seria mais fácil estar preparado para o pior. Não. A Heartbreak estava caprichosamente colocada no quilômetro 33, faltando oito para o final.

Boston era encrenca na certa. Tudo ali parecia mais complicado, sobretudo quando comparada às maratonas preferidas de Felipe, Chicago e Berlim. Além da altimetria malvada, a logística era terrível. Chicago e Berlim têm hotéis nas proximidades da largada, a Maratona de Boston nem começa em Boston. A largada é na cidade vizinha de Hopkinton. Entre acordar e começar a correr podem se passar até quatro horas. Berlim e Chicago podem ser frias, mas Boston costuma ganhar das duas. Seu vento é famoso por gelar as almas.

Havia, porém, o outro lado da força. Se Boston é famosa por apresentar os mais variados obstáculos, também é conhecida por ter uma aura que mexe com muitos. É a mais antiga das maratonas, pertence às Big Five (Nova York, Berlim, Chicago, Londres e Boston), além de ser a única que exige índice técnico. A torcida nas ruas parece mais sincera do que em Nova York ou Chicago. Até o dia em que ocorre a corrida é diferente de todas as demais. Boston não

acontece aos domingos, como as outras. A corrida comemora o feriado do Dia do Patriota, sempre na terceira segunda-feira de abril.

A turma da MPR sofreu em Boston naquele ano. Zeca completou em 3h13min57 e Guto em 3h14min18. Felipe, que sempre comeu poeira dos amigos, estava em um dia especial, quem sabe inspirado pela tradição da prova. Saiu rápido, mas não exagerou. Passou forte pelo Wellesley College, conceituado centro universitário para mulheres. Lá estava o “túnel do grito”. As alunas se empilharam na grade que ladeava o trajeto e berravam para Felipe como se ele fosse um ídolo pop. Animado, Felipe venceu bem as subidas todas, mesmo a temível Heartbreak Hill. Faltava pouco, ele estava no jogo. Precisava tirar alguns segundos nos quilômetros finais e esgarçou o motor. Quando cruzou o tapete eletrônico que registra a passagem do chip, o relógio marcava 3h00min09.

Era inacreditável, por nove segundos o tabu das três horas seguia.

— Mas Felipe, por que você não atirou o tênis com o chip e tudo para a linha de chegada? — brincou Zeca.

Curiosamente, Felipe não estava arrasado. Amaldiçoava os nove segundos que sobraram, só que cultivava uma estranha euforia para quem havia sofrido uma derrota daquelas. Era como o tenista em Roland Garros que vê a bola roçar a fita da rede e cair na própria quadra em pleno *match point*. Era como o goleiro que vê a bola bater na trave, tocar nas próprias costas e entrar no gol na decisão por pênaltis na final da Copa do Mundo. Era tudo isso. Mas era outra coisa também. Pela primeira vez desde que tinha começado a correr, Felipe descobriu que podia. Em Berlim 2004, suas 3h00min18 podiam significar que tinha chegado ao limite, que aquele era o máximo que poderia conseguir numa prova muito rápida. E que nunca seria um sub-3h. Boston 2008 apontava para uma outra realidade. Se numa corrida dura ele tinha chegado tão perto, era mais do que evidente que em um percurso plano a maldição das três horas caísse. Estava especialmente feliz em Boston. Dias antes ficara

sabendo que seria pai.

Explosão em Trancoso

Um Felipe Wright diferente deixou Boston em abril de 2008. Tinha batido mais uma vez na trave na perseguição do sonho de ser um sub-3h. Terminara a exigente maratona com três horas e oito segundos. Fosse o velho Felipe, já daria um jeito de se inscrever na hora para Chicago ou Berlim, cinco meses depois. Mas quem voltava para São Paulo naqueles dias era o novo Felipe, infinitamente menos impaciente e inquieto. Estava sereno, acabara de saber que seria pai em dezembro. Estava seguro, agora tinha certeza de que era mesmo capaz de fazer sua maratona rápida quando escolhesse uma prova plana. E estava cansado também: Boston encerrara um ciclo desgastante e proveitoso de treinamento. Felipe correu demais, aprimorou a velocidade, seguiu para valer as planilhas de Fabio Rosa e obedeceu à rígida dieta de Reinaldo Bassit, o Tubarão. Tinha ficado mais forte, o grande resultado de Boston era fruto disso tudo.

Era tempo de descansar um pouco. Concluiu que se afundar em novo ciclo de treino para tentar bater seu tempo seria loucura. Melhor aliviar a carga, recuperar o corpo para começar de novo no segundo semestre. Fez as contas e planejou sua próxima maratona para 2009. As do primeiro semestre não lhe pareceram interessantes. Boston era muito dura, Paris tinha percurso plano, mas provavelmente os amigos não iriam. Londres tinha a dificuldade toda de inscrição. Mais importante do que tudo, havia Francisco, o filho que nasceria no fim do ano. Queria passar os primeiros meses muito perto, que fosse para o inferno a maratona do primeiro semestre. O ideal seria escolher Chicago ou Berlim, dependeria da direção que a turma da MPR tomasse.

Assim foi. Um resto de 2008 sossegado em termos esportivos,

apenas provas menores. Em outubro, fez a meia do Rio sem pressão. No calor, um tempo de 1h34, uma eternidade para quem costumava fazer a distância em menos de 1h30 dentro de quase todas as maratonas que tinha corrido. Felipe estava mais preocupado com a gravidez de Heloísa Alquéres e com a chegada de Francisco.

O nascimento do filho deixou Felipe menos afoito, não desleixado. Pelo contrário. Tinha pouco tempo, precisava aproveitar bem cada minuto de treino. Nos longões da USP, já não ficava mais jogando conversa fora após a corrida. Era correr e zarpar. Estava aproveitando os primeiros dias de Francisco. Em um desses sábados, terminou ainda mais apressado.

— Não quero deixar a Helô sozinha hoje, é a folga da babá — disse um cuidadoso Felipe, pensando na mulher Heloísa.

* * *

Já estava decidido. Iria toda a turma para a Maratona de Berlim em setembro de 2009. O “Desafio do Portuga” estava no ar, Felipe não perderia aquela diversão por nada. Lelo, Guto, Tomás, Zeca, Giovane, Gustavo, o pessoal iria em caravana festiva. As inscrições foram feitas pelo site, passagens compradas, hotéis reservados. Tinha bastante tempo para treinar, mas era preciso caprichar. Se alguns buscavam o tempo do Portuga, Felipe precisava se livrar da maldição das três horas.

Em fevereiro, Felipe bolou uma sessão especial de treino com seus melhores amigos corredores. Preparou o avião King Air da família e convidou Guto e Zeca, com mulheres e filhos, para uns dias na casa dos Wright em Búzios. Lá as famílias se divertiram e os homens treinariam pesado.

Roger, patriarca dos Wright, se orgulhava de tudo aquilo. Empresário bem-sucedido, Roger foi um dos fundadores do Banco Garantia, presidiu empresas, criou a Arsenal Investimentos.

Sobretudo, era um fanático pelos esportes. Todos. Chegou a ser campeão brasileiro na classe Tornado, sendo o iatismo uma de suas principais paixões. Na classe 12 metros, tinha um troféu de vice-campeão mundial para não deixar dúvidas de seu talento nas águas.

O amor pelo esporte extrapolava, porém, o iatismo. Ele fora um dos principais arrecadadores de dinheiro privado para a campanha do Rio 2016. Assistia Olimpíadas *in loco*, não perdia nada. Investia no Instituto Lob do Tênis Feminino, era um mecenas do esporte. Tinha indisfarçável orgulho dos filhos. Verônica saltava na Hípica e começava a correr. Felipe era companheiro de barco de Lars Grael na categoria 12 metros. Quer dizer, Lars era o capitão, Roger, o dono.

Acompanhar as façanhas de Felipe como corredor era uma das diversões de Roger. E pegava no pé de todos. Adorava uma história em especial, da Maratona de Berlim em 2004. Após a corrida, os amigos da MPR buscavam uma balada para comemorar a maratona. Depois de muito penar pela cidade, acharam uma. Deram azar. Era a noite gay do lugar. Ao ver aquela turma de corredores, o porteiro foi logo prevenindo que aquela era uma noite especial.

— Ok, somos todos gays — assumiu Giovane Caldas, um grandalhão sub-3h.

Os outros nove corredores se dobraram de tanto rir com a negativa do segurança e com a insistência de Giovane.

— Meu, I'm gay!

Acabaram não entrando e voltaram para o hotel. Ficou a história. Cada vez que encontrava a turma de Felipe, Roger não perdoava:

— Não sei não. Essas maratonas que terminam em boate gay...

Apesar das brincadeiras, o empresário vibrava com aquele ambiente esportivo. Seu King Air, a casa de Búzios e a casa de Trancoso estavam sempre à disposição de Felipe e de seus amigos. Nesses dias de fevereiro, o trio correu para valer. Todos os dias. A luxuosa casa de Búzios inaugurava uma sala de musculação que

estava mais para um *fitness center* de hotel cinco estrelas. Apaixonado por esteiras, Guto resolveu fazer numa delas um longão de 30 km. Na estreia da sala, espalhou Gatorades pelo chão, respingou suor nos vidros, um cenário de devastação. E também virou piada: tinha se tornado o porcão da turma.

Felipe seguia o planejamento e aos poucos apertava o ritmo de treinos. No início de abril, aproveitou a meia maratona de São Paulo para ter uma noção de como andava a preparação. O resultado de 1h31min09 estava bastante razoável para quem ainda teria seis meses de treinos. Três semanas mais tarde embarcou para Florianópolis com Zeca, Giovane e a turma mais veloz da MPR. Diversão pura. A Volta à Ilha é uma prova de revezamento de 150 km em torno de Florianópolis. Cada um dos oito integrantes da equipe corre de 15 a 20 km. Enquanto um está fazendo força na rua, os outros se divertem na van. Clima colegial. Para quem levava tão a sério a corrida, aquilo soava como férias. E claro que a turma não aliviava nada na prova. O objetivo era um pódio na categoria Participação, a dos amadores.

Uma das maiores dificuldades nesse tipo de prova é armar a logística. Quem corre em cada trecho, como colocar os mais rápidos nos trechos planos e os mais resistentes nas subidas, como deixar todos satisfeitos nessa divisão. Enquanto em uma van está o grupo que acabou de correr e faz proteção ao atleta que está na estrada, um carro precisa ir adiante posicionando o corredor do trecho seguinte. Enfim, era um grande quebra-cabeça. Felipe costumava se encarregar da planilha e demonstrava grande aptidão para juntar todas as peças e apresentar para a turma o brinquedo montado. Poucos dias antes de embarcarem para Florianópolis, um dos integrantes da equipe, Carlos Medeiros, mandou um email para todos, avisando que só poderia encarar os primeiros trechos. Tinha um casamento em São Paulo e precisaria embarcar de volta na tarde do sábado. Felipe ficou uma fera. Não pelo fato dos sete restantes

precisarem cobrir a debandada de Medeiros, mas pela sua planilha, que estava “redondinha” e teria que ser mexida.

O segundo revés aconteceu na noite de sexta-feira. Quando já estavam todos em um shopping center de Florianópolis devorando um prato de macarrão na véspera da largada, o sub-3h Jacques Fernandes recebeu um recado de seu médico, que acabara de obter o resultado de uns exames. Jacques não poderia correr, de forma alguma. A fraqueza e o mal-estar que havia sentido dias antes tinham uma explicação. Jacques estava com o citomegalovírus e com a resistência baixíssima. Se derrubasse mais as defesas, ficaria exposto às mais diversas infecções, de meningite a encefalite. Quando terminou de ouvir as recomendações do médico, contou aos amigos:

— Galera, não vai dar para correr. O médico diz que esse vírus é muito sério.

De todos, Felipe foi quem mais sentiu a notícia. Ficou arrasado. Abaixou a cabeça na mesa e começou a resmungar. A equipe enfrentava problemas sérios. Jacques era um dos mais fortes da turma, estava escalado para encarar a pior pedreira da corrida. Era dele o trecho de 15 km do Morro do Sertão, no extremo sul da ilha. O “Morro Maldito”, como é mais conhecido, possui quase 4 km de subida. Sem Jacques, quem faria aquilo?

— Deixa disso, Jacques, não acredito que você vai nos deixar na mão — disse um deles.

— Esse médico não entende porcaria nenhuma — completou outro.

O desespero de Felipe tinha também a ver com o zelo pela sua planilha, tão cuidadosamente concebida que estava até plastificada. Enquanto o grupo tentava convencer Jacques que o tal cito-qualquer-coisa não era nada sério, Felipe foi a uma papelaria do shopping comprar canetas que escrevessem por cima do plástico da planilha. Foi um alívio geral quando Jacques mandou para o inferno

as recomendações. Iria correr um primeiro trecho plano de 4 km e, se não sentisse nada, encararia o morro. Daria tudo certo. A planilha estava salva.

Jacques passaria 40 dias de molho na volta a São Paulo, mas não teve maiores complicações. Naquela turma, o vírus da competitividade fazia o citomegalovírus parecer um mero resfriado. O time da MPR Elite terminou o dia em 4º lugar na categoria Participação, completando o percurso em 11h19min45, em um ritmo de 4min30 por quilômetro. Faltou pouco para subir ao pódio. Nem nas "férias" conseguiam parar de competir.

* * *

A programação de treinos andava conforme o previsto. As sessões mais específicas de velocidade viriam no segundo semestre, Felipe já estava com uma base forte. Era consenso entre os amigos que as três horas cairiam em Berlim. Marcos Paulo e Fabio Rosa estavam seguros disso também.

Em meados de maio, Felipe conversou com Fabio Rosa. Queria fazer uma pequena alteração na planilha daquela semana. Preferia fazer o treino longo não no sábado na USP, mas no dia anterior, no Ibirapuera. Por uma boa razão. Na noite de sexta, a família tinha viagem marcada para a casa de Trancoso, aniversário de 56 anos de Roger. Não era fácil reunir todos, mas dessa vez tinha dado certo.

Felipe madrugou no parque. O dia seria curto, já que o plano era decolar de Congonhas às 18h30, no King Air da família. Felipe começou o primeiro de seus 30 km às 5h30 da manhã. Não seguiu exatamente as recomendações de Fabio Rosa, pisou demais no acelerador, 14 km/h. E saiu mais apressado ainda para resolver a vida antes da viagem. Foi uma correria. Eram 153 km de congestionamento naquele fim de tarde em São Paulo. Felipe passou em casa, pegou a mulher Heloísa, o filho Francisco, e partiu para Congonhas. Seu pai Roger e a madrasta Lucila Lins já estavam por

lá. Fazia meses que não viajavam todos juntos. Verônica, irmã de Felipe, estava com seu marido Rodrigo e com os filhos Vitória, de cinco anos, e Gabriel, de três. Bagunça garantida, porque ainda estaria no avião Nina Pinheiro, de três anos, neta de Lucila. Completavam o grupo que partiria de Congonhas exatamente às 18h31 Vera Mércia, tia de Roger, e Rosângela Barbosa, babá das crianças.

Eram doze passageiros mais o experiente piloto Jorge Lang Filho e seu copiloto Nelson Caminha Affonseca. O King Air 350 estava tinindo. Além de ter passado recentemente pela revisão técnica, tivera os estofamentos das poltronas trocados. Perfeito, jantariam na casa de Trancoso por volta de 21h30. Os empregados da Bahia deixariam tudo preparado.

Mal passava das nove da noite daquela sexta-feira, 22 de maio, quando o caseiro ouviu o ronco do King Air 350 se aproximando. Avisou para a mulher: "Pode esquentar o jantar, que eles estão chegando". Alguns segundos depois, escutou um estrondo e corrigiu o pedido: "Não precisa mais...".

"Eles" eram o clã dos Wright. Chovia fino, o piloto pediu autorização de pouso para a torre de controle. Na aproximação, no entanto, a asa esquerda bateu em uma árvore e o avião não conseguiu pousar na pista, localizada próxima à casa do empresário no Condomínio Terravista. O King Air perdeu o controle, despencou a 200 metros da cabeceira da pista e explodiu. Os catorze tripulantes morreram no desastre.

A família Wright foi praticamente dizimada no acidente. Restou apenas um meio-irmão de Roger, Christopher Apostol, que mora na Suíça. Doze anos antes, Barbara Cecilia Luchsinger Wright, primeira mulher de Roger e mãe de Felipe e Verônica, havia morrido também em um desastre aéreo. Em 1996, o Fokker 100 da TAM, em que ela estava, decolou de Congonhas e caiu logo em seguida no bairro do Jabaquara, em São Paulo, matando 96 pessoas. Em 2003, Roger

acabaria se tornando integrante do Conselho de Administração da TAM. As coincidências não terminariam por aí. Em 2007, a secretária de Roger, Simone Lacerda Westrupp, estava no voo 3054 da TAM que não conseguiu pousar em Congonhas. Ali foram 199 mortos.

Os bombeiros precisaram de mais de duas horas para apagar o incêndio em Trancoso. O Instituto Médico Legal levou mais de uma semana para identificar os corpos. O King Air é tido como um dos mais seguros aviões do mundo. O piloto Jorge Lang acompanhava os Wright há mais de dez anos. Por que razão a asa esquerda tinha batido em uma árvore antes de chegar à pista foi a pergunta que ficou sem resposta depois de toda a investigação.

O que ficou, na verdade, foi uma imensa tristeza multiplicada catorze vezes. No grupo de corrida, Felipe era reconhecido justamente pela alegria de viver. No sábado, a turma da MPR recebeu notícias desencontradas sobre o acidente. Zeca, sócio de Felipe, embarcou para Salvador logo que soube do ocorrido para ajudar na identificação dos corpos. Nas semanas seguintes, Felipe era o assunto nos treinos da USP. Daniella Cicarelli chegou a sugerir a Marcos Paulo uma homenagem em Berlim. Seu namorado Lelo acabaria escrevendo o nome de Felipe no número de peito que usou na corrida.

Semanas depois do acidente, Guto ligou para Zeca perguntando sobre a inscrição de Felipe. Zeca tinha recebido no escritório que compartilhava com o sócio os *vouchers* de Berlim. Guto, um dos que mais tinha sentido o acidente, decidiu que correria também por Felipe.

Para se garantir, Zeca levou para Berlim cópias de RG e passaporte do sócio. No dia de pegar número do peito e chip, Zeca se passou por Felipe e recebeu o kit do amigo. O plano tinha funcionado. Guto teve a ideia toda e estava em melhores condições de completar bem a prova. Fazia mais sentido que ele corresse com dois chips, um em cada pé. Felipe assim poderia ser um sub-3h.

Berlim, 20 graus

O tempo prometia. Os berlinenses estavam radiantes, que dias eram aqueles. As manhãs começavam na faixa dos catorze graus e os termômetros chegavam a bater nos vinte durante a tarde. O sol também se fazia presente. Os parques atraíam batalhões, os turistas aproveitavam a camaradagem climática, difícil imaginar temperaturas mais agradáveis. As médias de 2009 estavam mais altas do que de costume. Os registros históricos de setembro dão conta de dias iniciando com oito graus e chegando no máximo a dezessete. Assim havia sido na maratona de 2008, catorze graus centígrados de média.

A felicidade dos moradores da capital alemã e dos turistas que visitavam o país não era compartilhada por alguns ranzinzas em São Paulo. Lelo, Guto, Marcos Paulo Reis e Fabio Rosa torciam pelo frio. Um estudo de 2009 da revista *Runner's World* analisou as temperaturas e os resultados de 140 maratonas pelo mundo. O trabalho, reforçado por pesquisas em laboratório, provou que a temperatura ideal para uma maratona é de dez graus centígrados. A cada cinco graus de elevação, o desempenho do corredor cai 3%. Um maratonista capaz de fazer 3h com dez graus veria sua corrida subir para 3h05min24 se o termômetro acusasse quinze graus. Se o dia fosse de vinte graus, o tempo subiria para 3h10min48.

Lelo e Guto viviam de migalhas do cronômetro. Precisavam baixar respectivamente 3min08 e 3min07 dos seus melhores tempos pessoais obtidos perto das condições ideais. Só assim chegariam às tão sonhadas 2h43min50 do Portuga. Se os vaticínios do site *Weather Channel* se confirmassem naquele 20 de setembro, dia da prova, o desafio ficaria ainda mais dramático. Agora já não era

suficiente superar o recorde pessoal e o tempo do Portuga: seria preciso vencer também o termômetro alemão.

Marcos Paulo Reis era o mais preocupado. Ainda em São Paulo, amaldiçoava a previsão do tempo. Ao desembarcar em Berlim, na antevéspera da corrida, e comprovar que o “homem do tempo germânico” acertara na mosca, Marcos Paulo se tornou o profeta do apocalipse.

— Cuidado, vai esquentar no dia da prova, vamos ter que ir mais devagar.

A mensagem valia para todos os seus 60 alunos que estavam em Berlim, em especial para dois deles. No fundo, estava decepcionado, estava antecipando uma frustração iminente. Ele inventara a brincadeira toda que tinha virado coisa séria ao longo dos meses. Se perdesse com Lelo e Guto, restaria Tomás em Chicago. E dava para confiar em alguém que corria com shorts da Richards?

Lelo e Guto encaravam aquela ladainha do professor de maneiras distintas. Competidor experiente, com duas Olimpíadas de Inverno nas costas, Lelo achava que não valia a pena esquentar a cabeça. Estava determinado e bem treinado. Com a faca entre os dentes. Além do mais, o calor não costumava derrubar demais o seu rendimento. Lelo até nisso era um fora de série.

Guto pensava diferente. O calor era, sim, um problemão. Seu corpo respondia mal a cada grau centígrado a mais. A paúra de Marcos Paulo o incomodava. Não precisava se estressar mais do que o necessário. Nos dois dias anteriores à corrida, Guto resolveu fugir da turma. Não queria fazer as refeições com o resto dos amigos. Queria distância, sobretudo, do estressado Marcos Paulo. Não precisava de alguém lembrando o que já sabia muito bem: seria quase impossível.

Ao contrário do seguro Lelo, Guto estava mais do que inseguro, estava cético. Lelo, apesar de caprichar no discurso de que “seria muito difícil, acho que não vai dar”, estava com a confiança dos

campeões. Não tinha treinado tanto para nada. Queria que domingo chegasse logo.

* * *

Guto torcia por uma ajuda externa. Sozinho, não daria conta do desafio. Queria de presente um domingo frio, por exemplo. Sabia de suas limitações como atleta, desconfiava de falhas na preparação, estava sentindo havia semanas “uma coisinha na perna”. Nos últimos treinos vinha tendo um desconforto no músculo posterior da perna direita. A diferença é que em Berlim, pela primeira vez, a dor aparecia mesmo em repouso. Isso era preocupante. Pelo sim, pelo não, mandou ver um Arcoxia, poderoso anti-inflamatório a que atletas amadores costumam recorrer quando surge alguma dor. Quem o receitou foi o próprio “doutor Guto”.

Desde a noite de quarta-feira, a dieta de Guto se resumia praticamente a macarrão. Estava fazendo uma reserva de carboidrato. Conhecia o processo. Com o esforço, o organismo buscava todo o carboidrato disponível no corpo. Em uma maratona, com o conta-giros nas alturas, o combustível dura pouco. Aí entram os sachês de gel com carboidrato e sais minerais de rápida absorção. O isotônico também faz esse papel. Mas chegar com o tanque cheio na largada é imprescindível. Guto não queria perder o desafio por inanição. Tentava com a supernutrição compensar o ceticismo. Como achava que precisava de algo diferente para conseguir um resultado diferente, resolveu inventar. Na véspera, passou em um supermercado e viu um pacote de macarrão. Comprou, pensando em um “reforço” no café da manhã do domingo. Encontrou um amigo maratonista que falou de um repositior chamado Accelerade. Eram quatro gramas de carboidrato para cada grama de proteína. No rótulo, a promessa de “acelerar a reposição do glicogênio muscular, reduzindo os danos musculares do esforço”. Sem falar no “sódio e potássio, fundamentais no processo de contração

muscular". E tinha mais, "por possuir uma alta concentração de antioxidantes, também reduz o stress muscular em até 36% após o exercício". Perfeito. Era justamente o que Guto precisava naquele outono calorento de Berlim.

O domingo acordou como Guto temia e Lelo pouco ligava. Céu sem nuvens, o sol deu as caras exatamente às 6h38. Parecia que ia esquentar. Enquanto Lelo ainda dormia, Guto mostrou seus dotes de MacGyver e preparou o macarrão na cafeteira do quarto. Sem molho, sem azeite, apenas com sal. Nunca tinha feito isso antes na vida. Era para "se sentir mais forte". Foi ao banheiro, como sempre fazia, para resolver logo a pendência do dia com o intestino. Fracassou. Talvez pela novidade daquele despertar de cantina italiana, quem sabe pelo estresse da situação. O fato é que saiu do quarto ainda mais incomodado com aquela quebra da rotina. Pelo menos, tinha boa companhia. Olhou para os pés e viu os dois chips, um amarrado em cada tênis. Felipe Wright precisava ajudá-lo também.

Eram oito horas da manhã e o termômetro já marcava catorze graus. Uma hora mais tarde, na largada, já eram dezesseis graus. Pela conta da *Runner's World*, todo mundo já entrava 3% mais lento. Berlim reservava a expectativa de recorde mundial da Maratona. O etíope Haile Gebrselassie estava pronto para derrubar sua própria marca obtida justamente em Berlim no ano anterior. Ele direcionou toda a preparação de sua temporada para correr abaixo de 2h03min59. O patrocinador do evento e do atleta, a alemã Adidas, havia promovido a prova em cima da imagem de Haile. A medalha que todos os finalistas receberam tinha a efígie de Haile estampada.

Todos os cuidados possíveis haviam sido tomados para facilitar a vida do atleta. Um coelho (corredor contratado pela organização para forçar até determinado ponto da prova) ditando o ritmo de recorde, carro-madrinha bem próximo para cortar o vento, todos os

confortos para Haile. Só faltou combinar com a meteorologia. Em 2008, Haile largou com onze graus e chegou com dezesseis. Em 2009, ele começaria com dezesseis e terminaria com vinte graus.

Lelo e Guto largaram no pelotão imediatamente atrás de Haile e do restante da elite. Partiram com o Portuga entalado na garganta. Ambos tiveram bons presságios já no segundo quilômetro. Lelo corria tão fácil que chegou à conclusão, já ali, de que aquele era o dia. Guto parou de sentir aquela dor no posterior da perna esquerda, e jamais voltou a senti-la. Depois chegaria à conclusão de que era um "desconforto imaginário", frescura do cérebro. A má notícia era o trânsito. Guto tinha passado o primeiro quilômetro encaixotado atrás de gente mais lenta, demorara quatro minutos cravados. Muito.

Ele tinha um plano de voo bem definido. Sua ideia era ir nos 3min50 por quilômetro até o 30. Depois baixaria para 3min55 até o quilômetro 35 e 4min até o 40. Assim teria uma gordurinha para queimar nos dois quilômetros finais, que poderiam ficar no ritmo confortável de 4min20. Aquele engarrafamento, porém, não estava na conta, já saía devendo dez segundos.

Nesse momento, ultrapassou o amigo Jacques Fernandes da MPR, que entregou o serviço: Lelo acabava de passar. Logo o Guto o enxergava, estava uns 50 metros à frente, com uma camisa branca. Isso era um conforto. Haile tinha um coelho? Guto também. Precisava pagar os dez segundos perdidos no primeiro quilômetro. Afobado, tentou reduzir o prejuízo rápido demais.

Lelo estava fechando o décimo quilômetro com 38min05. Tanto Guto quanto Lelo tinham na cabeça as passagens de tempo do Portuga em Chicago 2006. Era como se um fantasma com a camisa amarela de Amílcar estivesse correndo junto com eles. Guto fez seus 10 km em 38min20, estava só quinze segundos atrás de Lelo. Portuga ia (virtualmente) bem na frente, em Chicago ele voara, 37min01. Marcos Paulo tinha destrinchado a corrida-maluca do Portuga numa preleção no Brasil.

— Olha só, nem adianta imitar o Portuga. Ele gastou tudo no início e quase morreu no final. Vocês precisam fazer uma corrida mais inteligente, sem precipitação.

Amílcar disparara mesmo no início. Na segunda metade da maratona correu cansado. Só que era um dia especial, o seu dia. A poupança em minutos que o Portuga tinha acumulado no princípio era tão confortável que, mesmo mais lento no trecho derradeiro, foi possível fechar nas 2h43min50.

Guto seguia com Lelo no raio de visão na passagem do quilômetro 15. Mas ali cronômetro e corpo falavam línguas diferentes. O tempo, 57 minutos, dava conta de que estava tudo conforme o planejado. Mas Guto sentia as pernas pesadas, pela primeira vez na prova achou que o desafio estava escorregando pelos dedos da mão.

O objetivo estava mudando. Com sete maratonas nas costas, já sabia que seria impossível sustentar o mesmo ritmo até o final. Não tinha pernas para segurar o tranco. Teria que diminuir a velocidade, o desafio já havia ido para o espaço. Já não corria contra o Portuga, mas a favor de Felipe. Era importante, contudo, passar ainda forte na meia maratona para apavorar o Portuga. Ele provavelmente estaria acompanhando pelo site da prova as passagens de tempo de seus dois perseguidores.

De fato, com 1h21min06 na meia, Guto continuava forte no jogo pelo critério relógio. O dobro disso é 2h42min12, tempo que tiraria com sobra de 1min37 a marca do Portuga. Só que seria necessário manter na prova inteira o desempenho da primeira metade, e Guto já sabia que não era possível. No quilômetro 22, Guto simplesmente parou e caminhou por uns cinco metros. Já havia feito isso em dias difíceis, como na Maratona de Boston em 2007. Os poucos segundos de parada tinham uma função, por mais que Guto não racionalizasse isso na hora. Era o cérebro avisando pernas, pulmão e coração que o desafio tinha terminado. A partir daquele momento, só haveria mesmo um objetivo: completar a prova abaixo das três horas. Felipe

merecia isso.

* * *

Lelo vivia situação oposta. Estava quase eufórico. Os quilômetros passavam com incrível rapidez. Pensava:

— Portuga, você dançou.

O fantasma do Portuga liderava com relativa folga a corrida. Sua meia tinha ficado em 1h19min20, Lelo estava mais de 30 segundos atrás. Só que o final do filme do Portuga era conhecido. Ele morria no final. E Lelo estava sobrando, tinha fôlego e pernas. Não havia por que se preocupar até aquele momento.

* * *

Guto encontrou a mulher Flávia no quilômetro 24 e pegou a garrafinha de água misturada com o Accelerade. Mais uma novidade do dia. Fez as contas e constatou que o tempo projetado para terminar Berlim tinha subido para 2h47. Eram treze minutos de folga para honrar a memória do amigo, que se tornaria assim um sub-3h.

O quilômetro 27 foi decisivo na prova para os dois desafiantes. Lelo nem percebia, mas ali estava ultrapassando o Portuga. Estava completando 27 km de prova em 1h42min25, alguns segundos a mais do que o Portuga fizera três anos antes. A diferença é que Lelo fazia uma prova crescente, cada vez mais rápida. O amigo fanfarrão fizera o contrário: a partir dali era ladeira abaixo.

* * *

Para Guto, o quilômetro 27 se mostrou bem mais cruel. Ali apareceu uma cólica devastadora. Guto segurou o ritmo e tentou se aliviar liberando o que pareciam ser gases. Três quilômetros depois, sentiu um tremor violento no corpo, com epicentro no abdome. Quase parou em uma moita para resolver o problema. Um banheiro químico se apresentou salvador no quilômetro 33. Guto invadiu o

cubículo azul, quase sem tempo de tirar o calção. Ele não sabia àquela altura, mas não havia dado tempo. Na liberação de gases enquanto corria, mais do que gases haviam sido expelidos.

As novidades do dia tinham deixado um rastro de destruição. Guto olhou para o calção e os efeitos da diarreia estavam todos lá. Todos não, já que filetes marrons também escorriam pelas pernas. Macarrão matinal e Accelerade nunca tinham sido experimentados. Além disso, havia o estresse do desafio. O sistema digestivo tinha sido submetido a uma provação. O resultado eram cólicas fortíssimas e uma diarreia incontrolável.

Guto, sentado em um trono de plástico, desanimou. O desafio das 2h43 já não mais existia. Ele estava imundo, a desistência e uma retirada imediata para um banho no hotel seriam as medidas mais sensatas. Então olhou para o pé direito. Não estava sozinho como em outras provas. Felipe o acompanhava através daquele chip. Era preciso seguir em frente, e correndo rápido, abaixo das três horas.

Faltavam pouco menos de dez quilômetros e a situação não era tranquila. Guto já corria “no seco” desde o quilômetro 25, quando as cólicas tinham apertado. Se em treinos curtos e leves a água já tem uma função importante, numa maratona ela é vital. A recomendação padrão fala em um copo a cada vinte minutos de esforço para evitar a desidratação. Guto já estava a quase 40 sem uma gota. E a cólica seguia. Naquele estado, a dignidade já tinha sumido. Não tentou mais segurar nada, corria e fazia as necessidades ao mesmo tempo.

* * *

Bem mais à frente, Lelo tinha entrado em surto. Eufórico, sem olhar para o lado, ele só pensava em chegar mais rápido. No quilômetro 35, o desafio já estava definitivamente resolvido. Lelo tinha passado com 2h11min29. Eram exatamente dois minutos de folga. Daniella Cicarelli, na época namorada de Lelo, colocava no Facebook as passagens todas. Era começo da manhã em São Paulo

e os amigos que não estavam em Berlim já se divertiam com a queda do Portuga, trocando mensagens de texto pelo celular. Fosse um amador comum, seria a hora de administrar a vantagem. Só que Lelo tinha o sangue do atleta profissional. Como um Ayrton Senna que não tirava o pé do acelerador nas corridas ganhas para “não desconcentrar”, Marcelo Apovian seguiu sentando a bota.

* * *

Com a parada técnica, Guto ficara dez minutos atrás de Lelo. No quilômetro 35, como combinado, encontrou o técnico Marcos Paulo Reis, que lhe ofereceu uma latinha de Coca-cola. Guto levantou a mão e falou como se fosse um leproso pedindo para o outro se afastar:

— Não quero, estou todo cagado.

Marcos Paulo não entendeu nem a frase, nem a situação. Veio o quilômetro 39. Guto estava passando justamente pela frente do seu hotel. Pensou na possibilidade de subir ao quarto, tomar um banho e completar limpo os três quilômetros finais. Mas sabia que seria o fim da maratona abaixo de três horas.

Não teria mais a chance de repetir a situação e “correr uma outra maratona rápida pelo Felipe”. Berlim 2009 era especial. O próprio Felipe tinha se inscrito e treinado para a prova. Estava pronto como nunca estivera para quebrar a sua maldição. Aquele chip no pé direito de Guto era dele, Felipe. O momento era aquele. Guto estava destruído, o ritmo despencando para 4min40 por quilômetro, precisava seguir.

* * *

Lelo, por sua vez, vivia um sonho. Estava contrariando os prognósticos médicos mais otimistas. A lógica recomendava que alguém com as fraturas que ele sofreu erguesse as mãos para o céu se pudesse caminhar sem mancar. Lelo já estava com o Portão de

Brandemburgo à frente, e não mancava. Voava. O final de prova foi percorrido em uma velocidade próxima aos 3min30 por quilômetro, apenas 30 segundos mais lento do que o ritmo final de um certo Haile. O etíope venceu a prova, mas não estabeleceu o recorde da maratona. O calor roubou preciosos segundos na segunda e mais quente metade da corrida. Haile terminou com 2h06min08, provocando alguma decepção entre os alemães.

Muito longe do pódio, da marca mundial e dos prêmios, o 154º lugar teria sabor de recorde mundial. Lelo fechou Berlim em 2h37min58, quase seis minutos mais rápido que a tão almejada marca. Praticamente no mesmo instante, o Portuga recebia de um amigo a primeira de muitas ligações naquele dia.

— O Lelo bateu o seu tempo...

Duas horas depois, o iPhone de Lelo tocou. Era Amílcar.

— Você me ferrou, Lelo — disse gargalhando.

A brincadeira do Portuga tinha terminado, mas havia ainda um outro desafio em jogo. A bem da verdade, talvez até mais sério.

* * *

No quilômetro final, a consciência de Guto ficou definitivamente embaralhada. Portuga não existia mais. O desafio tinha sumido dos seus pensamentos. Guto só sabia que tinha que terminar. E correu falando sozinho.

— Vamos, Felipe, dessa vez vai dar.

Era como se Guto tivesse se fundido com o amigo. O pé direito era mesmo de Felipe Wright. O Portão de Brandemburgo se aproximava e não havia mais dúvidas de que ia dar. O relógio marcava 2h52 minutos de prova, muita folga para as três horas. Guto inventava uma energia extra. Na hora de cruzar a linha, passou primeiro o pé direito e depois o esquerdo. Felipe ainda tinha chegado primeiro que Guto, segundo o site da maratona de Berlim. Ambos com o mesmo tempo, 2h52min32.

Nunca Guto havia comemorado tanto. Apoiou-se na grade e chorou feito criança. Os voluntários se aproximaram para ajudá-lo. Guto ficou ali, sozinho em meio à alegria coletiva com seu choro sem explicação. Era de saudade, felicidade, alívio, tudo ao mesmo tempo.

Aos poucos, foi recobrando a consciência. O suficiente para perceber de novo seu estado lastimável. Havia uma mesa em que os voluntários com mangueiras enchiam os copos de água para os corredores que finalizavam a maratona. Guto pegou uma das mangueiras e começou a esguichar no corpo. Um líquido marrom escorria pelo chão, assustando os que passavam por ali. Até que Guto avistou logo adiante um grande chuveiro coletivo com uns quinze bicos de água quente. A ducha trouxe a sua dignidade de volta. Guto tirou o primeiro chip, entrou na fila e pegou a primeira medalha. Fingiu que tinha esquecido de algo, voltou, entrou em outra fila e pegou a segunda medalha. Felipe Wright era, finalmente, um sub-3h.

Chicago abaixo de zero

Cada uma delas seduz à sua maneira. Nova York é a vibração em forma de maratona. A corrida pulsa tanto que os atletas até se esquecem de como lá o percurso é difícil. Berlim é acolhedora, Paris é linda, Boston é o desafio em si. As principais maratonas do mundo têm sempre boas razões para atrair corredores. Aspectos emocionais de lado, Chicago é simplesmente a melhor.

O pacote que a maratona oferece é imbatível. Plana, fria, bem organizada, com facilidades para largar e chegar, Chicago é perfeita para quem busca performance. Não por acaso se tornou a segunda maratona internacional com mais brasileiros inscritos. Fica atrás apenas de Nova York. Perde, na verdade, para a cidade: Nova York é um destino turístico imbatível.

Chicago é particularmente a prova dos apressadinhos. A avenida larga assegura uma saída sem atropelos. O frio costumeiro da cidade em outubro garante o rendimento. O público de 1,5 milhão de pessoas torcendo nas calçadas incendeia os atletas. A organização meticulosa oferece água e isotônico a cada milha. Chicago pode falhar, mas é difícil que alguém perceba o que não funcionou. Quem procura performance vai para lá.

Tomás Awad precisava de desempenho e escolheu Chicago. Não era mais uma corrida em seu currículo, era para ser a maratona inesquecível. Precisava de muita performance, fazia sentido correr na prova em que tinha batido seu recorde pessoal três anos antes.

O tempo havia passado e o clima era outro. Em 2006, a MPR desembarcou em peso na cidade. Eram 120 atletas com a camisa amarela da assessoria. O primeiro time dos sub-3h estava todo representado: Portuga, Lelo, Guto, Zeca, uma farra. O próprio

Marcos Paulo liderava o grupo.

Agora não. A caravana MPR tinha sido direcionada para Berlim. O calor extemporâneo de Chicago em 2007 afugentara alguns. Naquela edição, os termômetros bateram na marca dos 30 graus, pelo menos duas pessoas morreram, centenas se amontoaram nos hospitais da cidade. A partir de então, a organização da prova criou um sistema de semáforos. O sinal verde indica temperatura e umidade perfeitas para correr, o amarelo indica estado de atenção, o vermelho avisa as condições de alto risco e o preto significa cancelamento da prova em função do calor. A MPR passou a sugerir também Berlim como uma ótima alternativa europeia a Chicago.

Tomás não sentiu calor ao desembarcar na quinta-feira na cidade. Antes pelo contrário, fazia um frio de lascar, com temperaturas negativas. Ele tinha se inscrito em Chicago e Berlim para tentar bater o tempo do Portuga. A ideia era ter a chance de desistir de Berlim, caso o termômetro alemão sinalizasse calor. Chicago ficaria como plano B. A lesão no joelho esquerdo em agosto retardou o treinamento, e desistir de Berlim para tentar a sorte em Chicago se tornou a decisão mais sábia.

De certa forma, o “Desafio do Portuga” já tinha terminado. Lelo havia pulverizado o tempo de Amílcar três semanas antes. Apenas 39 alunos da MPR estavam em Chicago. Um bocado de gente, mas pouco quando comparado aos 120 de 2006. Da turma dos sub-3h, ninguém; todos os outros tinham escolhido Berlim.

Tomás estava esquecido, e isso era uma coisa boa. O técnico Fabio Rosa achava uma vantagem estratégica o isolamento. O Portuga já estava derrubado, Lelo já estava com os louros da vitória na cabeça, Tomás correria sem pressão. Mesmo o problema da lesão já não o atormentava mais. O joelho não doía, tinha retomado os treinos fortes e reduzido o ritmo nas semanas finais da prova. Aquele frio todo também era fator positivo. Tomás corria mal no calor, temperaturas próximas de zero o favoreciam.

Fabio Rosa embarcou também para Chicago e, antes da viagem, recomendou concentração total para Tomás:

— Nada de caminhar, fique no hotel e pense bastante na prova.

Tomás seguiu à risca os dois primeiros itens. Internou-se no quarto do hotel e descartou a possibilidade de qualquer passeio. Mas não era do seu feitio pensar demais na corrida. Tinha feito musculação, treinado e se alimentado bem, sobretudo nas semanas anteriores. Dados corretos foram jogados em sua planilha do Excel da vida. Era dar um *enter* e o resultado apareceria no domingo. Não havia mais muito o que pensar. Estava absorto com *Snowball*, a biografia do investidor americano Warren Buffett. Devorava o livro no quarto aquecido do hotel.

Na véspera da prova, seguiu as instruções e deu um trote muito leve na rua antes de voltar para o seu livro. Tomás estava pronto. Sabia que tinha todas as condições de bater seu recorde pessoal e desconfiava que poderia pegar o Portuga com uma maratona abaixo de 2h43min50.

Chegou o domingo, frio como o previsto, ligeiramente abaixo de zero. Tomás aproveitou uma das vantagens estratégicas de Chicago. A largada é muito próxima da região dos hotéis, é possível usar essa distância para engatar um trote de aquecimento. Tranquilo, a única preocupação de Tomás era acertar o ritmo do início, algo próximo dos quatro minutos por quilômetro. Preparou o GPS do pulso para a conta correta, já que as marcações nas maratonas americanas são todas em milhas, com os quilômetros aparecendo apenas nas distâncias cheias (5 km, 10 km, 15 km e assim por diante).

O problema é que a série de viadutos e prédios altos do início interferiu na recepção do sinal do satélite. O GPS endoidou e parou de fornecer informações confiáveis de velocidade e distância. A sorte é que tinha memorizado suas passagens em milha e não se perdeu nas contas até que o aparelhinho recobrasse o juízo. Já no segundo quilômetro estava feito um relógio. Corria a 3min45 por quilômetro

sem sofrimento.

Sua passagem pela tabuleta dos 10 km foi inspiradora. O relógio apontava 37min20. Se estivesse em uma corrida virtual do “Desafio do Portuga”, andaria em segundo lugar. Tomás estava dezenove segundos atrás do Portuga em Chicago 2006 e 45 na frente do Lelo em Berlim 2009.

Sabia que as corridas dos três eram bem distintas. Portuga acelerou feito um velocista na primeira metade e depois viu seu desempenho cair ao longo da prova. Lelo fez o contrário. Correu de maneira conservadora no início e apertou o ritmo consistentemente no final. Tomás era diferente, preferia um ritmo mais regular durante toda a corrida.

A comparação mostrava, porém, que estava bem vivo no desafio. Na altura da meia maratona, Tomás já esboçava um sorriso. Um tremendo resultado, 1h18min55. Nesse trecho, o fantasma do Portuga ficou para trás. Tomás era o líder do desafio, 25 segundos na frente do Portuga e quase um minuto de Lelo.

Bem longe de Chicago, formava-se uma curiosa corrente. De sua casa, em São Paulo, o amigo Giovane Caldas acompanhava a prova pelo canal SporTV 2 com um laptop no colo. A imagem da TV mostrava o baixinho queniano Samuel Wanjiru abrindo caminho pelas ruas de Chicago. Na tela do computador, Giovane digitava o número de peito de Tomás Awad (1176) e recebia as informações de cada passagem de tempo. Por sms, ia repassando as informações para Marcos Paulo, que andava no Guarujá, e para Guto, em uma fazenda em Santa Rita do Passa Quatro, interior paulista. O trio ficava ouriçado a cada boa notícia que vinha de cinco em cinco quilômetros. Tomás estava bem e todos torciam por ele. O Portuga era, no caso, uma unanimidade.

— Ele também vai pegar o Portuga — escrevia animado Giovane.

A manhã chuvosa em São Paulo — e gelada em Chicago — prometia. No quilômetro 30, o tom das mensagens de texto nos

celulares já era outro:

— Ele já matou o Portuga, agora vai buscar o Lelo.

Mesmo sem estar com os números detalhados do Portuga em Chicago 2006 e de Lelo em Berlim 2009, Giovane, Marcos Paulo e Guto intuía certo. Nessa corrida virtual, Tomás liderava ao cravar 1h52min28 no quilômetro 30. No mesmo ponto da corrida, Lelo tinha gastado 47 segundos a mais. Portuga, então, estava definitivamente para trás, já andava um minuto e quinze segundos atrás.

A prova, contudo, não era virtual. Era real. Lelo já tinha feito uma corrida crescente, sendo seu melhor momento justamente nos últimos 10 km. E Tomás não tinha tanta sobra no tanque de combustível. Sabia que tinha vencido o “Desafio do Portuga”, mas desconfiava que era a hora de administrar a vitória. Diminuiu um pouco o ritmo, de 3min45 para 3min50 por quilômetro. Para corredores normais, cinco segundos de diferença no ritmo não é quase nada. Nesse nível de competitividade, define uma prova.

Tomás fazia uma prova tão rápida que quase perdeu sua Coca-cola. O refrigerante virou uma febre entre maratonistas. Já empapuçados de tanto isotônico e gel durante a prova inteira, receber das mãos do treinador uma Coca-cola gelada se tornou um incentivo. Fabio fez as contas para chegar ao ponto combinado no quilômetro 30, só que Tomás estava bem demais. Fabio precisou lembrar seu tempo de triatleta de ponta para desenvolver o *sprint*, alcançar Tomás e entregar uma garrafa pet de 600 ml de Coca-cola.

Foi no quilômetro 35 que aconteceu o inacreditável. Tomás completou a distância em 2h11min20. Três semanas antes, Lelo tinha feito em Berlim os 35 km em 2h11min19, um segundo mais rápido. Se as duas provas se fundissem, Lelo e Tomás estariam lado a lado, vencendo o Portuga por já confortáveis dois minutos.

Só que Lelo já era o “líder”. Em Berlim, tinha atropelado no final. Tomás fazia sua corrida calculada. Tomás era mais razão correndo.

Lelo era mais instinto. Enquanto houvesse algum oxigênio para queimar ele estava acelerando. Nos dois quilômetros que faltavam, Tomás até apertou de novo para o ritmo de 3min45. Só que em Berlim Lelo tinha enfiado o pé no fundo, algo perto de 3min35 por quilômetro.

Era impossível buscar as 2h37min59 de Lelo, Tomás sabia disso. O objetivo principal nem era ele, mas o Portuga. E o sujeito de óculos e short da Richards estava fazendo história na MPR. Quando se aproximou da chegada já não parecia o administrador contido de sempre. O cronômetro marcava 2h38min49, cinco minutos a menos do que o tempo mítico do Portuga. Ao passar a linha de chegada, Tomás deu um salto como se fosse um bloqueador de vôlei. Chegou a tocar no relógio. Na verdade, se sentia tocando o céu.

Em São Paulo, mensagens eufóricas foram trocadas entre capital, litoral e interior. Marcos Paulo fizera ouro e prata na Olimpíada do Portuga. Lelo e Tomás haviam conseguido. Faltara um, Guto, mas suas 2h52min32 tiveram uma função até mais nobre que a dos outros dois: honrar a memória de Felipe Wright, amigo de todos.

O telefone do Portuga não parava de tocar naquela manhã de domingo. O texto era muito parecido.

— Você já era, Portuga, o Tomás também bateu seu tempo.

Amílcar Lopes Júnior ria e xingava seus camaradas. Ao mesmo tempo em que estava furioso com a pulverização de sua marca, estava envaidecido. Tinha inspirado uma geração de corredores.

Tomás já sabia aonde ia depois que tomasse banho no hotel. Questão de tradição — por mais que a tradição, no caso, dissesse respeito a apenas uma situação anterior. Lembrou-se de sua segunda maratona em Chicago, quando batera seu recorde pessoal e zarpara para o Gibson Steakhouse. Em 2009, nem precisou ler o cardápio.

— Steak com purê de batatas e aspargos, please!

Beau Geste

À primeira vista, parece um atacado. Um grande estacionamento na frente, caminhões se movendo para lá e para cá. Ao fundo, alguns carrinhos metálicos denunciam a presença de um pequeno supermercado. Nas gôndolas há salgadinhos, detergente, macarrão, o de sempre. Chama a atenção, porém, o destaque que um produto específico recebe. As águas brilham no supermercadinho. Com gás, sem gás, pequenas, enormes, aromatizadas, de todos os tipos e de uma só marca: Petrópolis.

É difícil encontrar, no número 500 da Avenida Vicente Rao, em São Paulo, o escritório da Água Mineral Petrópolis. Ali estão o estacionamento, o supermercado e uma porta de ferro que mais parece a entrada do depósito. Mas é ali mesmo. Quem procura o dono da empresa, interfona, se identifica e espera que a porta se abra. Na sala de espera, apenas revistas de triatlo para entreter. Para chegar até a sala do presidente, só com ajuda de um guia. O visitante vai se embrenhando pela fábrica, sobe uma escada estreita de ferro e tem a impressão de que terminará no almoxarifado. Quando a porta finalmente se abre, um escritório enorme, moderno e bem decorado aparece. Na estante, garrafas de todos os tipos possíveis e imagináveis de água. Destoa na decoração o retrato de um corredor cruzando a linha de chegada com o cronômetro marcando 2h43.

Esparramado em sua mesa está o dono do pedaço, o empresário Amílcar Lopes Júnior. Detalhista, parece controlar cada nota fiscal emitida na firma. Só após dois ou três telefonemas consegue despachar o lado executivo para assumir seu melhor papel. É como Portugal que ele abre seus primeiros sorrisos do dia.

— Desde 1999, quando fiz minha primeira maratona abaixo de três horas, sou referência para essa turma. Não será diferente a partir de agora.

A conversa acontece apenas algumas semanas após Tomás Awad e Marcelo Apovian derrubarem as míticas 2h43min50 do Portuga. A confiança de Amílcar, porém, está abalada. Ele hesita no momento de explicar seus próximos passos. Diz que irá treinar forte para recuperar o prestígio de primeiro aluno da turma de Marcos Paulo Reis. Aí coloca a mão na cabeça, faz contas, admite que não é nada fácil chegar nos tempos de Lelo e Tomás. São quase seis minutos para buscar, sendo que ele mesmo está três anos mais velho em relação àquele dia iluminado em Chicago, 2006.

— É, acho até que seria possível 2h40, mas pegar as 2h37 do Lelo...

A humildade não faz parte de seu repertório. Logo reassume o jeito de sempre e garante que bolará uma forma de subjugar os “meninos” da MPR. Dá a entender que poderá propor uma corrida única em que o vencedor será aquele que chegar primeiro, independentemente do tempo. Assim poderá aplicar sua especialidade, que é quebrar a confiança dos adversários. Sempre fez isso. No meio de uma determinada prova, força o ritmo, acelera, some do raio de visão dos outros competidores. O adversário desanima, e se conforma em ficar para trás.

Essa é uma possibilidade. A outra é arrastar o desafio para o lado do triatlo, esporte em que já conseguiu resultados expressivos. O próprio Portuga dá a entender que isso não seria justo, a bronca toda aconteceu na corrida, e é ali que precisa recuperar o trono. Como? Ainda não sabe.

* * *

Marcos Paulo Reis está cansado e aliviado. Inventou o “Desafio do Portuga” como forma de aplacar a empáfia do amigo. No meio do

caminho, porém, percebeu que a brincadeira tinha ficado séria. Vencer Amílcar com Lelo, Tomás ou Guto se tornou uma forma de provar competência técnica dentro e fora da MPR. Conseguir bater o tempo do Portuga significava deixar claro para os outros alunos que performance se alcança com talento, garra e sobretudo com disciplina. Todos conhecem a fama de *self-made-man* de Amílcar, o atleta que conseguiu seus feitos mais pela genética privilegiada e por sua garra do que por orientações externas. Se algum dos três desafiantes conseguisse melhorar tanto seu desempenho a ponto de chegar nas 2h43 a lição ficaria explícita: sigam as ordens dos professores, eles sabem das coisas.

Externamente, a MPR ficaria mais bem posicionada como uma assessoria de performance em caso de sucesso. Conseguir melhoras substanciais de tempo com atletas já muito rápidos é uma propaganda e tanto. Marcos Paulo não pensou em nada disso quando inventou a gincana, mas foi o desdobramento natural da brincadeira. Fabio Rosa, em especial, tinha o desafio dentro do desafio. Tirar rendimento dos outros sempre foi sua praia, assim ele é reconhecido no mundo da corrida. Só que Fabio tinha receio do que poderia acontecer com Lelo quando ele fosse submetido a uma quilometragem semanal muito alta. Temia uma fratura por estresse na perna esquerda, a das lesões antigas. Bolar um treinamento misturando corrida e bicicleta virou a saída. O problema era a intensidade, se Lelo não treinasse muito forte não baixaria seu tempo. O ótimo resultado em Berlim, sem qualquer lesão na fase de treinos, foi uma vitória particular de Fabio.

Perder o desafio seria um desastre para Marcos Paulo. Seria uma derrota pessoal também. Só que o técnico precisou contabilizar o custo todo da brincadeira. Injetou mais competitividade em um ambiente já naturalmente muito competitivo. A frase de Zeca Vasconcellos, um dos alunos mais antigos de Marcos Paulo, martelou sua cabeça:

— Você só para, Marcos Paulo, quando matar alguém, não é?

O tom era de galhofa, mas havia algum sentido na frase. Marcos Paulo também não quer que a MPR seja conhecida como a assessoria dos malucos por performance. O bando mais numeroso de corredores é aquele que busca na corrida uma forma de perder peso, se integrar, se divertir. Constatar que o desafio terminou e o Portuga perdeu é um alívio. Marcos Paulo terminou a brincadeira esgotado.

* * *

Aos 81 anos, o doutor Antranik Manissadjian divide-se entre orgulho e preocupação. Conhece “Marcelo” desde que nasceu. Foi o pediatra de vários membros da família Apovian ao longo das últimas décadas. Foi ele quem teve a ideia do remédio usado no tratamento de câncer que consolidou finalmente as fraturas de Lelo.

Em sua estante está uma foto com “Marcelo” empapado de suor, terminando o Meio Ironman de Pirassununga. Junto há um bilhete com uma letra caprichada. “Querido Antranik. Apesar de o senhor ter me dado alta, nada melhor do que fazer testes. Grande beijo. Marcelo Apovian. 2002”. Poucos meses após retirar a gaiola da perna, Lelo tinha encarado um Meio Ironman, aquilo sim que era teste. Não é preciso dizer que a foto se tornou um verdadeiro troféu para o médico que acompanhou quase quatro anos de sofrimento e que um dia viu a redenção do paciente a partir de uma sugestão sua.

O orgulho termina aí. Depois começa a preocupação. Doutor Antranik não compreende toda aquela paixão por ultrapassar limites. Acredita que o corpo sempre cobra uma conta. E tem certeza de que “Marcelo” está longe de querer baixar o facho. E está mesmo. Lelo quer mais. Procura um novo desafio. Acha que é possível baixar sua maratona para algo próximo de 2h35min. Com muito esforço, para 2h32min. Só que ele precisa de um estímulo. Quem sabe Marcos

Paulo não cria agora o “Desafio do Lelo”? Enquanto não aparece nenhuma provocação, Lelo vai treinando e desfrutando da doce sensação de ser o homem a ser batido.

* * *

De todos, Tomás Awad é o menos influenciado pelo ambiente externo. Seu grande adversário é o Tomás Awad de ontem. Gosta de correr, tem imensa facilidade biomecânica, mas é movido pela busca da performance. Tomás venceu o Portuga com suas 2h38 em Chicago, só que Amílcar não era bem “o adversário”. O administrador não tem grande intimidade com Amílcar, não é ele o principal alvo de suas preocupações. O desafio serviu mais para a fixação de uma meta. Tudo o que Tomás queria era fazer uma maratona perto de 2h40. Apenas isso. Daí sua felicidade suprema ao superar um objetivo que era naturalmente ambicioso.

Para Tomás, o desafio continua. Não o dos outros, mas o seu próprio, o “Desafio do Awad”. Esse é simples e não depende de ninguém. É treinar e colher frutos, sem pressões exageradas. Fanático por risotos e vinhos, quer melhorar, desde que isso não atrapalhe sua qualidade de vida. De qualquer maneira, Tomás obteve uma vitória adicional. Depois de Chicago, deixou de ser o “cara do short da Richards”. Agora ele é “aquele cara que corre muito”.

* * *

O sonho não acabou. Dos três desafiantes, Guto foi o único que não pegou o Portuga. Antes de dizer a frase, ele fingia olhar para o lado para ver se ninguém mais estava ouvindo.

— A Flávia não pode saber, mas eu não desisti. Ainda vou buscar o tempo do Portuga.

Agora Guto precisará torcer também para que sua mulher não se interesse por este livro... Mas o fato é que em dado momento da

temporada de treino o clima azedou em casa. Obstinado, Guto canalizou boa parte da sua energia para fazer uma maratona na casa das 2h40. Garantiu que entraria na linha assim que o desafio terminasse. Quando voltou de Berlim, prometeu, ao melhor estilo comercial de sandálias de borracha, dar férias para os seus pés. Só que ele não conseguirá deixar a tarefa inacabada. Sabe que pode melhorar sua performance, sobretudo se caprichar mais na musculação e apertar nos treinos de velocidade.

Exatamente uma semana após correr a maratona, Guto foi surpreendido por um email novo em sua caixa postal. O remetente era José Luiz Alquéres, sogro de Felipe Wright. Alquéres, então presidente da Light no Rio, perdeu a filha Heloísa e o neto Francisco, além do próprio Felipe, no acidente de Trancoso. Através de Zeca, ficou sabendo que Guto havia corrido a Maratona de Berlim com o chip do genro. Alquéres, ou Zelão, como é tratado pelos mais íntimos, escreveu para Zeca e para outros amigos:

Este é um registro de um nobre gesto de camaradagem praticado por amigos do meu genro Felipe.

Apreciar gestos nobres, na tradição vitoriana, marcou a geração de meus pais e a minha educação. Eles apreciaram muito *Beau Geste*, romance de aventuras e atitudes "vitorianas" estrelado no cinema — ainda em preto e branco — por Gary Cooper. Assisti no velho Ritz da Avenida Copacabana, provavelmente em 1954. O personagem principal, um dos três irmãos Geste, não por acaso apelidado de Beau, pratica um "nobre e belo" gesto, a ficar anônimo. Vejam o filme ou leiam o livro. E há uma estética nisso. E me marcou.

Na realidade, gestos de camaradagem e cooperação são o que mais distinguem a espécie humana de todas as outras. E estes gestos — segundo artigo recente da revista *Science* — nascem quando ainda éramos pouco mais do que macacos e guerreávamos juntos. A camaradagem assim nascida é fonte de toda cooperação que hoje se manifesta nas competições da nossa época: empresariais, esportivas e outras.

No quarto mês do acidente que levou nossos queridos, pensamentos e missas lhes foram dedicados no Rio e em São Paulo. Na Inglaterra, os

colegas de colégio de Felipe reuniram-se. Elen e Chris lá estiveram presentes. Esses mesmos colegas aqui vieram, em minha casa em Petrópolis de onde escrevo, no casamento de Felipe e Helô.

Trouxeram uma grande alegria e jovialidade ao “jantar dos padrinhos”, na véspera, e à festa de casamento.

Mas Felipe tinha muitos outros círculos de amigos: a turma da Hípica, a turma da vela, a turma das artes, a turma que corria maratonas orientada pelo Marcos Paulo, dentre outros.

E, nas maratonas, ele era fixado em superar suas metas. Cada vez mais desafiantes. Acompanhei o seu percurso desde a primeira, anos atrás, em 4h20, até a penúltima, quando ele marcou pouco acima de 3h. Em Berlim, no ano passado, a meta já era esta. Felipe fez algo como 3h05. Lembro que Helô não foi com ele por estar com a gravidez adiantada. Bitu foi fazer companhia a ela em São Paulo e, no fim de semana, quando fui, lembro-me dela consolando-o pelo telefone. Havia uma boa razão para outra alegria próxima, o nascimento do Francisco.

Neste ano, os preparativos já estavam em curso quando Helô, Flávia e Renata, mães de crianças de cinco meses de idade, foram juntas para Búzios passar uns dias no começo de maio. Bê, minha filha, esteve lá e sentiu o bom clima entre elas e seus *babies*. E, no fim de semana, seus maridos corredores — Felipe, Guto e Zeca — as encontraram. E a conversa entre eles era só esta: o desafio de Berlim em setembro. E treinos. E água de coco em vez de caipirinha.

A morte dos nossos queridos, duas semanas depois, foi particularmente sentida por este pequeno grupo.

Poucos dias depois do acidente, Zeca recebeu no escritório as confirmações das inscrições: *vouchers* de hotel, números de identificação, chip para colocar no tênis (para os não iniciados, explico: cada corredor recebe este chip que marca o seu tempo de corrida; o atleta pode ser acompanhado durante a competição; você pode saber, por exemplo, quanto tempo ele levou para completar a primeira metade da prova, etc. E o chip marca a classificação final).

Ele e Guto iriam correr sem seu camarada. Mas como? E toda a preparação do Felipe? Toda a sua gana, sua persistência? Quem o conheceu sabe disso, sabe do que estou falando.

Lars Grael, por exemplo, que o comandou na regata em Cannes 2007,

onde foram vice-campeões na classe 12 metros, dizia que Felipe, a princípio, era mais visto como o filho do dono do barco, certamente com menos força física que outros membros da tripulação. Mas sua enorme resistência, construída nessas maratonas, acabava por distingui-lo quando outros mais fortes quase entregavam os pontos por cansaço.

No dia da prova, mesmo dia do ato mencionado acima na Inglaterra, e vésperas do dia de muitas missas, Guto coloca dois chips. Um no pé direito. Outro no pé esquerdo.

Guto é muito bom corredor. Mas nesse dia se superou. Ele corria por si e como herdeiro de todos os nobres gestos do homem. Teve o cuidado na linha de chegada de passar primeiro o "pé do Felipe".

E quem quiser pode conferir no site da maratona. Felipe. Felipe Luchsinger Wright. Em menos de três horas cruzou a linha de chegada da Maratona de Berlim na semana passada. Certamente ajudado pela mais qualificada das torcidas.

Viva o Guto. Viva o Zeca. Viva a amizade!

Belos gestos não se veem só no cinema e não são apenas coisa do passado.

José Luiz Alquéres
Petrópolis, 27-9-2009

O email cometia pequenas imprecisões, como os tempos de Felipe e a percepção de que Guto havia feito a melhor corrida de sua vida. Detalhes. O fato é que a mensagem calou fundo na turma da corrida. Zeca o repassou a Guto, Marcos Paulo e outros. O próprio "Desafio do Portuga" perdia sentido quando confrontado com o drama dos Wright. Guto tinha planejado dar a medalha de Berlim para Christopher Apostol, o tio de Felipe que morava na Suíça. Era ele o parente vivo mais próximo. Ao ler o email de Zelão, teve a certeza de que a medalha ficaria em melhores mãos no Brasil. Trocou alguns emails com o sogro de Felipe e combinou de fazer uma visita na primeira oportunidade em que fosse ao Rio de Janeiro. Não falou nada da medalha.

Um mês depois de ler a mensagem e cinco meses após o acidente

em Trancoso, Guto bateu à porta do apartamento dos Alquéres em Ipanema. Foi recebido com festa e carinho no almoço de domingo. Com a medalha de Berlim no bolso, Guto não encontrava uma oportunidade para entregá-la. Temia tocar em um assunto muito caro para aquela família que tinha perdido tanto no acidente. A mãe de Heloísa pediu então ajuda para identificar amigos que ela não conhecia nas fotos da filha. Guto aproveitou a entrada no assunto e tirou a medalha do bolso. A comoção foi geral. Felipe estava recebendo oficialmente a condecoração de maratonista sub-3h. Guto, o pior tempo dos desafiantes, estava assim virando Beau, o proprietário dos gestos mais nobres da espécie humana.

FINAL

A história da história

Jornalistas estão sempre à procura de boas histórias. Nem acreditam quando elas caem no colo como farelos de pão no café da manhã. Foi o que aconteceu comigo em um sábado de sol. Tinha recebido um convite do técnico Marcos Paulo Reis para treinar e depois tomar um café da manhã com a turma da MPR. Publiquei o primeiro registro do “Desafio do Portuga” no meu blog da *Runner’s World* em 11 de agosto de 2009:

Desafio do Portuga

Dia desses tomei um café com o Giovane, um animal corredor que faz maratona na faixa de três horas. Na mesa, sentou um magricela e logo a conversa engatou para alimentação, controle de peso, dieta rígida. Guto é um sujeito entre o magro e o esquelético. Mesmo assim, parecia um modelo preocupado com os grammas a mais na véspera da *fashion week* (a analogia não tem qualquer segunda intenção, por favor). A prosa foi mudando e um tal Portuga começou a aparecer no papo. Aí mesmo que não entendi nada.

Quem me traduziu tudo depois foi o treinador dos dois, o Marcos Paulo Reis, da MPR. E a história era realmente boa. Muito boa. Marcos Paulo tem entre seus 1.400 alunos uma turma rápida, uns porque nasceram abençoados, outros porque treinam muito. Alguns, contudo, além de presenteados pela genética, se matam nas pistas. O tal do Portuga é um deles. Há dois anos, com 43 anos nas costas, cravou 2h43min50 na Maratona de Berlim. Não é um profissional, apenas um amador da pesada. Além de amador, Portuga também é um gozador. Por ter o melhor tempo em maratona da turma atual da MPR, tira uma onda, sobretudo com os mais novos. “Olha, vou mandar um fotógrafo com flash na corrida porque quando vocês chegarem já vai estar noite”, se diverte, provocando a moçada.

Marcos Paulo, outro que gosta de diversão, resolveu botar o Portuga em pânico. Escolheu seus três melhores corredores (todos na faixa dos 35 anos)

e inventou o desafio ao Portuga. Basicamente o plano é que um deles derrube o seu tempo na Maratona de Berlim em 20 de setembro. Não será fácil, Guto, Tomás e Lelo têm recordes pessoais entre 2h46 a 2h48. Parece fácil chegar no tempo do outro, apenas uns quatro, cinco minutinhos. Nessa faixa, porém, são minutos que valem por uma eternidade.

Por isso, a garotada leva tão a sério a brincadeira. Qualquer quilo perdido pode se reverter em minutos a menos no tempo final de corrida. Os treinos são duríssimos. Marcos Paulo me contou o inacreditável: Guto, Tomás e Lelo estão inscritos em três maratonas. Uma mais rápida do que a outra. Irão escolher entre Berlim, Amsterdã e Chicago. Ficarão de olho no *Weather Channel* e, ao menor sinal de temperatura alta, cancelam a viagem. Escolherão a mais fria e, conseqüentemente, a mais rápida. Só assim podem superar o tempo do fanfarrão. E os amigos todos torcendo e se divertindo. Pelo que senti, todos torcem contra o Portuga. Perguntei ao Guto se o Portuga iria correr Berlim este ano. Resposta: "E ele é louco de se arriscar a ficar atrás da gente? Mais fácil é ficar de camarote torcendo para que a gente não consiga".

Depois de publicar o texto, recebi alguns telefonemas de amigos da MPR. Estavam todos se divertindo com a brincadeira. Acabei me esquecendo do assunto até o 20 de setembro, uma importante data, no caso, o dia da Maratona de Berlim. O próprio Marcos Paulo me enviou, eufórico, uma mensagem de texto avisando que Lelo tinha batido o Portuga. Publiquei mais um texto no blog.

Portuga arrasado

O 20 de setembro foi um dia especial para o Portuga. Pois um bôldo chamado Marcelo Apovian o liquidou. Topou e venceu o desafio. Pulverizou o recorde em maratona do ex-melhor atleta da assessoria de Marcos Paulo Reis. Marcelo, ou simplesmente Lelo, cravou quase profissionais 2h37min58 na Maratona de Berlim neste domingo. Não foi fácil, o clima conspirou a favor do Portuga, que queria seguir como lenda no Parque do Ibirapuera e na USP, os templos da corrida paulistana. A temperatura oscilou nos vinte graus centígrados e, no final de prova, se aproximou dos 25 graus. Clima agradável para quem quer passear, uma Cuiabá no verão para quem está tentando recordes. O vencedor da prova, aliás, o etíope Haile Gebrselassie,

viu seu sonho de quebrar a marca da maratona derreter em Berlim. Haile já tinha 2h03min59 e achava que dava para baixar um pouco mais. Com o calor, subiu ao pódio com "modestas" 2h06min08.

Lelo não. Ele, que foi campeão brasileiro de esqui, imprimiu um alucinante ritmo de 3min44 por quilômetro. Seu companheiro José Augusto Urquiza, o Guto, que também estava no calcanhar do Portuga, foi "péssimo". Conseguiu "apenas" 2h52 na maratona, um resultado "terrível". O terceiro perseguidor do desafio resolveu adiar sua participação em Berlim para tentar a sorte em Chicago, dentro de algumas semanas. Tomás Awad ainda pode dar mais uma castigada no Portuga. Amílcar, eis o nome do Portuga, estará nas próximas páginas da *Runner's* e contaremos melhor sua história. Neste domingo, 20 de setembro, ele perdeu. Nada garante que não tente dar o troco de alguma outra forma. Conversei por telefone com Marcos Paulo, que está em Berlim. O técnico falou com o Portuga. E agradeceu a ele pela participação nessa grande gincana. Tem gente que corre apenas para se divertir. Outros se divertem buscando performance. Para esses, o "Desafio do Portuga" foi um acontecimento e tanto. E Amílcar deve estar orgulhoso. Além de continuar sendo um fenômeno (sua marca foi obtida aos 43 anos, Lelo está com 35), foi o responsável por catapultar a performance de muita gente boa.

Nos comentários dos dias seguintes, os próprios envolvidos deram as caras no blog. Guto se desculpando, Portuga provocando, Lelo querendo mais:

Guto – São Paulo (23/09/2009 @ 13:01)

Serginho, dessa vez não deu... Tentei até o km 25, mas depois tive que diminuir o ritmo para poder terminar a prova. Valeu a tentativa e a brincadeira nos treinos antes da prova. Ano que vem estou de volta para tirar o tempo do Portuga!!! Abraços.

Amílcar Lopes – Portuga – São Paulo (23/09/2009 @ 15:39)

Prezados amigos. Fico super feliz em saber que muita, mas muita gente, acompanhou o "Desafio do Portuga". Recebi inúmeros telefonemas de amigos e desconhecidos, todos absolutamente apaixonados por corrida. Lelo, meu amigo, você está de parabéns. Realmente estou "arrasado", porém não estou morto! Portanto, em Berlim 2010, vocês irão ver um Portuga mais

maduro, com 46 anos, porém garoto de alma e corpo, a fim de bater o recorde do Lelo e fazer 2h37min 57!!! Aguardem! Abraço a todos.

Lelo – São Paulo (14/10/2009 @ 15:18)

Amílcar, obrigado por ter sido referência para todos que participaram do “Desafio do Portuga”. Você é o cara. Sérgio, obrigado por divulgar essa brincadeira que virou jogo sério. Espero que em 2010 o Portuga faça para 2h36! Gostaria muito de poder fazer o “Desafio do Portuga 2, a final”. Beijinhos a todos, Lelo.

Quando busquei mais informações sobre Lelo, quem ficou arrasado por desconhecer história tão boa fui eu. Que história a dele! Imediatamente mudamos o planejamento da *Runner's* de novembro, era necessário contar muito bem o drama de Marcelo Apovian. E publicamos a reportagem em seis páginas.

O assunto parecia encerrado. Marcos Paulo tinha me contado da lesão de Tomás, que aparentemente estava fora da disputa. Até que o meu celular apitou de novo. Conteí o caso no blog em 12 de outubro:

Tenham piedade do Portuga

Achei que tinha terminado a brincadeira. O “Desafio do Portuga”, assunto que rendeu litros de suor derramado em treinos e boas risadas entre os envolvidos, parecia ter acabado na Maratona de Berlim em setembro. Marcelo Apovian, o Lelo, havia pulverizado o recorde em maratonas do provocador Amílcar Lopes Júnior, o Portuga.

Tinha me esquecido, faltava um. Eram três os desafiantes do Portuga. Lelo conseguiu 2h37 e esmagou as 2h43 do Portuga. José Augusto Urquiza, o Guto, conseguiu 2h52 também em Berlim. E o terceiro corredor, Tomás Awad, havia deixado para tentar a quebra do recorde em Chicago.

Na manhã deste domingo, eu fazia uma trilha em Gonçalves, Minas Gerais. Quando avistava uma cachoeira, o bolso do short vibrou. Mensagem do meu amigo e corredor Giovane Caldas, também chapa de Lelo, Portuga e sua turma. “Olha as passagens do Awad em Chicago. O Portuga já dançou, se continuar assim, o tempo do Lelo também vai...”.

Tecnologia é algo muito divertido. Eu numa cachoeira remota do interior

do Brasil e sabendo *on line* o que estava acontecendo em Chicago... Giovane ia informando a cada momento o andamento da prova: frio de zero grau em Chicago, vento contra de 13 km/h, o queniano Samuel Wanjiru batendo o recorde da prova com 2h05min39 e o Awad voando. Demais. Entrei na pilha e mandei uma mensagem para o técnico Marcos Paulo Reis, que eu presumia que estivesse em Chicago. "O Awad vai ficar abaixo de 2h40!". O Marcão enlouqueceu e devolveu. "Como é que você sabe?". Desconversei, contei que estava numa trilha na Serra da Mantiqueira, omiti a mensagem do Giovane e disse que, acima de tudo, era um repórter.

Foram mais uns três ou quatro informes até Awad cruzar a linha de chegada com 2h38min49. Por um minuto não bate o recorde do Lelo em Berlim. Por mais de quatro minutos, superou o Portuga. Aliás, cabe o registro. Depois de anos debochando dos atletas mais rápidos da assessoria MPR, o Portuga ouviu todas as gozações de volta com a elegância dos campeões. No post "Portuga arrasado", deixou o seu registro nos comentários, felicitando o Lelo pelo grande tempo e prometendo um troco futuro. Essa turma não se emenda.

Só aí me dei conta que faltava um fecho para a história. E esse tal de Guto? Arranjei o telefone dele e liguei. Em uma sexta-feira atrapalhada (era fechamento da *Runner's*), ouvi a história com riqueza de detalhes. Guto descreveu o sofrimento da Maratona de Berlim, as dores nas pernas antes da metade da prova, os problemas intestinais, a certeza de que o desafio tinha ido para o brejo muito cedo na prova. E aí fiz a pergunta que deu origem a este livro:

— Mas se você sabia que já não ia bater o tempo do Portuga, estava todo sujo e com dores, por que não largou a prova?

Houve um silêncio do outro lado da linha. Alguns segundos depois, quase como se desculpando pela falta de coerência, Guto disse que tinha olhado para o pé e visto o chip de um amigo.

— Como assim? Você correu com o seu chip, eu conferi o tempo no site da prova. Que história é essa de amigo?

— Um amigo que morreu. Coloquei o chip dele no outro pé e fiz a

prova por ele também...

Pedi mais detalhes e fui arrancando a fórceps uma história que ele parecia não querer contar. Deu o nome do amigo, Felipe Wright, e imediatamente me lembrei do acidente de Trancoso. Expliquei que gostaria de publicar a história no blog e Guto pediu que não. Contou que aquilo era pessoal, que ele e, sobretudo, a mulher Flávia tinham ficado abalados com tudo. Entrei na lógica da homenagem. Se Felipe tinha virado um sub-3h, publicar a história seria uma forma de colocar simbolicamente a medalha no seu peito. Propus um acordo. Eu escreveria o texto, mandaria por email e, se ele achasse que ficou respeitoso, poderia autorizar ou não a publicação.

Parei de fazer o que estava fazendo naquela sexta-feira atrapalhada. E escrevi o texto sobre Guto e Felipe (um resumo do capítulo "Trancoso" deste livro). Revisei e enviei para Guto. Minutos depois, ele respondeu que precisava mostrar para sua mulher.

Eu precisava aguardar a autorização antes de publicar no blog. Até a noite de sexta, nada. Veio o sábado, o domingo e nenhuma resposta. Fiquei agoniado, era só mais um post dos mais de 150 que eu já tinha colocado no blog. Só que estava encantado com aquela história. Ela reunia superação e doses cavalares de humanidade. Queria muito publicá-la. Eram 11h31 da segunda-feira quando pingou na minha caixa postal o email de Guto. Tive medo de abrir e tomar um não.

"Sérgio, conversei com minha mulher e ela concordou em publicar no blog. Gostamos do jeito que você escreveu, apenas temos que corrigir os tempos do Felipe. Abraços. Guto."

A felicidade foi semelhante aos meus melhores presentes de Natal. Queria agora ver logo publicado. Corrigi os tempos das maratonas do Felipe, revisei tudo para colocar no blog. Na hora de apertar o botão "enviar", eu refuguei. Aquilo não era um post. Era uma história maior, bem maior. Não podia continuar contando tudo aquilo aos soluços, de forma fragmentada. Eu tinha um livro nas mãos, só

precisava de coragem para escrevê-lo.

Aos poucos, descobri que só coragem não bastava. Comecei as entrevistas em meados de novembro. Entre corredores, técnicos, médicos, parentes, amigos e outras fontes, conversei com 23 pessoas. Com alguns deles, até dez vezes. Perdi a conta de todos os resultados que chequei nos sites de corrida, hipismo, automobilismo, esqui e iatismo. Fiquei impressionado com a precisão dos informes de tempo. Cada corredor sabia exatamente não só o seu tempo como os dos amigos e "competidores".

Acabei adotando um método um tanto tortuoso para fazer o livro. Os maldosos dirão que adotei o "jeito Portuga". Em vez de fazer todas as entrevistas e depois escrever capítulo por capítulo, fiz tudo aos pedaços. Ergui a parede de um quarto, o telhado de outro, coloquei uma pia na cozinha, uma lâmpada no banheiro. Tudo de forma aparentemente caótica. Em um dado momento, tinha dez capítulos abertos e nenhum concluído. Isso porque as histórias iam se escancarando aos poucos. Ao falar com Tomás, ele revelava um detalhe de Guto, que lembrava de algo de Felipe, e assim o novelo ia se desenrolando.

Algumas fontes foram especialmente valiosas. Portuga, os desafiantes e Marcos Paulo foram fundamentais, claro. Fabio Rosa armazenou detalhes preciosos dos treinos e das provas. Zeca Vasconcellos, sócio de Felipe e dos mais antigos da MPR, descreveu com precisão o clima de camaradagem da turma. E José Luiz Alquéres esbanjou generosidade comigo. Apesar de ter perdido genro, filha e neto no acidente de Trancoso, dispôs-se a conversar sobre o assunto.

Mas de todas as entrevistas, uma ficará particularmente gravada na minha memória. Aconteceu às vésperas do Natal de 2009. Combinei um almoço com Guto no refeitório da loja principal da Etna, onde Guto é o diretor-geral. Sentamos em uma mesa coletiva e esmiuçamos a Maratona de Berlim. Eu precisava de cada detalhe e

fazia perguntas específicas. Aos poucos, Guto ia regredindo ao 20 de setembro, lembrava de cada passagem.

Desconfio que, no esforço de recordar dos detalhes, ele trouxe de volta também a emoção do dia. E, de repente, Guto já não estava mais naquele refeitório enorme. Tinha voltado a Berlim, e corria com sofrimento. Não corria por ele, mas pelo amigo morto semanas antes. Quando descreveu a passagem pela linha de chegada, a voz começou a falhar. Seguiu contando, mas não conseguiu segurar o choro, mesmo na frente dos seus funcionários. Um choro engasgado, doído, uma emoção que mesclava a tristeza da perda e a satisfação da conquista. Nesse momento, tive a certeza de quem havia sido o grande vencedor do “Desafio do Portuga”.

Valeu

Seria uma indelicadeza não agradecer aos personagens principais deste livro: Portuga, Guto, Tomás, Lelo e Marcos Paulo, que jamais negaram fogo. Em almoços, cafés da manhã, ao vivo, por telefone ou email, sempre responderam às minhas perguntas.

Seria injusto não lembrar das ajudas de Fabio Rosa, Zeca, Giovane, Batti, Ratto, Toni e de todos aqueles que colaboraram para que esta história pudesse ser contada.

Seria muito egoísta da minha parte não pedir desculpas à minha família. Do Natal de 2009 ao final de janeiro de 2010, acabei me tornando um zumbi moderno com o laptop no colo. Ninguém reclamou dessa ausência. Dr. Sérgio, Dona Marlene, Filipe irmão, Lúcia, Luiza, a pequena Sofia, Eliane, Filipe filho e Nina, todos foram compreensivos.

TABELAS

Todos os tempos

Amílcar Lopes Jr. (Portuga)

Ano	Maratona	Tempo
2006	Chicago	2h43min50
2001	Chicago	sem tempo
2000	Chicago	2h48min13
1999	Nova York	2h54min24

Felipe Wright

Ano	Maratona	Tempo
2008	Boston	3h00min09
2007	Paris	3h12min54
2006	Chicago	3h04min02
2006	Londres	3h04min02
2005	Berlim	3h06min35
2004	Berlim	3h00min16
2003	Chicago	3h04min56
2002	Chicago	3h10min43
2001	Chicago	3h08min48
2000	Nova York	3h42min31

José Augusto Urquiza (Guto)

Ano	Maratona	Tempo
2009	Berlim	2h52min32

2009	Londres	2h51min19
2008	Boston	2h51min54
2007	Berlim	2h46min57
2007	Boston	3h14min18
2006	Chicago	2h57min41
2006	Paris	3h02min37
2005	Amsterdã	3h12min36

Marcelo Apovian (Lelo)

Ano	Maratona	Tempo
2009	Berlim	2h37min58
2007	Chicago	abandonou no km 25
2006	Chicago	3h11min07
2004	Berlim	2h46min58

Tomás Awad

Ano	Maratona	Tempo
2009	Chicago	2h38min49
2008	Boston	2h50min12
2007	Paris	3h01min01
2006	Chicago	2h48min54
2005	Berlim	2h56min03
2004	Berlim	quebrou
2002	Chicago	3h08

* Na época, só havia tapete de cronometragem nos quilômetros 15 e 30, além da largada, meia e chegada.

** Pace é o ritmo do corredor, medido em minutos por quilômetro.

Os recordes da turma

As melhores maratonas da MPR, passagem a passagem

Atleta	Portuga	Lelo	Portuga	Guto	Lelo	Tomás
Prova	Chicago	Berlim	Chicago	Berlim	Berlim	Chicago
Ano	2000*	2004	2006	2007	2009	2009
5 km		19min42	18min08	19min42	18min57	18min41
10 km		39min44	37min01	39min11	38min05	37min20
15 km	55min53	59min33	56min05	58min39	57min03	56min13
Meia	1h19min46	1h23min45	1h19min20	1h22min25	1h19min58	1h18min55
25 km		1h39min27	1h34min24	1h37min43	1h34min36	1h33min38
30 km	1h56min04	1h59min28	1h53min43	1h57min26	1h53min17	1h52min28
35 km		2h18min30	2h13min29	2h17min29	2h11min29	2h11min30
40 km		2h38min00	2h34min17	2h37min50	2h29min50	2h30min36
Total	2h48min13	2h46min58	2h43min50	2h46min57	2h37min58	2h38min49
Pace**	3min59	3min57	3min52	3min57	3min45	3min46

Caderno de Fotos



Portuga e Marcos Paulo no Ibirapuera: amizade de vinte anos



Toni Kanaan, Portuga, Chico Lopes e Stefan Neuding: força nos 800 Km Extra Distance em 2005



Amílcar (à esquerda) nas Mil Milhas de Interlagos: oitava colocação entre os 39 do grid



O piloto Amílcar na Fórmula Pálio em 1994: ele arrumava confusão nas pistas também



Lelo paraquedista nos anos 90: a brincadeira perdeu a graça depois que seu avião caiu em Boituva



Abertura dos Jogos Olímpicos de Nagano em 1998: O porta-bandeira e único atleta brasileiro era Marcelo Apovian, o Lelo



Lelo no Slalom em Nagano-98: ele foi o 37º, a melhor classificação de um brasileiro até então



Lelo motociclista: campeão na categoria Production do Rally dos Sertões 1998



O Guto cavaleiro: já no hipismo mostrava sua garra de competidor



Fabio Rosa, uma atleta e Portuga: meia de Buenos Aires 2002



Guto em Amsterdã 2005: ótima estreia em maratona com 3h12



Tomás, Lelo, Portuga, Paulo Tibério e Josevandro: Chicago 2006 marcou o melhor desempenho da história da MPR



A chegada de Tomás em Chicago 2006: recorde pessoal e comemoração com um steak



Portuga radiante em Chicago 2006: ele virava ali uma lenda da corrida amadora



Felipe no leme: velejador esforçado e dono do barco



Felipe e Heloísa: a turma da corrida se reunia na casa de trancoso



O que restou do King Air 350 em Trancoso: catorze mortos



Eduardo Sarhan, Zeca, Felipe, Jacques Fernandes, Giovane Caldas, Gustavo Lima e Pedro Alquéres: um 4º lugar na volta à ilha 2009



A turma da MPR em Boston 2008: Felipe e Tomás (agachados, de vermelho e na ponta direita) na mesma prova de Guto (em pé, também na ponta direita) e Marcos Paulo (tentando se esconder)



Guto, Felipe e Zeca na casa de Búzios: temporada de treinos para Berlim 2009



Tomás e Guto em Boston 2008: a dupla terminou na faixa de 2h50



Lelo em Berlim 2009: o desafio do Portuga terminava naquele instante



Lelo posando com seus esquis na pista do Clube Pinheiros para a Runner's World:

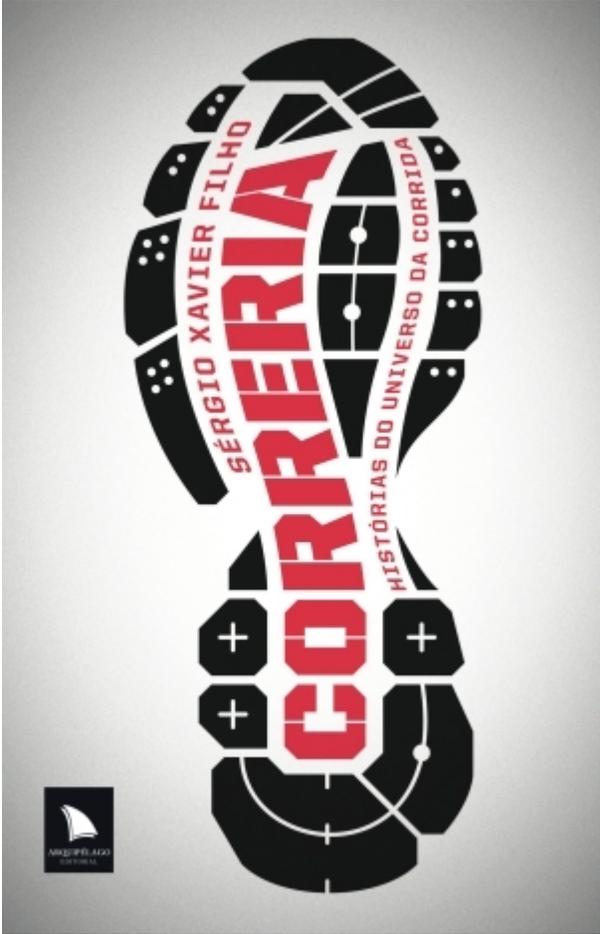
exemplo de superação



Tomás e o tempo abençoado de Chicago 2009: o Portuga tinha perdido de novo



Portuga, Lelo e os repórteres "bigodudos" da Runner's World Maurício e Cláudio na prova Drink & Run: inimigos só nas maratonas



Correria

Xavier Filho, Sérgio

9788560171507

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ao longo dos últimos cinco anos, o jornalista Sérgio Xavier Filho uniu em seu blog a paixão pela corrida ao seu talento para contar histórias. Dessa mistura surgiram textos inspirados e inspiradores. São relatos emocionantes de provas mundo afora e insights sobre variados aspectos do universo da corrida de rua: o gosto do brasileiro pelos revezamentos, as aventuras dos ultramaratonistas, as melhores maratonas, as inevitáveis lesões, a busca por desempenho. O blog Correria tornou-se um ponto de encontro de corredores — sejam eles iniciantes, experientes e até mesmo profissionais — e suas histórias. "Conversar sobre treinos e provas é tão essencial quanto colocar os tênis e partir para a rua", acredita o autor. É justamente esse espírito de conversa informal — porém bem informada — que guia este livro do começo ao fim.

[Compre agora e leia](#)



BOSTON

**A MAIS LONGA
DAS MARATONAS**



Boston: a mais longa das maratonas

Xavier Filho, Sérgio

9788554500139

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

O jornalista e maratonista Sérgio Xavier Filho perseguiu, durante anos, a Maratona de Boston. Este livro é o relato de sua busca pelo índice, mas também é a história de todos que um dia correram esta maratona e dos que ainda sonham em concluí-la. A corrida em Massachusetts, nos Estados Unidos, tem uma trajetória rica de cenários e personagens, como o empenho de John A. Kelley, a bravura de Kathrine Switzer, a garra de Roberta Gibb, a farsa de Rosie Ruiz, o duelo de Alberto Salazar e Dick Beardsley e a superação após o atentado em 2013. Um livro pessoal, mas também jornalístico, histórico e, acima de tudo, inspirador sobre a maratona mais antiga do mundo, que também é sinônimo de transformação, tradição e sobrevivência.

[Compre agora e leia](#)

Patricia Julianelli



com muito prazer e sem neura



Boca livre

Julianelli, Patricia

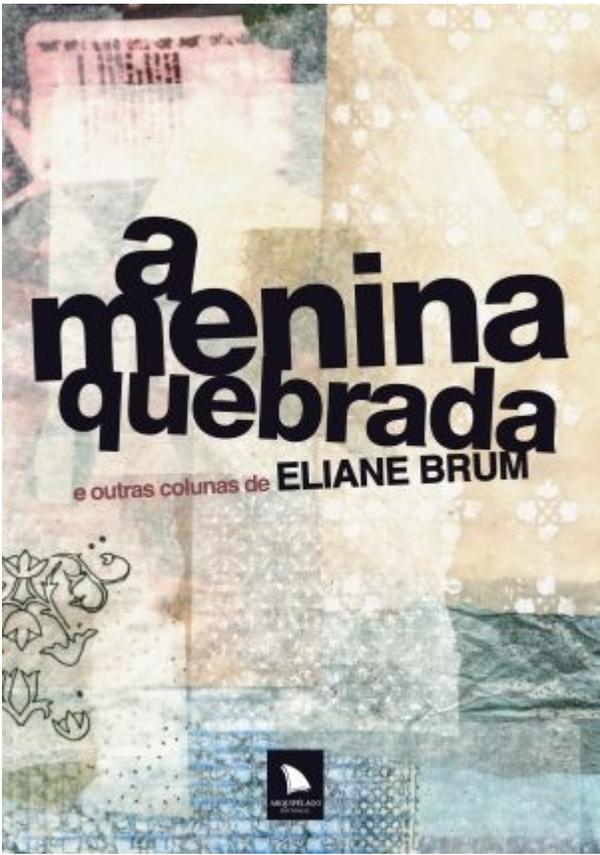
9788560171965

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jornalista, corredora e especialista em alimentação saudável, Patricia Julianelli oferece um caminho possível para quem quer manter a forma e a saúde sem abrir mão do prazer de comer. Desviando de regras tirânicas e fórmulas milagreiras, a autora propõe uma relação mais harmoniosa com a "comida de verdade" — aquela que é ao mesmo tempo nutritiva e saborosa. Na defesa do esporte como melhor acompanhamento de uma dieta balanceada, Boca livre traz dicas valiosas para uma rotina prazerosa de exercícios. E inclui o treino mental como terceiro pilar de uma equação de difícil equilíbrio, mas essencial para se viver melhor.

[Compre agora e leia](#)



a menina quebrada

e outras colunas de **ELIANE BRUM**



A menina quebrada

Brum, Eliane

9788560171460

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

"A segunda-feira pode ser uma provação ou um desafio. Para os leitores de Eliane Brum, jamais será um tédio. Logo pela manhã, eles encontram um olhar surpreendente sobre o Brasil, sobre o mundo, sobre a vida – a de dentro e a de fora. Eliane pode escrever sobre a Amazônia profunda, como alguém que cobre a floresta desde os anos 90; ou pode provocar pais e filhos, com uma observação aguda das relações familiares marcadas pelo consumo; ou pode apalpar as formas de um Brasil cada vez mais evangélico; ou pode refletir sobre a ditadura da felicidade, que tanta infelicidade nos causa. Ela pode contar de Aaron Swartz, o gênio da internet que não queria ser milionário; de Eike Batista, um "superpai" muito diferente do pai do Thor da ficção; de como Lula esqueceu-se de que é perigoso gostar tanto assim de adulação. Ou pode alinhar delicadezas ao testemunhar o momento exato em que uma criança descobre que até as meninas quebram. Parece até que não é uma Eliane só, mas muitas. O que não muda são a profundidade e a seriedade com que ela trata cada tema. O que não é surpresa é seu enorme talento para enxergar muito além do óbvio. Nas segundas-feiras de Eliane Brum, a vida pode ser tudo, menos rasa. Menos

lugar-comum. Essa combinação rara transformou sua coluna de opinião no site da revista Época em um fenômeno de audiência. Este livro reúne seus melhores textos e dá ao leitor uma fotografia do nosso tempo, visto pelo olhar de uma repórter que observa as ruas do mundo disposta a ver. E que escreve para desacomodar o olhar de quem a lê."

[Compre agora e leia](#)

ELIANE
BRUM

A VIDA QUE NINGUÉM VÊ



VENCEDOR DO PRÊMIO JABUTI 2007
MELHOR LIVRO DE REPORTAGEM



A vida que ninguém vê

Brum, Eliane

9788560171378

204 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma repórter em busca dos acontecimentos que não viram notícia e das pessoas que não são celebridades. Uma cronista à procura do extraordinário contido em cada vida anônima. Uma escritora que mergulha no cotidiano para provar que não existem vidas comuns. O mendigo que jamais pediu coisa alguma. O carregador de malas do aeroporto que nunca voou. O macaco que ao fugir da jaula foi ao bar beber uma cerveja. O álbum de fotografias atirado no lixo que começa com uma moça de família e termina com uma corista. O homem que comia vidro, mas só se machucava com a invisibilidade. Essas fascinantes histórias da vida real fizeram formar uma obra que emociona pela sensibilidade da prosa de Eliane Brum e pela agudeza do olhar que a repórter imprime aos seus personagens – todos eles tão extraordinariamente reais que parecem saídos de um livro de ficção.

[Compre agora e leia](#)